



The White Nationalist Manifesto

GREG JOHNSON

ÍNDICE

1 ... Introdução

NACIONALISMO BRANCO

2 ... Extinção Branca

3 ... Genocídio Branco

4 ... Acabando com o Genocídio Branco

5 ... No Curto Prazo

6 ... Restaurar as Pátrias Brancas

7 ... O Etno-estado

CONCEITOS BÁSICOS

8 ... Brancura

9 ... Supremacismo

10 ... O Que Está de Errado Com a Diversidade?

11 ... Homogeneidade

12 ... Brancopia

CONSTRUINDO UM MOVIMENTO

13 ... Políticas, Metapolíticas e Hegemonia

14 ... Um Ethos Vencedor

15 ... A Relevância da Antiga Direita

16 ... O Nacionalismo Branco é Inevitável

Leituras Recomendadas

INTRODUÇÃO

O que você faria se amanhã de manhã soubesse que tinha uma semana para viver, mais sete dias, e depois sem futuro? O mundo continuaria, mas você não estaria nele. A princípio, a maioria das pessoas sentiria choque e tristeza. Alguns afundariam em desespero. Alguns podem até matar-se imediatamente, ao invés de esperar. Mas para a maioria de nós, o choque inicial se dissiparia, e nos despediríamos, organizaríamos os nossos assuntos e descobriríamos o que fazer com o tempo restante.

Obviamente, haveria pouco sentido em pensar muito à frente. Alguns tornar-se-iam intensamente religiosos, esperando prolongar sua existência, mas a maioria provavelmente voltar-se-ia para a auto-satisfação a curto prazo. A maioria das pessoas não gosta dos seus empregos, então eles escolheriam não passar cinco dos últimos sete dias na Terra a trabalhar, independentemente de quem deles dependesse. Mas eles podiam fumar, beber, comer *junk food*, usar drogas pesadas, jogar, repreender pessoas com frequência e até cometer crimes sem medo de consequências a longo prazo. Muitas pessoas podem, é claro, resistir a essas tentações porque gostariam de ser bem lembradas pelas pessoas que deixam para trás. Mas muito poucas pessoas estão dispostas a se comportar de maneira digna, de maneira auto-contida ou moralmente correcta, simplesmente como um fim em si, sem incentivos externos.

Agora imagine que não apenas você, mas toda a raça humana receberá uma sentença de morte amanhã. Os telescópios revelam um asteroide maciço em rota de colisão com a Terra, um asteroide muitas vezes o tamanho do objeto que os cientistas acreditam ter causado a extinção dos dinossauros. Se toda a raça humana morrer, sem ninguém para manter nossos valores ou se lembrar de nós quando partirmos, não há dúvida de que haveria um imenso aumento no comportamento hedonista, niilista e anti-social. A ordem social é sempre ameaçada por uma multidão criminosa que deve ser constantemente policiada e suprimida. Então, imagine o que aconteceria em apenas alguns dias se essa população fosse inchada por milhões de niilistas desanimados e os policiais e guardas da prisão que os mantêm contidos, apenas decidam não aparecer para trabalhar.

As coisas começam a desmoronar no presente imediato, assim que as pessoas perdem a esperança para o futuro.

O que isso tem a ver com o nacionalismo branco? O declínio demográfico branco está extremamente avançado nos Estados Unidos. Os brancos passaram de cerca de 90% da população dos EUA em 1965, para cerca de 60% hoje, e em muitos locais e

faixas etárias já somos uma minoria. Projeta-se que os brancos caiam para menos de 50% da população por volta de 2042. Em uma democracia, isso inevitavelmente significa desempoderamento político.

Vozes autoritárias declaram que o declínio demográfico branco é inevitável e o saúdam como um triunfo da justiça racial. Os multiculturalistas tentam pintar uma imagem cor de rosa e um futuro colorido como arco-íris no qual os brancos são uma minoria. Mas os brancos estão cada vez mais cépticos. Esquerdistas e não-brancos já estão a festejar como que se estivessem em 2042, gabando-se abertamente do declínio dos brancos e até da sua extinção, ansiosos para dançar no túmulo da América branca. É cada vez mais óbvio que essas pessoas realmente odeiam-nos. Se os americanos brancos querem ver como é a vida como uma minoria desprezada em uma sociedade maioritariamente não-branca, eles precisam apenas de olhar para a África do Sul de hoje, que também foi apresentada como uma nação arco-íris.

E os brancos estão a entender a mensagem. No sistema atual, não temos futuro e estamos agindo de acordo como tal. A perda de esperança para o futuro é o que une toda uma série de patologias sociais que afetam os americanos brancos. Depois de aumentar constantemente por séculos, as expectativas de vida dos brancos estão diminuindo, algo que esperaríamos apenas em tempos de guerra, fome, pragas ou colapso social.

No nosso caso, no entanto, o colapso foi espiritual. Quando as pessoas perdem a esperança para o futuro, não faz sentido ir para a faculdade, casar, iniciar famílias, investir nos filhos, criar negócios, seguir carreiras ou pensar em devolver algo à sociedade. Em vez disso, faz sentido recorrer ao hedonismo de curto prazo: pornografia, videogames, bebidas, drogas, sexo casual, etc. As pessoas estão cada vez mais a falhar em amadurecer, a falhar em iniciar, a falhar em construir relacionamentos, a falhar em ter vidas. Mas a auto-indulgência a curto prazo não nos pode fazer felizes. Assim, vemos taxas crescentes de alienação, solidão, uso de antidepressivos, overdose de drogas, alcoolismo e suicídio.

Não há razão para pensar que os resultados do declínio demográfico dos brancos sejam diferentes em outros países brancos. Todo o *establishment* político em praticamente todos os países brancos está comprometido com as políticas que estão impulsionando o declínio demográfico dos brancos: a destruição da família e a difamação da maternidade; a promoção do hedonismo e do egoísmo; incentivar o multiculturalismo, a mistura de raças e a imigração de substituição de raças; e o culto à "diversidade", que é apenas um eufemismo para substituir brancos por não-brancos.

Se os brancos não têm futuro no sistema atual, simplesmente precisaremos criar um novo. Esse é o objetivo do Nacionalismo branco. Para dar ao nosso povo um futuro novamente, precisamos de uma nova visão política e nova liderança política.

Quem são os nacionalistas brancos? Somos brancos que decidiram voltar a ter um futuro e que desejam dar um futuro ao resto de nosso povo. Reconhecemos que o declínio branco tem causas e soluções políticas. Somos maduros o suficiente para

entender que não podemos resolver esses problemas como indivíduos, mas se um número suficiente de nós trabalharmos juntos, podemos mudar o mundo.

O Nacionalismo branco é uma forma de política de identidade branca. A política de identidade branca, no mínimo, significa que os brancos se consideram membros de um grupo étnico, com interesses coletivos, e defendem esses interesses contra grupos conflitantes na esfera política. Actualmente, o tabu político mais poderoso em todo o mundo branco é contra a política de identidade branca. Assim como os partidos de esquerda e direita estão unidos em seu compromisso com o multiculturalismo e a política de identidade para não-brancos, eles estão igualmente unidos em sua oposição à política de identidade para os brancos.

A política de identidade branca pode, é claro, existir dentro de uma sociedade multicultural e multirracial. Por exemplo, "supremacismo branco" é uma ordem política na qual os brancos impõem seu governo e padrões a pessoas de outras raças.

O nacionalismo branco, no entanto, não é supremacismo branco, porque procuramos substituir sociedades multirraciais e multiculturais por pátrias raciais e culturalmente homogêneas, que chamamos de "étno-estados". O étno-nacionalismo é um direito universal possuído por todas as raças e povos. O nacionalismo branco é étno-nacionalismo para os brancos. Nacionalismo branco significa simplesmente o direito de todos os povos brancos a pátrias soberanas. Reconhecemos que algumas pessoas podem não querer exercer esse direito. Para outros, como tribos pequenas e primitivas, exercitá-lo pode não ser possível. Mas se um povo escolhe a auto-determinação nacional, ninguém tem o direito de se opor a ele.

O nacionalismo branco é muitas vezes incompreendido ou deturpado como nacionalismo para brancos genéricos, em oposição a grupos étnicos brancos específicos. Mas não existe uma pessoa branca genérica. Neste mundo, todos os brancos pertencem a grupos étnicos específicos. Mesmo sociedades coloniais como os Estados Unidos não criam brancos genéricos, mas novas identidades étnicas: americanos, canadenses etc. O nacionalismo branco significa auto-determinação para todos os povos brancos, não apenas brancos genéricos, assim como salvar os rinocerontes significa salvar todas as subespécies específicas de rinocerontes, e não algum tipo de rinoceronte genérico.

O meu argumento a favor do nacionalismo branco é baseado na crise demográfica branca. Os brancos em todos os países têm taxas de natalidade abaixo do limite da substituição, geralmente combinadas com miscigenação e imigração generalizadas por populações não-brancas mais férteis. Se essas tendências não forem interrompidas, os brancos perderão o controle de nossas pátrias históricas e, eventualmente, simplesmente deixarão de existir como uma raça distinta.

Todas as principais causas de extinção biológica se aplicam aos brancos hoje em dia, e como essas causas de extinção resultam de políticas, é significativo falar não apenas de **extinção de brancos**, mas de **genocídio de brancos**. Estes são os tópicos dos capítulos 2 e 3 sobre "Extinção branca" e "Genocídio branco".

Para parar o genocídio branco, precisamos mudar as políticas que o promovem. Precisamos substituir nossos líderes antes que eles nos substituam a nós. Então, devemos criar pátrias brancas com políticas pró-natais, para que nossa raça em toda a sua diversidade genética e cultural possa sobreviver e florescer novamente. Em suma, precisamos do nacionalismo branco. Este é o tópico do Capítulo 4, "Acabando com o genocídio dos brancos".

A extinção de brancos é, obviamente, um perigo a longo prazo. Mas muitos horrores nos aguardam no futuro próximo se o declínio demográfico branco não for interrompido. Este é o tópico do Capítulo 5, "No curto prazo".

Para criar ou restaurar étno-estados brancos, grupos diferentes que compartilham os mesmos territórios devem-se separar. Isso requer mover fronteiras e pessoas. No capítulo 6, "Restaurando pátrias brancas", defendo que o processo de separação racial que nossos inimigos estigmatizam como "limpeza étnica" não precisa ser rápido, violento ou desumano.

No capítulo 7, "O Etno-estado", esclareço o conceito do étno-nacionalismo e vislumbramos uma alternativa étno-nacionalista à globalização.

Na segunda parte, "Conceitos básicos", esclareço cinco ideias fundamentais: o capítulo 8, "brancura", trata de objeções à própria ideia de brancura. O capítulo 9, supremacia com a distinção entre nacionalismo branco e supremacismo branco. O capítulo 10, "O que há de errado com a diversidade?", explica porque a diversidade é um problema para qualquer sociedade. Na verdade, argumento que, mesmo que os brancos não estivessem em extinção, os problemas com a diversidade ainda constituem um caso para o étno-nacionalismo. O oposto da diversidade é "Homogeneidade"; portanto, no capítulo 11, explico o que os nacionalistas brancos querem dizer com esse termo. Finalmente, no capítulo 12, "brancopia", discuto a questão do utopismo: quem é culpado de fantasias políticas utópicas, nacionalistas brancos ou multi-culturalistas?

Na Parte Três, "Construindo um Movimento", descrevo características do movimento cultural e político necessário para tornar o Nacionalismo branco uma realidade. No capítulo 13, "Política, meta-política e hegemonia", defino como seria a vitória e como chegar lá. O capítulo 14, "Um Ethos vencedor", estabelece algumas regras simples que permitirão ao movimento nacionalista branco tornar-se maximamente poderoso e persuasivo. No capítulo 15, "A relevância da antiga direita", explico por que os nacionalistas brancos precisam se distanciar do nacional-socialismo, do fascismo e de movimentos políticos semelhantes aos quais nossos inimigos e muitos de nossos amigos tentam continuamente nos conectar. Finalmente, no capítulo 16, "O nacionalismo branco é inevitável", termino com razões para me sentir otimista em relação à nossa causa.

Eu acredito que este livro tem algo a oferecer aos patriotas brancos de todas as nações. Mas o facto de eu ser americano inevitavelmente cora minha perspectiva, principalmente na Parte III. Acredito que nosso movimento precisa enfatizar a

"meta-política", isto é, criar as condições necessárias para o sucesso político, onde quer que essas condições não existam. Mas onde tais condições existem, por exemplo, em países como Itália, Polónia e Hungria, o foco dos partidos etno-nacionalistas-populistas deve estar na conquista do poder político. Mas nos Estados Unidos e no resto da Anglosfera, assim como na maior parte do norte e oeste da Europa, as condições meta-políticas ainda não estão corretas. O objetivo deste livro, que é um ensaio em meta-política, é ajudar a mudar isso.

A maior dificuldade que encontrei ao escrever este manifesto é o sentimento de que estava me repetindo. A maioria das ideias e muitas das palavras deste livro será familiar para os leitores dos meus cinco livros anteriores, o meu novo livro *Toward a New Nationalism* (que considero um volume complementar deste manifesto) e vários escritos on-line não colectados. Mas prefiro pensar em meus trabalhos anteriores como um ensaio para este manifesto. O objetivo deste livro não é ser novo, mas oferecer uma síntese clara, concisa e persuasiva dos argumentos que venho desenvolvendo há mais de uma década.

UMA NOTA SOBRE CITAÇÕES

O primeiro rascunho deste manifesto foi repleto de notas de rodapé contendo URL's para artigos on-line, incluindo artigos sobre conceitos básicos como extinção, fertilidade por substituição e soberania. Mas ocorreu-me que ninguém iria olhar de soslaio e laboriosamente um longo URL para visitar essas páginas. Em vez disso, basta digitar algumas palavras-chave em um mecanismo de pesquisa. Em qualquer um deles pode fazer com qualquer conceito ou afirmação deste livro. Assim, essas notas eram desordenadas e supérfluas. Se você deseja saber mais sobre qualquer tópico mencionado aqui, recomendo que você comece pesquisando na Internet. Guardei apenas notas de citações textuais (embora também sejam fáceis de pesquisar on-line) e fontes específicas que podem não aparecer na primeira página dos resultados da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a John Morgan, Michael Polignano e Kevin Slaughter por ajudarem a publicar este livro.

Quero agradecer a MH pela impressionante imagem da capa.

Agradecimentos especiais a A. Graham, que salvou esse projeto de atrasos significativos, intervindo no final para concluir o índice.

Sou grato a Kerry Bolton, F. Roger Devlin, Ricardo Duchesne, Andrew Hamilton e Tito Perdue por suas frases promocionais.

Desejo também agradecer a HC, Aedon Cassiel, Collin Cleary, F. Roger Devlin, Ricardo Duchesne, Andrew Hamilton, R. Houck, Margot Metroland, Spencer Quinn, CB Robertson, JS, Donald Thoresen, Irmin Vinson, Michael Walker, Cooper Ward, Weev, David Yorkshire e Z Man por seus comentários e críticas.

Agradeço a Kerrick pela epígrafe.

Agradecimentos especiais a Tito Perdue, Alexander Lindmark, SLM, TR, SJ, EAW e vários doadores anônimos por seu patrocínio, sem os quais este livro não teria sido possível.

Finalmente, devo agradecer aos escritores, leitores, comentadores e apoiadores que tornam possível a Contra-Corrente.

Este livro é dedicado a Kevin MacDonald, J. Philippe Rushton e Jared Taylor: amigos e exemplos que ajudaram a estabelecer as fundações.

Seattle, 19 de agosto de 2018

Esta segunda edição é essencialmente inalterada. Apenas corrigi alguns erros de digitação e frases estranhas. Eu também atualizei várias referências. Desejo agradecer a vários leitores anônimos por apontar esses problemas.

Budapeste, 12 de agosto de 2019

EXTINÇÃO BRANCA

Os nacionalistas brancos acreditam que o actual sistema social e político colocou nossa raça no caminho da extinção biológica. Se as tendências actuais não forem revertidas, os brancos desaparecerão como uma raça distinta.

Para muitos brancos, isso soa como uma afirmação absurda e alarmista, dado que actualmente ainda existem entre 700 milhões e 1 bilião de pessoas brancas no planeta. Parte desse cepticismo é simplesmente a negação psicológica diante de uma perspectiva desagradável. Os não-brancos raramente mostram cepticismo em relação à extinção de brancos. De facto, nossos inimigos tomam como certo o nosso eventual desaparecimento e gabam-se abertamente do nosso declínio.

Desejo argumentar, no entanto, que a extinção branca não é uma fantasia alarmista, mas um facto alarmante, esta é a inevitável conclusão de uma análise sóbria e informada.

Já os meus olhos se esvaiam quando alguém recorre a modelos matemáticos, tabelas, gráficos e jargões técnicos, construirei meu argumento nos termos mais simples possíveis. Primeiro, argumentarei apenas que a extinção branca é uma ideia plausível, não exagerada e não fantasiosa. Argumentarei então que, se as tendências actuais continuarem, a extinção dos brancos não é apenas possível, mas inevitável.

Em termos biológicos, a raça branca é uma subespécie da espécie humana maior, *Homo sapiens*. Quando uma espécie é extinta, isso inclui todas as suas subespécies, é claro. Mas quando uma subespécie é extinta, outras subespécies da mesma espécie ainda podem sobreviver. Ambas as espécies e subespécies se extinguem por causa das mesmas causas. Do ponto de vista dos biólogos da conservação, a extinção de uma subespécie deve ser combatida tão inflexivelmente quanto a extinção de uma espécie inteira. E de facto, uma espécie perece (ou é salva) em uma subespécie de cada vez.

Para economia de expressão, falarei simplesmente da extinção de espécies. Mas quando me refiro especificamente à extinção dos brancos, deve-se entender que estou a referir-me a uma subespécie da humanidade.

Os biólogos afirmam que até 99,9% das espécies que já existiram neste planeta estão extintas. Além disso, muitas espécies extintas desfrutavam de vantagens enormes sobre os brancos. Por exemplo, a maioria das espécies extintas existia há muito mais tempo do que a nossa raça antes de enfrentar a extinção. A expectativa de vida média

de uma espécie é de 10 milhões de anos, enquanto os brancos existem há apenas 40.000 anos.

Algumas espécies extintas também existiam em números muito maiores do que os brancos de hoje. Por exemplo, em 1866, um único bando de *pombos passageiros* na sua migração foi observado no sul de Ontário. O bando tinha 1 milha de largura, e 300 milhas de comprimento e levou 14 horas para passar. Estima-se que tenha contido 3,5 bilhões de aves, o que representa entre 3,5 a 4 vezes a população branca inteira do mundo hoje (Ano 2019). Menos de 50 anos depois, no entanto, toda a espécie foi extinta devido à caça e perda de habitat. Em 1914, Martha, o último *pombo passageiro* do mundo, morreu no zoológico de Cincinnati. Em 1875, um enxame de gafanhotos das Montanhas Rochosas cobriu 198.000 milhas quadradas (maior que a área da Califórnia). Estima-se que contenha 12,5 trilhões de insectos. Decorridos 30 anos, a espécie foi extinta.

Algumas espécies vivas existem há muito tempo. O caranguejo ferradura existe há 450 milhões de anos. O peixe celacanto existe há 400 milhões de anos. A lampreia existe há 350 milhões de anos. O lagarto tuatara da Nova Zelândia existe há 200 milhões de anos.

Mas, com base na história natural, podemos dizer que, simplesmente em virtude da existência, existe uma chance de 99,9% de nossa raça se extinguir. Se queremos estar entre os sobreviventes de longo prazo, certamente não podemos depender apenas da sorte.

Os seres humanos (especialmente os brancos) têm uma vantagem sobre outras espécies: a nossa inteligência e criatividade podem nos ajudar a descobrir e derrotar as causas da extinção. De facto, somos as únicas espécies deste planeta que podem aspirar a se tornar imortais através da ciência, tecnologia e governação sábia.

Infelizmente, a nossa inteligência agora está sendo usada para criar condições artificiais que promovem a extinção dos brancos. As extinções são divididas em naturais (como os dinossauros) e artificiais (como o *dodo* e o *pombo passageiro*). A extinção dos brancos não é natural, mas sim feita pelo homem. Assim, se a nossa raça quiser sobreviver, a primeira coisa que devemos fazer não é derrotar a natureza, mas outros homens.

Extinção não é meramente a morte de todos os membros de uma raça. Afinal, todo ser vivo morre. Mas se todos os membros de uma raça morrem sem se substituírem, a raça torna-se extinta. Portanto, a extinção não é meramente a morte (que mais cedo ou mais tarde chega a todos nós) mas a falha na reprodução. A extinção é inevitável se uma raça não consegue reproduzir-se. Extinção é apenas falha na reprodução.

Para que a população branca existente se reproduza, cada casal deve ter em média 2,1 filhos, 2 filhos para se substituir e 0,1 para substituir a raça, assumindo a folga daqueles que não conseguem reproduzir-se.

A imagem de um família "normal", (pai, mãe e dois filhos) é, na verdade, o rosto feliz

e sorridente da aniquilação racial, pois se a sub-substituição persistir por um tempo um pouco prolongado (se mais pessoas morrerem do que nascem), a nossa raça acabará por deixar de existir. Se você retirar mais dinheiro da sua conta do que investiu, seu saldo chegará a zero. Isto é aritmética básica.

Ter um terceiro filho é a diferença entre contribuir para a morte lenta da nossa raça ou para seu crescimento saudável. Assim, os nacionalistas brancos precisam fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para criar uma nova imagem “normal” da família branca de três filhos, em oposição à família de um ou dois filhos. Infelizmente, as taxas de nascimento dos brancos como um todo e em todos os países brancos está muito abaixo da substituição, o que significa que a extinção da raça branca é inevitável se as tendências actuais não forem revertidas.

Quais são as causas da falha reprodutiva, isto é, a extinção? Os biólogos dão quatro causas básicas:

- **Perda de habitat**, o ambiente necessário para sustentar e reproduzir as espécies. A perda de habitat pode ocorrer por meio de mudanças geológicas ou climáticas repentinas ou lentas, a perda de fontes de alimentos, etc.
- **Espécies invasivas**, significando competição por recursos por outras espécies no mesmo nicho ecológico.
- **Hibridização**, também conhecida como "poluição genética" o que significa que há reprodução, mas não a reprodução de uma espécie de tipo biológico distinto. A hibridação só é possível se uma espécie suficientemente semelhante, invade um nicho ecológico da outra.
- **Predação excessiva**, significa que uma espécie é morta por predadores mais rapidamente do que pode se reproduzir. A predação inclui epidemias. A predação excessiva é, de facto, genocídio: a morte de um grupo inteiro. O genocídio pode, no entanto, ser dividido em variedades quentes e frias. O genocídio quente é o extermínio rápido e violento de um grupo. O genocídio a frio é a lenta destruição de um grupo simplesmente estabelecendo condições que impossibilitam a sua sobrevivência a longo prazo. O genocídio a frio poderia, portanto, incluir também outras causas de extinção: perda de habitat, espécies invasoras e hibridação.

Todas essas causas de extinção podem ser naturais ou provocadas pelo homem.

Agora vamos examinar nossa extinção em andamento em termos dessas quatro causas biológicas.

Perda de habitat: a conquista contínua da natureza através da ciência e da tecnologia parece estar expandindo os habitats brancos. O homem pode viver nos polos norte e sul, no fundo dos oceanos e até no espaço. É concebível que um dia seremos capazes

de transformar outros planetas em habitats humanos.

Mas há uma sensação de que a reprodução dos brancos está sofrendo devido à perda de habitat: os brancos não se reproduzem em ambientes inseguros, e uma das maiores causas de ambientes de criação inseguros é a presença de não-brancos. Assim como os pandas não se reproduzem bem em cativeiro, os brancos não se reproduzem bem em ambientes diversos.

No passado, os brancos tinham altas taxas de natalidade enquanto cercados por não-brancos. Mas esses não-brancos foram escravizados ou subordinados de outra forma e forçados a imitar os padrões de comportamento dos brancos. Portanto, os brancos sentem-se inseguros em relação a populações não-brancas livres e não assimiladas, como encontramos nas sociedades multiculturais modernas.

A busca por espaços de reprodução brancos seguros é uma das forças motrizes por trás da sub-urbanização e ex-urbanização após o colapso da supremacia branca, a emancipação de populações indígenas não-brancas e a inundação de terras brancas por imigrantes não-brancos.

Espécies invasivas: os brancos em praticamente todos os países estão enfrentando uma competição demográfica de imigrantes não-brancos. Mesmo que a imigração não-branca seja parada, os brancos ainda enfrentarão a concorrência demográfica das populações não-brancas existentes, que geralmente são mais férteis.

Hibridização: mistura de raças ou miscigenação é uma forma de reprodução, no sentido de que ambas as partes transmitem seus genes para a próxima geração. Mas é simultaneamente uma causa de extinção racial, pois falha em reproduzir o tipo racial. A miscigenação é inevitável se diferentes raças humanas puderem associar-se livremente no mesmo ambiente. Portanto, no passado, quando a integridade racial era valorizada, havia barreiras sociais e legais à miscigenação nas sociedades multirraciais. Essas barreiras foram removidas.

Hoje, no entanto, as pessoas não são apenas "livres" para se miscigenar. Mas a miscigenação é ativamente incentivada pela mídia e pelo sistema educativo.

A miscigenação também está a ser imposta aos brancos pelo estupro interracial, que quase sempre é praticado por homens não-brancos em mulheres brancas. Essa forma de estupro também está sendo activamente promovida por fenómenos culturais como a pornografia e a constante promoção do ressentimento não-branco em relação aos brancos, e por políticas sociais que incentivam a imigração não-branca, a integração de populações brancas e não-brancas e falha em policiar adequadamente e punir criminosos não-brancos.

Predação: actualmente, os brancos não estão a ser submetidos a genocídio rápido, quente e generalizado, mas a presença de grandes populações não-brancas, hostis, violentas, não segregadas e mal policiadas contribui para a extinção dos brancos, causando o assassinato de crianças brancas e adultos férteis e fazendo com que outros brancos restrinjam a sua fertilidade por causa de ambientes reprodutivos inseguros.

No caso da extinção branca, todas essas causas são feitas pelo homem. Os brancos sofrem perda de habitat, invasão, hibridação e predação por não-brancos por causa de políticas sociais que desmantelaram a supremacia branca e a segregação nas sociedades multirraciais; promoveu imigração não-branca para sociedades anteriormente brancas; removeu barreiras à miscigenação e a encorajou activamente; e promoveu a predação não-branca contra brancos derrubando barreiras entre as raças e falhando adequadamente em policiar e punir não-brancos quando cometem crimes.

Existem também causas ideológicas, económicas e tecnológicas de extinção dos brancos.

As causas ideológicas são simplesmente ideias, incluindo valores, que promovem o fracasso reprodutivo, por exemplo: hedonismo, individualismo, celibato, feminismo, anti-natalismo, denegrir a vida em família, demonização generalizada e culpa branca.

As causas económicas incluem o aumento dos custos de formação da família. Isso é causado principalmente pela integração racial, que é a força motriz da sub-urbanização e ex-urbanização, já que os brancos buscam espaços seguros para criar famílias. A indústria de imigração e offshoring (produção num país estrangeiro) não-branca também reduz os salários dos brancos.

Certamente, os brancos continuariam fazendo sexo apesar desses factores ideológicos e económicos, para que não representassem sérias ameaças à sobrevivência dos brancos, não fosse por um factor tecnológico: a disponibilidade de controle de natalidade barato e confiável.

O controle voluntário da natalidade também é fortemente disgénico, porque requer pensamento a longo prazo e controle de impulsos. Além disso, é muitas vezes motivado por um senso de responsabilidade social e ecológico. Na medida em que todas essas características são hereditárias, o controle voluntário da natalidade significa que as gerações futuras serão desproporcionalmente geradas pelos impulsivos, estúpidos e moralmente irresponsáveis. Brancos e asiáticos com alto Q.I. limitaram drasticamente a sua fertilidade, a ponto das sociedades menos férteis estarem na Europa e no Extremo Oriente. As sociedades mais férteis estão na África, em que se prevê que a população deverá dobrar até ao final do século actual. Se o declínio demográfico branco não for interrompido, as pessoas que menos se importam com o planeta Terra serão as que a herdarão.

GENOCÍDIO BRANCO

Até agora, estabeleci que a extinção de brancos é uma ameaça real. Mas alguns nacionalistas brancos querem dar um passo adiante, argumentando que nossa raça está sendo intencionalmente levada à extinção, ou seja, que os brancos são os alvos do genocídio. Essa alegação também é descartada como alarmista, e até louca. No entanto, argumentarei que o genocídio dos brancos está realmente a acontecer. Há pessoas em posições de poder que estão a promover políticas que sabem de antemão que levarão a raça branca à extinção. A menos que, é claro, paremos com elas.

Para estabelecer a tese do genocídio branco, precisamos fazer três coisas. Primeiro, precisamos estabelecer que uma das formas de genocídio é um processo lento de suprimir um grupo étnico, levando-o finalmente à extinção. Segundo, precisamos mostrar que a extinção branca não é uma força misteriosa da natureza, mas o resultado de escolhas e ações humanas. Terceiro, precisamos mostrar que a extinção de brancos não é apenas uma consequência imprevista e não intencional dessas políticas, mas sim, o seu efeito deliberado e intencional.

Parece contra-intuitivo afirmar que os brancos são vítimas de genocídio. Os brancos não estão a ser massacrados aos milhões, que é a imagem que a maioria das pessoas tem de genocídio. Para todas as aparências, a nossa raça é poderosa, próspera e populosa. Mas os defensores da tese do genocídio branco apontam para a Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, de 1948, que no Artigo 2º, define genocídio como:

... Qualquer dos seguintes actos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, um grupo étnico, um grupo racial ou um grupo religioso, como tal:

- (a) Matar membros do grupo;
- (b) Causar danos corporais ou mentais graves aos membros do grupo;
- (c) Infligir deliberadamente ao grupo as condições de vida calculadas para provocar a sua destruição física total ou parcial;
- (d) Imposição de medidas destinadas a impedir nascimentos

- dentro do grupo;
- (e) Transferir forçosamente crianças de um grupo para outro grupo;

Ver o link abaixo para acesso directo ao documento da ONU:

<https://treaties.un.org/doc/Publication/UNTS/Volume%2078/volume-78-I-1021-english.pdf>

Essa definição de genocídio é muito mais ampla que um assassinato em massa. Em particular, as alíneas (c) e (d) são consistentes em caracterizar políticas como genocidas se destruírem um grupo lentamente, por longos períodos de tempo. Portanto, o genocídio ocorre de duas formas, que podemos chamar de genocídio rápido (quente) e, genocídio lento (frio). A extinção da branca cai na última categoria.

Como vimos, as causas da extinção dos brancos não são forças cegas da natureza, como um asteroide colidindo com a Terra. Todas foram criados por seres humanos. Algumas são bastante recentes, como o feminismo, incentivando as mulheres jovens a preferir carreiras à maternidade, pílulas anti-concepcionais, aborto legalizado e, derrube da segregação racial, das restrições de imigração e das proibições de miscigenação. Eles foram incubados nas mentes de intelectuais, artistas, cientistas, políticos, educadores e anunciantes. Eles tornaram-se reais mudando as crenças e os valores das pessoas e alterando as leis e instituições que nos governam.

Mas todas essas coisas podem ser alteradas. As pessoas poderiam ser ensinadas a valorizar a vida familiar em vez de egoísmo, hedonismo e carreira; o feminismo poderia ser desencorajado; o acesso ao controle de natalidade e ao aborto pode ser restrito; as leis poderiam ser alteradas para tornar a formação familiar acessível; separação racial, restrição de imigração e nacionalismo económico podem tornar-se políticas novamente; a miscigenação poderia ser desencorajada. De facto, os nacionalistas brancos apoiam essas políticas para impedir a extinção dos brancos.

Mas, para estabelecer a tese do genocídio dos brancos, precisamos mostrar que a extinção dos brancos é o resultado pretendido das políticas às quais nos opomos. Algumas causas de hedonismo de extinção de brancos, individualismo, feminismo, controle de natalidade, aborto são simplesmente produtos da busca pela liberdade individual. Outros, como a miscigenação e as consequências sociais da desagregação, imigração e globalização, são produtos da liberdade individual combinada com o igualitarismo racial. Portanto, não é possível que a extinção branca seja apenas a consequência não intencional do individualismo e do igualitarismo racial?

Claro que é possível e, em muitos casos, é verdade. A maioria das pessoas que

defendem o individualismo e o igualitarismo racial simplesmente não sabem que esses valores estão promovendo a extinção em curso da raça branca. O nosso trabalho é informá-los.

Mas quando essas pessoas são informadas, suas reações caem em várias categorias. Alguns simplesmente recusam-se a aceitar que a extinção branca está a ocorrer. Daqueles que aceitam que a extinção branca está realmente a acontecer, alguns desejam impedi-la e outros não. Desse último, alguns simplesmente não se importam, e outros realmente até incentivam o processo.

Há, no entanto, uma diferença entre as pessoas que podem aderir a políticas que promovem o genocídio dos brancos após o facto e as que podem conceber e executar essas políticas antes do facto e com a plena consciência das suas consequências. Que evidência existe de que o último grupo existe?

Primeiro, o ónus da prova precisa ser mudado. Pois é realmente plausível que os líderes de dezenas de nações brancas tenham adotado políticas semelhantes e opostas à sobrevivência a longo prazo de seus próprios povos, *e nenhum deles sabia o que estava a fazer?*

Sim, está na moda ridicularizar os políticos por pensar apenas em termos da próxima eleição. Mas isso não é verdade. Os políticos são, por exemplo, bastante clarividentes quando se trata das suas ambições e planos pessoais de carreira. Além disso, as nossas elites dominantes não consistem apenas em políticos eleitos democraticamente. Além de que, as elites dominantes em todas as formas da sociedade são conhecidas por pensar e planear com antecedência. Tanto agências de inteligência do governo quanto grupos de reflexão privados estão no negócio de gerar previsões de longo prazo com base nas tendências actuais e planear adequadamente. Portanto, não é plausível que nossos líderes não tenham conhecimento da extinção dos brancos. Ou eles não se importam com isso ou querem mesmo que isso aconteça.

Segundo, os judeus são uma minoria altamente influente na política, na mídia, nos negócios, na academia e nas profissões. Além disso, os judeus estão entre os principais promotores de tendências favoráveis ao genocídio dos brancos, como imigração maciça não-branca, integração racial, miscigenação, feminismo e libertação sexual. As organizações judaicas também lideraram o caminho para demonizar todo o activismo étnico pró-branco como "ódio". Se os brancos se comportassem dessa maneira em relação aos judeus, eles nos acusariam, com razão, de promover o genocídio. Simplesmente não é plausível que todos os judeus "não saibam o que fazem" quando promovem políticas prejudiciais nos países brancos de que lutariam com unhas e dentes em Israel.

A terceira e mais convincente evidência do genocídio branco é que as pessoas realmente dizem que o apoiam. Os defensores do genocídio dos brancos variam desde excêntricos marginais, como o Dr. Kamau Kambon, professor de Estudos Negros e proprietário da Blacknificent Books, que declarou: "Temos que exterminar os brancos da face do planeta" até o Dr. Noel Ignatiev, um Ph.D. judeu de Harvard e

o editor da revista *Race Traitor* (com o subtítulo *Traição à branquidade é lealdade à humanidade*) Ignatiev não fala de "exterminar" os brancos, mas apenas de "desconstruir" o conceito de brancura. Isso soa como um jogo de linguagem inofensivo até você entender isso. Ele acha que raça é apenas uma construção social. Quando os soviéticos falaram em "eliminar os kulaks como classe", isso era simplesmente um eufemismo para assassinatos em massa. Seria tolice pensar que Ignatiev está a propor algo diferente.

Mas os defensores mais comuns de genocídio branco simplesmente promovem a mistura racial como uma solução para o racismo.

Eles tacitamente concordam com os nacionalistas brancos que a diversidade racial dentro do mesmo sistema conduz a conflitos, e de modo a eliminar os conflitos, eles promovem a miscigenação para criar uma raça mista homogênea. O defensor mais influente do que eu chamo de "miscegenacionalismo" foi o Conde Europeia cujo pioneiro foi o Conde Richard Coudenhove-Kalergi, que era ele próprio de raça mista (o seu pai era branco, e a sua mãe japonesa). No seu livro *Idealismo Prático*, ele declarou:

O homem do futuro será de raça mista. As raças e classes de hoje desaparecerão gradualmente devido ao desaparecimento do espaço, tempo e preconceito. A raça euro-asiática-negróide do futuro, semelhante em aparência aos antigos egípcios, substituirá a diversidade dos povos por uma diversidade de indivíduos.

Finalmente, os defensores brancos alertam o nosso povo sobre a ameaça do deslocamento demográfico há quase um século. Por exemplo, *The Rising Tide of Color*, de Lothrop Stoddard, foi publicado em 1920. Os argumentos de Stoddard eram bem conhecidos. No entanto, em 1965, quando Lyndon Johnson assinou a Lei de reforma da imigração *Hart-Cellar* que abriu as fronteiras da América à imigração não-branca, o establishment americano ignorou os avisos sobre o deslocamento demográfico e aplacou o público com mentiras de que isso nunca aconteceria. Uma vez que o deslocamento demográfico não podia mais ser ignorado, o establishment passou de negá-lo a elogiá-lo como progresso, enquanto silenciava e marginalizava vozes dissidentes, recusando-se silenciosamente a impor os controles de imigração existentes e bloqueando todas as tentativas de impor novos controles.

Obviamente, as pessoas que dirigem a América querem deslocamento demográfico branco. Eles estão a promover o genocídio branco. E, por alguma estranha coincidência, os líderes de praticamente todas as outras nações brancas estão a promover as mesmas políticas.

Porque é importante estabelecer que a extinção dos brancos é realmente um genocídio dos brancos? É fácil entender por que as pessoas podem se esquivar de tal

verdade, pois implica que os brancos não são apenas vítimas de um erro medonho, ou de um "sistema" sociopolítico impessoal ou de um destino cósmico ou histórico desumano, mas de conhecer a malícia, inimizade de princípios e mal diabólico.

É difícil aceitar que esse mal exista, muito menos que deseje nossa aniquilação. Mas, se quisermos nos salvar, precisamos entender as forças que estão dispostas contra nós. Se as nossas tentativas de aumentar a consciência das pessoas e conquistar a sua lealdade acabam enfrentando não apenas a ignorância e a indiferença, mas também a malícia dura como um diamante, nós precisamos saber disso. Eventualmente, faremos todos os amigos que pudermos fazer, convenceremos todas as pessoas que pudermos persuadir, e apenas inimigos permanecerão (incluindo pessoas que são equivalentes morais de Stalin, Mao e Genghis Khan), inimigos que não podem ser convertidos, mas devem simplesmente ser derrotados.

ACABANDO COM O GENOCÍDIO BRANCO

Os brancos são uma raça em extinção. O que, então, devemos fazer para nos salvarmos? As mesmas coisas que são feitas para salvar quaisquer espécies ou subespécies ameaçadas. Devemos determinar porque os brancos estão a falhar em reproduz-se e depois combater essas causas. Nós temos de proteger-nos da perda de habitat, espécies invasoras, hibridação e predação.

De certa forma, é uma sorte que as causas da extinção dos brancos sejam feitas pelo homem, porque todas elas estão ao nosso alcance para corrigir. Há duas coisas que devemos fazer.

No curto prazo, precisamos aumentar as taxas de natalidade dos brancos até podermos implementar soluções de longo prazo.¹

Quando os colonos brancos chegaram à Virgínia pela primeira vez em 1607, nós pertencíamos a uma minúscula minoria neste continente. Mas nós finalmente o exploramos e assentamos, em parte porque atrás de nós havia o momento demográfico das populações em expansão na Europa. Seria uma ajuda enorme se os brancos tivessem esse tipo de vento demográfico em nossas velas novamente. A longo prazo, no entanto, temos que abordar as causas biológicas e culturais da extinção dos brancos.

As causas biológicas da perda de habitat de extinção dos brancos - espécies invasoras, hibridação e predação - podem ser endereçadas simplesmente criando o equivalente a reservas de vida selvagem para brancos: territórios nos quais os brancos podem se reproduzir livres das ameaças de espécies invasivas, hibridação e predação. Em resumo, precisamos criar ou restaurar pátrias homoganeamente brancas, seja movendo fronteiras ou movendo povos, ou seja, através de esquemas raciais de partição e secessão ou a remoção de populações não-brancas.

As causas culturais da extinção dos brancos podem ser tratadas por meio de educação e incentivos sociais: o individualismo pode ser substituído por uma ética de responsabilidade racial; a confusão de papéis sexuais pode ser eliminada pela reafirmação dos papéis sexuais tradicionais e biológicos (mulheres como mães e nutrizas, homens como protetores e provedores); a culpa branca e auto-aversão podem ser substituídas por orgulho branco e auto-afirmação; a formação familiar acessível pode ser uma pedra angular da política social, com incentivos especiais para ter mais filhos de pessoas com genes para alta inteligência, boa saúde e bom caráter moral; a opção do celibato, assim como o sexo não reprodutivo, também poderiam ser preservadas e promovidas para desencorajar a procriação por indivíduos com

problemas genéticos.

DEVEMOS NÓS PARAR O GENOCÍDIO BRANCO?

Alguém poderia objetar o que começa com a pergunta: “Como podemos salvar a raça branca?” ao invés da pergunta: “Será que devemos salvar a raça branca?”. É claro que os defensores do genocídio branco acham que não devemos. Mas eu não acho que podemos mudar a mente dessas pessoas. Mas inoves disso convencer a grande maioria das pessoas que já acreditam firmemente que (1) o genocídio é mau, (2) a extinção de espécies e subespécies de animais é trágica e (3) a sociedade deve estar disposta a impor custos e inconvenientes aos indivíduos para preveni-los.

É claro que um grande número de pessoas está convencido de que não seria trágico que os brancos fossem extintos por causa das coisas terríveis que os brancos fizeram ao longo da história. Mas, mesmo que todas essas acusações fossem verdadeiras, isso significa apenas que os brancos são uma forma perigosa de animal. Tal como tigres, leões e tubarões. Mas alguém generoso argumentaria que apenas essas espécies seriam extintas porque atacam e caçam os outros animais. É claro que ninguém protestou quando os últimos lotes do vírus da varíola foram destruídos. Mas alguém sustenta seriamente que os brancos são o equivalente moral da varíola? (Uma doença, aliás, que os brancos varreram da face do planeta).

A culpa branca é a raiz da causa da auto-aversão branca, o que em casos extremos leva a sentir que não seria uma grande tragédia se a raça branca simplesmente cessasse de existir. Mas existem um número de vícios sérios com viagens de culpa branca.

Primeiro, como Alain de Benoist apontou, os apelos à culpa branca quase sempre fazem parte de uma fraude moral, na qual pessoas que realmente não sofreram nada exigem expiação, dinheiro e privilégios de pessoas que realmente não as prejudicaram. Esses factos desconfortáveis são ocultados pelo facto de que todos os brancos são coletivamente responsabilizados pelos actos de algumas pessoas brancas, enquanto que todos os não-brancos reivindicam uma agressão coletiva por causa do sofrimento de alguns não-brancos nas mãos de brancos.

Mas se é legítimo que os brancos sintam culpa coletiva pelos crimes de algumas pessoas brancas, também não é legítimo que os brancos sintam orgulho coletivo pelas realizações de algumas pessoas brancas?² Se sou culpado por todas as coisas terríveis feitas por Hernán Cortés e Francisco Pizarro, porque não recebo crédito por todas as maravilhosas descobertas de Isaac Newton e Louis Pasteur?³

Esse é um pensamento subversivo, porque, se começarmos a contar todas as conquistas positivas dos brancos em ciência, tecnologia, medicina, artes, política, luta para salvar o mundo natural, etc., eles rapidamente superam todos os negativos, levando-nos a concluir que a extinção dos brancos seria uma grande tragédia para o planeta.⁴

Além disso, a culpa coletiva aplica-se apenas aos brancos? Apenas os não-brancos têm queixas coletivas? Apenas os não-brancos devem desculpas e reparações coletivas? Os asiáticos são coletivamente culpados pelas invasões mongóis da Europa? Os muçulmanos são coletivamente culpados pelas invasões muçulmanas da Europa? Os brancos devem coletivamente pedir desculpas e reparações? O mundo árabe deve reparações à África pela sua quota sua parte no tráfico de escravos? Os negros na África devem reparação aos negros no Novo Mundo pelo seu papel no tráfico de escravos? Ou, nestes casos, eles querem deixar o passado ser passado?

Além disso, as coisas pelas quais os brancos se devem sentir culpados tais como suicídio, escravidão, imperialismo, colonialismo, genocídio, destruição ambiental, etc., dificilmente são exclusivas dos brancos. Todas as outras raças envolveram-se nelas. Algumas ainda se envolvem nelas hoje.

Mais ainda, se os brancos superaram as outras raças em qualquer um desses crimes, isso ocorreu apenas porque eles não eram páreo para nossas proezas tecnológicas, comerciais e militares, que na verdade são virtudes. Então, quando somos criticados por derrotar outras raças na luta pelo poder, estamos sendo atacados tanto por nossas virtudes quanto por nossos vícios.

Finalmente, embora os brancos não tenham sido as únicas pessoas a praticar a escravidão, caçar animais até a extinção ou devastar o mundo natural, também somos a raça que liderou a abolição do comércio internacional de escravos, salvação de espécies ameaçadas e a proteção o meio ambiente.

Além disso, o colonialismo e o imperialismo não eram inteiramente ruins, pois quando abandonamos nossos impérios coloniais na África, a escravidão, o genocídio tribal e a devastação ambiental rapidamente ressurgiram. Nações não-brancas como a Índia e a China também são os maiores poluidores do mundo.

Portanto, se você quiser impedir a escravidão e o genocídio, salve a raça branca. Se você quiser salvar todas as outras espécies ameaçadas, salve a raça branca primeiro.

PORQUÊ NÃO PODEMOS PARAR BRUSCAMENTE COM O NACIONALISMO BRANCO

Algumas pessoas que aceitam que o genocídio branco é real e acreditam que temos o dever de impedi-lo podem considerar desnecessária a criação de pátrias homogeneamente brancas. Vamos considerar quatro desses argumentos.

Primeiro, alguns podem argumentar que é possível que os brancos sobrevivam sem pátrias ou poder político, uma vez que pequenas populações replicam dentro de populações não-brancas maiores. Infelizmente, as evidências históricas não suportam isso. As Tribos Brancas Perdidas de Riccardo Orizio lidam com seis desses grupos: os Burgueses Holandeses do Ceilão, os escravos alemães da Jamaica, os Confederados do Brasil, os Polacos do Haiti, os Basters (ou Bastardos) de Reheboth, Namíbia (África do Sudoeste) e o Blancs Matignon de Guadalupe, no Caribe. Em

todos os casos, essas populações foram perdidas por hibridação.⁵

Segundo, alguém poderia argumentar que as populações brancas residuais podem resistir à hibridação adotando atitudes altamente etnocêntricas e casando-se apenas com o grupo, como judeus e hindus. O problema com essa sugestão é que essas políticas não funcionaram para judeus ou hindus. Os judeus são uma população altamente miscigenada. Mas a identidade judaica pode sobreviver à miscigenação, uma vez que, de acordo com a lei judaica, um é judeu não por pura descendência judaica, mas apenas por uma gota do sangue de Abraão. No caso dos hindus, o sistema de castas foi adotado somente depois de muita mistura já ter ocorrido.

É claro que, como nacionalista branco, acho que é bom que os brancos adotem atitudes etnocêntricas e evitem qualquer mistura de raça. Mas essas atitudes não nos salvarão se formos reduzidos a pequenas populações politicamente impotentes e impotentes em um mar de não-brancos. Portanto, se adotássemos essas ideias hoje, a melhor maneira de implementá-las seria através da criação de pátrias homogeneamente brancas.

Terceiro, pode-se argumentar que a extinção de brancos não ocorrerá porque o nosso próprio declínio pode incluir mecanismos de auto-correção que eventualmente farão com que nossa população se estabilize ou cresça novamente. Agora que a família é difícil e desnecessária, o divórcio é fácil e o controle da natalidade e do aborto estão amplamente disponíveis, indivíduos que são inclinados por genes e cultura a não se reproduzirem ou a não se reproduzirem com sua própria espécie - simplesmente não.

Isso significa que as próximas gerações de brancos serão menores, mas serão cada vez mais compostas por pessoas predispostas a se reproduzirem e a se reproduzirem com sua própria espécie. Se isso for verdade, depois de um tempo, as taxas de natalidade branca aumentarão novamente. Assim, os brancos não serão extintos. Estamos apenas passando por um gargalo evolutivo que finalmente nos tornará imunes às forças que estão contra nós.

Eu acredito que esse argumento é bastante plausível, mas não é um caso contra a adoção de políticas nacionalistas brancas.

(1) Isso pode nunca acontecer, portanto, seríamos tolos em abandonar a luta por pátrias brancas, com a chance de que a evolução faça o nosso trabalho por nós.

(2) As pressões de seleção que postula não nos tornarão imunes ao genocídio quente, portanto, não é uma alternativa à criação de pátrias soberanas e homogeneamente brancas.

(3) Se essas pressões de seleção existem, isso significa que as pessoas se tornarão cada vez mais receptivas às políticas nacionalistas brancas e, uma vez implementadas, essas políticas apoiarão essas pressões de seleção.

Em suma, o nacionalismo branco e a teoria dos gargalos populacionais são complementares e reforçam-se mutuamente.

Quarto, pode-se argumentar que cortar a imigração e retornar à supremacia branca, segregação, e barreiras legais e culturais para a miscigenação seria suficiente. Eu garanto que essas políticas seriam melhorias, mas não soluções de longo prazo.

(1) Se nada for feito para lidar com a fertilidade branca abaixo da reposição e a fertilidade não-branca maior, os brancos serão reduzidos a pequenas populações residuais, como no cenário um. Então tornaremos-nos extintos.

(2) Essas políticas foram tentadas e falharam. A fixação conservadora de fazer a mesma coisa repetidamente e esperar um resultado diferente é uma definição de loucura. Se essas políticas forem tentadas e falharem novamente, a nossa raça poderá nunca se recuperar.

A hora é tarde demais para tanta tolice. Quando a nossa existência como povo está em jogo, não podemos mais ter meias medidas conservadoras e pensamento positivo. Somente o nacionalismo branco pode impedir a extinção dos brancos.

1 Aumentar a taxa de natalidade dos brancos não é uma solução de longo prazo, porque o problema não é haver poucos brancos, mas sim haver demasiados não-brancos nos nossos países. De um ponto de vista ecológico uma população estável de um bilhão ou mesmo meio bilhão de brancos não é necessariamente uma coisa boa. Nós não podemos definir a vitória como uma raça populacional com não-brancos a reproduzirem-se rapidamente até que o mundo seja devastado.

2 Pela mesma razão, se é suposto aos não-brancos terem orgulho nos feitos de outros membros da sua raça, não deverão eles também aceitar a culpa colectiva pelos crimes cometidos pelos da sua raça?

3 Este é o argumento de Michael Polignano "White Pride and White Guilt", Counter-Currents, 12 de Dezembro de 2010.

4 Charles Murray Human Accomplishment: The pursuit of Excellence in the Arts and Science, 800 B.C. To 1950 (New York: HarperCollins, 2003) pesquisar as pessoas que mais realizaram na ciência, filosofia, e nas artes. Mais de 80% vieram a ser "homens brancos mortos".

5 Ver Andrew Hamilton, "Journeys Among the Forgotten: Riccardo Orizio's Lost White Tribes", Counter-Currents, 2 de Agosto de 2013.

NO CURTO PRAZO

Se as tendências demográficas actuais não forem interrompidas e revertidas pelo nacionalismo branco, a raça branca será extinta. Eventualmente. A longo prazo.

Mas isso apresenta um problema. É difícil justificar hoje em dia mudanças políticas fundamentais, a fim de evitar catástrofes que só ocorrerão no futuro distante. Esse programa atrai apenas a pequena percentagem de pessoas que têm a previsão de pensar no futuro distante e o altruísmo que desejam em melhorá-lo, mesmo que não beneficiem pessoalmente.

Mas a maioria das pessoas são de vista curta e egoístas. Eles pensam apenas no curto prazo e têm sentidos muito fracos de responsabilidade, mesmo com os seus próprios filhos. A sua resposta padrão a problemas como a extinção de brancos é: "Isso nunca acontecerá durante a minha vida, portanto não preciso de preocupar-me com isso".

Não obstante, podemos nos animar com o facto de que o movimento ambientalista enfrenta exatamente o mesmo problema, mas teve um enorme sucesso. Além disso, pequenos grupos de pessoas altamente idealistas e altruístas fazem história o tempo todo, muitas vezes exortando as pessoas a ignorar no curto prazo o interesse próprio por bens maiores a longo prazo.

De facto, essas elites podem ser as únicas que realmente fazem história. Afinal, os de vista curta e egoístas são facilmente superados. Jogos longos superam os jogos curtos, mesmo no curto prazo. E os idealistas que estão dispostos a se sacrificar têm uma vantagem sistemática sobre o covarde e o egoísta, sendo em outras coisas iguais.

Mas mesmo os movimentos mais idealistas precisam de encontrar maneiras de mover as massas através de apelos ao interesse próprio a curto prazo. Felizmente, a diversidade causará muita ruína nos países brancos antes que a nossa raça chegue à extinção. Assim, os nacionalistas brancos podem apelar tanto à ameaça de longo prazo do genocídio branco quanto às consequências negativas de curto prazo do aumento da diversidade.

Além disso, o nosso povo não precisa realmente imaginar as consequências dos brancos tornarem-se uma minoria, porque existem inúmeras cidades, vilas e regiões aqui (EUA) em que isso já aconteceu. Você não precisa de uma máquina do tempo para visitar um futuro maioritariamente não-branco. Você simplesmente precisa de uma passagem de avião para Detroit, Los Angeles ou Londres, onde o futuro que nos espera já chegou.

Isso facilita muito o nosso trabalho educacional. Pois podemos simplesmente mostrar ao nosso povo a ilegalidade, a corrupção, a discriminação anti-brancos, alienação, os serviços públicos em colapso, os trajetos diários infernais, as paisagens urbanas arruinadas, as oportunidades cada vez menores e a desesperança generalizada que vem com a substituição demográfica dos brancos.

E esses são meros focos de pragas nos países majoritariamente brancos do Primeiro Mundo. Para apreciar como será a vida quando os brancos forem uma minoria odiada e impotente dentro de um país majoritariamente não-branco do Terceiro Mundo, precisamos apenas examinar o destino dos brancos na Rodésia e na África do Sul.

A ideia de que nosso futuro será como as minorias brancas da América Latina é uma ilusão, pois essas sociedades são essencialmente “supremacistas brancas” e, se os brancos na Europa e na América do Norte tivessem tais atitudes, não estaríamos enfrentando a substituição de raças em primeiro lugar.

O apelo mais convincente ao interesse próprio de curto prazo é enfatizar as iniquidades anti-brancas sistemáticas incorporadas ao sistema actual. No jogo do multiculturalismo, os brancos só podem perder.

Imagine a política multicultural como um jogo de pocker. Cada grupo étnico tem um lugar na mesa e um certo número de fichas, representando sua riqueza e poder coletivos. Os brancos actualmente têm a maior quantidade. Mas todo grupo começa a jogar uma carta Trunfo, "a carta da raça", exceto os brancos. Por maior que seja a nossa vantagem inicial, se seguirmos essas regras, só podemos perder.

Outra maneira de entender esse problema é em termos de individualismo versus coletivismo. Os brancos não podem jogar a carta da raça porque somos individualistas. Actuamos como indivíduos. Acreditamos que devemos ter sucesso ou fracassar por nosso próprio mérito individual, não como membros de um grupo. Também acreditamos que devemos tratar todos os outros como um indivíduo, não como um membro de um grupo. Francamente, estamos simplesmente com medo de ser chamados de "racistas".

Os não-brancos, no entanto, jogam de acordo com regras diferentes. Quando eles jogam a carta da raça, isso significa simplesmente que eles trabalham em equipe. Eles exigem que os individualistas lhes deem a eles um aperto de mão justo em todas as transações, e os individualistas obrigam. Portanto, se os não-brancos oferecem o melhor produto, o melhor preço ou o candidato mais meritório, os individualistas entregam o prémio.

Mas quando a situação é revertida e um indivíduo oferece o melhor produto, preço ou candidato a um não-branco, este último dará preferência aos membros de sua própria tribo sempre que possível, independentemente do mérito, independentemente mesmo do próprio interesse no curto prazo. Isso ocorre porque ele pensa em maximizar o poder coletivo de sua tribo, o que, para ele, supera os inconvenientes de empregar um

primo menos competente.

Certamente, o tribalista não-branco fingirá que sua decisão é apenas meritocracia no trabalho, porque se ele praticasse preferências tribais abertas, mesmo individualistas poderão eventualmente retaliar. Tribos não-brancas exigem que as tratemos como indivíduos. Eles fingem retribuir. Mas enquanto nós brancos praticamos o individualismo, eles praticam o tribalismo. Em suma, eles estão a enganar-nos. A teoria dos jogos prevê que, enquanto os brancos jogarem como individualistas, e enquanto os não-brancos trabalharem como tribos, perderemos. Mas os individualistas demoram a entender o esquema, porque estão cegos para os grupos.

A estratégia tribal também pode ser comparada ao parasitismo. Uma tribo parasita não faz parte de um corpo político maior. Em vez disso, é uma comunidade distinta que vive dentro da comunidade maior, uma população hospedeira que a tribo parasita vitima para sua própria vantagem.

Enquanto os brancos continuarem a jogar esse jogo fraudulento, continuaremos a perder, até que tenhamos renunciado à nossa riqueza, poder, pátrias e qualquer controle que possamos ter sobre o nosso destino para tribos não-brancas ou então virarmos a mesa e recusar-nos a jogar um jogo fraudulento contra nós.

Mas como? Existem apenas duas soluções possíveis.

Primeiro, podemos de alguma forma converter tribalistas não-brancos em individualistas. Mas isso nunca vai acontecer, por duas razões. (1) O sistema atual é vantajoso para os tribalistas, então porque iriam eles jogar fora uma estratégia vencedora? Porque eles gostariam de adotar um código moral que os desarmasse para o mesmo tipo de exploração de alguma outra tribo não-branca? Porque eles quereriam ser perdedores como nós? (2) As sociedades brancas desistiram de tentar assimilar imigrantes não-brancos quando abraçamos o multiculturalismo e as fronteiras abertas.

Segundo, os brancos podem adotar uma estratégia tribal. Uma sociedade individualista inevitavelmente entrará em colapso se for invadida por tribos parasitas. Para se protegerem, os individualistas devem pensar em si mesmos como um grupo, com interesses distintos que se chocam com os de outros grupos que vivem por códigos diferentes. Nesses confrontos, os brancos precisam ficar do nosso lado. Mesmo que pensemos na política de identidade branca como um mero expediente temporário para restaurar uma forma meritocrática e individualista de sociedade, precisamos remover tribos parasitas de nossas sociedades e impedir a entrada de novas, o que exige que abandonemos o tabu dominante contra a política de identidade para pessoas brancas.

Isso leva-nos ao problema dos conservadores: eles não conservam nada. A longo prazo, os nacionalistas brancos terão que converter pessoas de todo o espectro político, esquerda, direita e centro. Mas, no curto prazo, o nosso círculo eleitoral natural são as pessoas de direita, que continuam votando em partidos conservadores.

Se você dividir os eleitores por raça, os partidos de centro-direita em todos os países brancos estão se tornando cada vez mais os partidos de brancos indígenas. Eles são partidos identitários brancos implícitos, mas seus líderes se opõem absolutamente a serem explícitos sobre esse facto, e muito menos adoptá-lo.

A esquerda liderou as fronteiras abertas e as políticas de imigração de substituição racial, e eles recebem a grande maioria dos votos não-brancos. Por exemplo, nas eleições presidenciais dos EUA em 2016, Hillary Clinton obteve 88% dos votos dos negros, 69% dos votos asiáticos e 66% dos votos hispânicos, e ela era uma candidata excepcionalmente fraca. Além disso, a esquerda é bastante aberta sobre o porquê de eles estarem comprometidos em criar uma nova maioria não-branca: os brancos votam consistentemente em partidos conservadores; quando os brancos estiverem em minoria, os partidos conservadores se tornarão inelegíveis e os valores da esquerda triunfarão.¹ Cidade após cidade, distrito após distrito, estado após estado nos EUA, a maré crescente de cores está afogando o conservadorismo, estabelecendo um Estado de partido único de esquerda. O mesmo destino aguarda os países brancos em todo o mundo, a menos que eles interrompam a imigração não-branca.

A resposta conservadora convencional a esse plano flagrante de pântano demográfico e privar o seu eleitorado é uma mistura complexa de ilusão, covardia e traição.

Primeiro, os conservadores tradicionais nunca se unirão à defesa de seus eleitores, porque defender os brancos dos não-brancos seria "racismo" e "política de identidade branca". Os conservadores estão felizes em concordar até mesmo com políticas de identidade não-brancas, embora pensem que isso beneficia esmagadoramente a esquerda, (Agora é uma piada antiga na América que o único homem negro em um evento do Partido Republicano é o orador principal). Mas os mesmos conservadores estão absolutamente comprometidos em manter o tabu contra os apelos à raça, mesmo que apenas a política de identidade branca possa salvá-los.

Segundo, para fugir da acusação de política de identidade, os conservadores insistem que seu objetivo não é conservar um povo em particular, americanos, alemães etc., mas sim promover uma lista de valores abstratos. Além disso, esses valores são universalmente válidos, o que significa que eles devem apelar igualmente para pessoas de outras raças e nações. Isso leva à conclusão absurda de que, se os americanos fossem completamente substituídos pelos mexicanos, isso seria um triunfo do conservadorismo, desde que a nova nação do bronze professasse crença no "El sueño Americano". (Isso é "o sonho americano" para vocês, gringos).

É fácil entender por que a esquerda promove um tabu na política de identidade branca: os esquerdistas sabem que é a única coisa que salvará os brancos da substituição demográfica. No entanto, é difícil entender porque a Direita se apega a esse mesmo tabu. Eu costumava pensar que os conservadores não tinham princípios. Mas eu estava errado. Eles seguirão alegremente o tabu contra a política de identidade branca, independentemente dos custos. Infelizmente, essa regra foi defraudada pelos seus inimigos para destruí-los.

A estupidez suicida do conservadorismo convencional é uma enorme oportunidade para os nacionalistas brancos apelarem para o interesse próprio a curto prazo de um grande número de brancos.

A nossa mensagem é simples: à medida que os brancos se tornam minorias em nossos países, será impossível para políticos conservadores ganharem as eleições. Portanto, será impossível implementar políticas conservadoras. Portanto, as coisas que os conservadores amam desaparecerão. Nos Estados Unidos, isso significa governo constitucional limitado, responsabilidade fiscal, empresa privada, liberdade de expressão, liberdade de religião, direitos de armas, etc. Esses valores têm bases ténues o suficiente mesmo em países brancos e são quase inexistentes em países não-brancos. Se queremos preservar esses valores, precisamos de políticas de identidade branca hoje.

Os liberais brancos assumiram a liderança na promoção da desapropriação dos brancos, portanto serão mais resistentes à política de identidade dos brancos. Mas até eles aparecerão no final. A estratégia liberal é derrotar os conservadores, deslocando-os através de imigrantes não-brancos que votarão na esquerda. Uma vez que o deslocamento demográfico dos brancos cria uma maioria liberal permanente, os liberais acreditam que podem garantir o triunfo final da tolerância religiosa, dos direitos das mulheres, da legalização das drogas, dos direitos ao aborto, dos direitos dos gays, da saúde gratuita, do financiamento para as artes, do ambientalismo, dos alimentos orgânicos, dos animais, comunidades tranquilas, etc.

Mas nenhum desses valores é notório na América Latina, África, Índia ou no mundo muçulmano, que são as principais fontes de imigração de substituição racial. Os liberais brancos realmente pensam que podem ditar políticas para essas pessoas para sempre, mesmo depois que os não-brancos se tornarem maioria? Essa é uma suposição altamente duvidosa. De facto, cheira a uma forma inconsciente de supremacismo branco.

Porque uma crescente maioria não-branca continuaria a defender os valores dos liberais brancos, que entregaram as suas sociedades? A nova maioria não teria desprezados os liberais brancos e tentaria refazer as nações anteriormente brancas à imagem de suas pátrias, onde os valores liberais brancos não têm lugar? Nesse caso, as coisas que os liberais amam também desaparecerão junto com a maioria branca.

Uma esquerda racialmente consciente não é impossível.² Sabemos disso porque ela realmente existiu. Por exemplo, nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, a imigração asiática foi promovida pelos capitalistas, enquanto a legislação de exclusão asiática foi promovida pelo movimento trabalhista.

A chave para conquistar conservadores brancos (e eventualmente liberais brancos) é convencê-los de que as coisas que eles valorizam não são universais, mas particulares para os brancos. Nunca teremos o capitalismo americano ou um estado de bem-estar escandinavo se as pessoas que criaram esses sistemas forem substituídas por invasores não-brancos. Toda política branca (direita ou esquerda) é política de

identidade branca no final de contas.

¹ Tom Whitehead, “Labour Wanted Mass Immigration to Make UK More Multicultural, Says Former Advisor”, *The Telegraph*, em 23 de Outubro de 2009.

² Veja o artigo rotulado “racially conscious Left” no *Counter-Currents*.

RESTAURAR AS PÁTRIAS BRANCAS

A sobrevivência dos brancos requer a restauração ou a criação de pátrias brancas. Isso requer separação racial. No entanto, mesmo os brancos que acham este argumento convincente pensam que realmente criar pátrias brancas seria impossível ou imoral, pois o etno-estado parece exigir "limpeza étnica". As fronteiras devem ser redesenhadas e dezenas de milhões de pessoas devem fazer as malas e se mudarem. Como isso é possível sem tirania, terror e derramamento de sangue?

Para que a Europa seja preservada, milhões de imigrantes africanos, do Oriente Médio e do sul ou do leste da Ásia devem partir e todos os seus descendentes também. Nas nações coloniais majoritariamente brancas da América do Norte e do Sul e nos Antípodas, alguma provisão deve ser feita para os remanescentes das populações indígenas, e talvez algum território deva ser reservado para os descendentes de escravos não-brancos. No entanto, milhões de imigrantes recentes e suas famílias ainda precisam ser repatriados.

Mas como isso é possível? E como isso pode ser moralmente justificado? Estes assuntos não são ajudados pela literatura revolucionária e de fantasia de William Pierce e Harold Covington, que encaram a limpeza étnica através do terrorismo e genocídio.¹

Assim, para convencer as pessoas a realmente construir etno-estados, os nacionalistas brancos precisam lidar com quatro perguntas: é possível restaurar a terra natal dos brancos? Podemos viver com isso? Isso é moral? Tem que ser terrível?

É possível que milhões de não-brancos deixem nações brancas? A melhor maneira de responder a essa pergunta é com outra pergunta: Foi possível a eles virem aqui? Se foi possível que eles viessem, então também é possível que eles partissem, e com todos os seus filhos também. Com a tecnologia moderna, nunca foi tão fácil para milhões de pessoas mudarem-se. Além disso, as pessoas estão mais sem raízes do que nunca. família média hoje muda-se a cada poucos anos. Portanto, a maioria dos não-brancos está se movendo de qualquer maneira. Nós apenas queremos o próximo passo deles seja para o exterior das nossas pátrias. Em suma, existe definitivamente uma maneira de descolonizar as pátrias brancas. Nós só precisamos de ter a vontade.

Quanto à questão da vontade, duas questões são relevantes. Primeiro, podemos viver com populações não-brancas repatriadas? Podemos sentir-nos à vontade em descolonizar as nossas pátrias? Pode tornar-se parte da vida comum? Segundo, há questão mais específica de se ou não é moral.

As pessoas são forçadas a mudar-se a toda a hora por razões económicas:

- Uma vez que alguém entra no mercado de trabalho, deve ir aonde estão os empregos.
- Uma vez que alguém tenha um emprego, poderá ser transferido pelo empregador.
- Quando alguém perde um emprego, novamente tem que ir para onde há emprego.
- Quando o custo de vida em uma área específica aumenta, em grande parte devido à especulação no mercado imobiliário, muitas pessoas cujas rendas não conseguem acompanhar são forçadas a mudarem-se para zonas mais baratas.

Os brancos parecem dormir muito bem à noite, sabendo que milhões de pessoas são forçadas a mudarem-se por razões económicas, que basicamente se resumem à ganância privada.

Assim, os brancos podem aprender a conviver incentivando as pessoas a mudarem-se para um propósito muito mais elevado: a criação de um mundo melhor no qual todos os povos tenham as suas próprias pátrias.

Como a maioria das pessoas não tem problemas com um sistema que força as pessoas a mudarem-se por razões económicas, um governo nacionalista branco pode fazer essas razões funcionarem para nós. Não precisamos ter pressa. Na próxima vez que uma família não-branca tiver que mudar-se por razões económicas, apenas garantiremos que eles se mudem para fora de nossas pátrias.

Além disso, os brancos já estão vivendo com a limpeza étnica por razões políticas. Só que os brancos são as vítimas e não os beneficiários. Por duas ou mais gerações, os brancos foram submetidos à limpeza étnica em massa nas nossas pátrias. Milhões de brancos mudaram de lar, escola e emprego, milhões de vezes por causa do fim de bairros, escolas e empresas racialmente segregadas e do influxo de milhões de imigrantes não-brancos, que destruíram bairros, escolas e empregos brancos, forçando famílias brancas a mudarem-se para outro lugar em busca de lugares "melhores" (ou seja, mais brancos) para morar e trabalhar. Apesar dos enormes custos humanos e financeiros dessa limpeza étnica, os brancos têm "convivido muito bem" com ela. Isso raramente parece invadir a consciência deles, muito menos a expressão (opinião) pública, e quase nunca a acção e a mudança políticas.

Então, acho que os brancos podem conviver muito bem se impuserem os mesmos processos de substituição demográfica a não-brancos, e acho que os não-brancos também poderiam conviver com ele.

Durante décadas, os brancos têm encontrado uma maneira de "conviver" com um

sistema em que nós, como uma raça, não temos futuro. A menos que o actual sistema político, económico e cultural seja fundamentalmente transformado, os brancos serão extintos em todos os nossos países de origem, e serão substituídos por não-brancos. Nós estamos sendo submetidos a um processo lento e frio de genocídio, mas estamos a conseguir "conviver com ele", em grande parte porque estamos narcotizados e distraídos pelo individualismo, carreira, consumismo, hedonismo e egoísmo total. E somos intimidados por reclamar disso e, muito menos organizados para conseguir parar com isso, pelo politicamente correto. Os nacionalistas brancos devem acordar o nosso povo para o facto de que não teremos futuro no sistema actual. Essa consciência tornará impossível para os brancos "viverem" com a contínua sujeição ao genocídio. Então iremos mudar esse sistema.

Para criar pátrias brancas, precisamos criar um sistema em que os não-brancos não tenham futuro nas nossas pátrias. Nesse caso, contudo, "sem futuro" não é um tipo de eufemismo ao estilo da máfia (ou militar) para o genocídio, já que os não-brancos têm pátrias em todo o mundo e garantiremos que eles cheguem lá. E se os brancos podem viver com um sistema no qual não temos futuro, então certamente os não-brancos podem viver com um sistema no qual o seu povo tem futuro em suas próprias pátrias.

Alguns podem argumentar que os não-brancos terão apenas um futuro sombrio em suas pátrias. Observe, no entanto, que essa objeção descarta silenciosamente um dos principais princípios dos defensores da diversidade, a saber, que os não-brancos que vêm para cá enriquecem as nossas sociedades. Pois, se os não-brancos enriquecem as nossas sociedades, porque é que eles também não enriqueceriam suas próprias sociedades? Na verdade, os não-brancos chegam às sociedades brancas porque nós os enriquecemos. Nós proporcionamos-lhes uma vida melhor do que eles podem desfrutar em suas pátrias. Mas também é verdade que muitas vezes os imigrantes não-brancos geralmente são superiores em educação, ambição e actuação, às pessoas que deixam para trás. Eles podem enviar dinheiro para casa, mas a sua partida remove algo muito mais importante: capital humano. Assim, as sociedades não-brancas nunca serão capazes de proporcionar aos seus cidadãos um futuro decente, contanto que algumas de suas melhores pessoas possam partir para colonizar os países brancos. As terras não-brancas apenas "se desenvolverão", na medida do possível, quando os países brancos pararem de "retirar" algumas de suas melhores pessoas.

Uma das belezas do nacionalismo é que cada povo é responsável por seu próprio destino. Como os brancos estão em extinção, a nossa primeira obrigação é para com nós mesmos. Portanto, apesar de desejarmos a todos os povos o melhor, como eles se saem em suas próprias pátrias não é problema nosso.

A simples resposta para a questão de saber se podemos "viver com" repatriados não-brancos é que, como raça, não podemos viver sem ela. Mas isso nos leva à questão moral: o repatriamento é a coisa certa a fazer?

Já estabeleci que, sob o sistema actual, os brancos serão extintos e que a única solução real é a criação de etno-estados brancos. Portanto, a remoção não violenta de populações não-brancas é simplesmente uma questão de auto-defesa diante de uma ameaça verdadeiramente mortal. E todos reconhecemos o direito moral de auto-defesa, principalmente por pessoas que enfrentam um genocídio.

O genocídio dos brancos não aconteceu em uma explosão repentina de violência e também não será resolvido dessa maneira. O genocídio branco é um processo que se desenrola ao longo de gerações. Seus arquitetos sabiam muito bem que seu fim último é a extinção da raça branca. Mas eles não estavam interessados num rápido paroxismo de matança, tão emocionalmente satisfatório quanto poderia ter sido. Eles sabiam que é difícil mobilizar as pessoas para cometer assassinatos em massa, e é arriscado, porque as vítimas podem revidar e talvez vencer, podendo dar-se o caso em que o seu próprio povo possa ser exterminado em retaliação.

Portanto, eles conceberam um processo mais lento e seguro de genocídio. Eles sabiam que, se as tendências demográficas anti-brancas fossem acionadas e sustentadas ao longo do tempo (menores taxas de natalidade, famílias em colapso, miscigenação, imigração não-branca, penetração não-branca de espaços brancos, etc, etc.) o resultado a longo prazo seria uma extinção branca, e pouquíssimos brancos ficariam cientes disso, muito menos revidariam, até que a resistência fosse praticamente inútil.

Quando os brancos recuperarem o controle sobre as nossas terras, precisamos adoptar políticas de longo alcance semelhantes. Precisamos colocar em movimento tendências demográficas pró-brancas e sustenta-las. O tempo cuidará do resto. No curto prazo, precisamos aumentar a taxa de natalidade branca. Mas, novamente, nunca venceremos superando não-brancos até que o planeta esteja apenas em pé. O problema não é haver muito poucos de nós, mas muitos deles em nossas pátrias.

Portanto, precisamos iniciar um processo de repatriamento bem planeado, ordenado e não violento. Além disso, não há pressa. Nossos inimigos planeavam eliminar-nos ao longo de várias gerações. Podemos levar algumas décadas para restaurar as coisas.

Para entender como é possível restaurar as pátrias brancas de maneira gradual, ordenada e humana, precisamos fazer algumas distinções. Existem cidadãos não-brancos e estrangeiros não-brancos. E entre os estrangeiros, existem estrangeiros legais e ilegais.

Precisamos lidar com os estrangeiros primeiro. Começaremos fechando as fronteiras para não-brancos. Os ilegais não-brancos devem simplesmente ser deportados. A maneira mais económica é fazer com que se deportem cortando o seu emprego e benefícios.

Os legais estão aqui com vistos. Simplesmente não renovaremos os vistos e, quando os vistos expirarem, garantiremos que eles saiam. Também revogaremos a cidadania

da primogenitura e a tornaremos retroativa. Também enviaremos de volta os "bebés âncora" junto com suas mães.

Mas mesmo que os não-brancos não tenham mais os direitos dos cidadãos (direitos civis) em países não-brancos, é claro que respeitaremos seus direitos humanos à vida, à propriedade e ao devido processo, como fazemos com todos os estrangeiros. Somente nos Estados Unidos, essas políticas nos livrariam de dezenas de milhões de imigrantes recentes dentro de poucos anos.

Quanto aos não-brancos que são cidadãos, restaurar a soberania dos brancos exige que eles não tenham mais nenhum poder político em nossas sociedades. Mas eles ainda terão direitos humanos à vida, à propriedade, ao devido processo, etc., que respeitaremos, é claro. Também respeitaremos seus direitos a certos benefícios governamentais, por exemplo, educação, saúde, pensões para idosos e afins.

Devemos reconhecer que a principal ameaça demográfica de não-brancos vem de pessoas em idade fértil, que devem ser o nosso foco. Portanto, não-brancos com mais de 50 anos que são cidadãos produtivos e ordeiros não devem ter nada a temer de nós. Eles devem poder trabalhar, aposentar-se e viver as suas vidas com todos os benefícios que lhes são devidos e com total proteção de seus direitos humanos.

No entanto, um regime nacionalista branco também faria o reagrupamento familiar funcionar em favor da emigração, de modo que idosos não-brancos receberão todo incentivo para se juntar a suas famílias em suas pátrias, onde suas pensões provavelmente irão mais além.

Cidadãos não-brancos podem ser divididos em cumpridores e infratores da lei. Os infratores da lei devem ser presos e libertados em liberdade condicional fora da nossa pátria. Dado que uma percentagem muito alta de negros enfrenta problemas com a lei, somente essa política nos livraria de milhões ao longo de poucas décadas.

Os não cumpridores da lei em idade fértil também podem ser divididos em populações trabalhadoras e ascendentes (por exemplo, judeus e asiáticos do sul e leste) são indolentes, populações dependentes de pensões e subsídios (principalmente negros e mestiços). Esta última população inchará poderosamente assim que encerrarmos os Programas de Acção Afirmativa e de Trabalho. Seria mais barato dar-lhes subsídios para toda a vida do que fazê-los engordar o sistema fingindo trabalhar. Um governo nacionalista branco poderia dar-lhes subsídios para toda a vida, desde que o recebessem na sua terra natal.

Quanto aos não-brancos enérgicos e ascendentes móveis, como a maioria das pessoas modernas, eles movimentam-se bastante. Apenas garantiremos que o próximo passo os leve para fora das nossas pátrias. Crianças não-brancas em idade escolar serão educadas nas línguas nativas da sua pátria. Quando atingirem a idade da faculdade, eles serão enviados para a faculdade no exterior, por isso será natural que eles procurem emprego lá.

Tais políticas restaurariam pátrias brancas dentro de algumas décadas, e o processo

seria ordenado, humano e consistente com os direitos humanos de todas as partes. Para sustentar um processo gradual e humano de restaurar as pátrias brancas, os nacionalistas brancos devem, é claro, não apenas atingir, mas reter o poder político. As pessoas poderão votar em praticamente qualquer coisa, mas a degradação e a destruição da raça branca devem estar fora do menu.

Para além disso, devemos criar uma constelação de grupos de interesse que lucram com o repatriamento (empresas de mudanças, por exemplo). E ainda, as indústrias prejudicadas pelo processo devem ser cooptadas, divididas e neutralizadas como fontes potenciais de oposição. Por exemplo, as indústrias que perdem lucros devido à perda de mão-de-obra barata devem receber proteções tarifárias, apoios de preços, resgates (qualquer coisa, realmente, para os calar).

Outra consideração importante é que o repatriamento não precisa ser um programa governamental gigante. Ele apenas precisa fazer com que os programas governamentais, instituições privadas e tendências sociais existentes trabalhem para promover a emigração não-branca. A maioria dos não-brancos não foi trazida para cá pelos programas governamentais. Eles próprios vieram para aqui por causa de incentivos privados e governamentais. Quando esses incentivos são alterados, muitos não-brancos simplesmente se deportam.

Devido à natureza da economia moderna, a maioria dos não-brancos move-se muito de qualquer maneira. Nós iremos simplesmente esperar até o próximo passo e garantir que seja para um país não-branco. Devido à indolência, desemprego e criminalidade, muitos não-brancos já sabem onde morar pelo governo. A próxima vez que eles caírem no sistema, simplesmente o sistema os depositará em uma terra não-branca.

Muitos brancos não se sentem à vontade em reinstalar não-brancos que criaram "raízes" em nossa terra natal. Mas os não-brancos têm dezenas de milhares de anos de raízes em suas pátrias. No entanto, de alguma maneira eles conseguiram mudar-se para cá. Portanto, se suas raízes ali não lhes importam, por que suas "raízes" aqui importam para nós? E se suas raízes rasas aqui importam para nós, nossas próprias raízes profundas não deveriam importar muito mais?

Talvez a técnica mais descarada de manipulação emocional usada para se opor ao controle da imigração seja a afirmação de que o repatriamento é mau porque "divide as famílias". Mas a imigração também divide as famílias, por isso, se a divisão de famílias é uma coisa má, a imigração também é uma coisa má. Pararemos de separar famílias não-brancas parando completamente a imigração.

Também é bastante descarado que a ideia de reagrupamento familiar seja usada apenas para defender a imigração em cadeia. Mas também pode ser um argumento para o repatriamento em cadeia. Se o reagrupamento familiar é um objetivo legítimo da política de imigração, devemos encorajar os imigrantes a voltar ao calor de suas famílias no seu Velho País.

Um dos argumentos mais comuns de complacência diante do declínio demográfico é que o desastre acontecerá muito depois de nossa morte. A extinção de brancos não acontecerá durante a vida de alguém vivo hoje, mas os brancos cairão em um status de minoria em muitos países, dentro do tempo de vida de muitos dos meus leitores.

De fato, se olharmos para unidades menores (estados, condados, cidades, bairros e escolas), os brancos estão se tornando uma minoria todos os dias. Mas certamente para as gerações mais velhas, como os Baby Boomers, o pior do que estamos enfrentando acontecerá muito depois das suas mortes. Portanto, embora essas pessoas frequentemente apoiem o ambientalismo, a conservação da vida selvagem, a preservação histórica e outras causas destinadas a futuras gerações, elas deixam o declínio demográfico branco para as gerações futuras se preocuparem.

Os nacionalistas brancos devem, é claro, combater essa grosseira forma altamente seletiva de egocentrismo. Mas sempre que não podemos mudar essa atitude, podemos fazê-la funcionar para nós.

Pois, se algumas pessoas não se preocupam com a morte dos herdeiros brancos, por que deveriam preocupar-se com o nosso plano de restauração demográfica por corrupção, já que ele também se desdobra lentamente ao longo de décadas e só atinge a realização depois de morto? Se algumas pessoas não lutam contra a distopia anti-branca que está por vir, porque não viverão para vê-la, então porque deveriam lutar contra a aterrorizante distopia “burritofree” que os nacionalistas brancos imaginam, já que isso só acontecerá no futuro, muito tempo depois que o último Boomer foi deitado para descansar?

E se uma nação branca decidir um processo gradual, pacífico e humano de repatriamento, mas os não-brancos responderem com violência? Isso simplesmente nos daria a oportunidade de construir um consenso para mais rápidas e poderosas formas de repatriamento. O problema essencial do nacionalismo branco é encontrar uma maneira de combinar os requisitos dados de sobrevivência dos brancos com a consciência altamente evoluída, e talvez até mórbida do nosso povo. Mas, na verdade, torna mais fácil mobilizar o nosso pessoal se soluções justas e razoáveis forem violentamente rejeitadas.

Mesmo que a restauração das pátrias brancas possa levar algumas gerações, haverá dividendos psicológicos imediatos para os brancos quando soubermos que nossa raça tem um futuro novamente. Haverá menos alienação e depressão, menos derrotados, menos alcoólicos, menos viciados em drogas e menos suicídios. Mais brancos formarão famílias, terão filhos, obterão diplomas, iniciarão negócios e contribuirão para a sociedade. Assim que restabelecermos a esperança para o futuro, o nosso povo começará a viver como que se o etno-estado já estivesse aqui. Aqueles que lutam por um mundo melhor já vivem nele hoje.

1 Ver para o caso, William L. Pierce, escrevendo como Andrew MacDonald em, The Turner Diaries, Second Edition (Hillsboro, W. V. National Vanguard Books, 1999) e H. A. Covington, The Brigade (Philadelphia: Xlibris, 2008).

O ETNO-ESTADO

Os nacionalistas brancos advogam não apenas pátrias soberanas racialmente, mas também etnicamente homogêneas, como etno-estatos. A soberania é um princípio do direito internacional. Um estado soberano controla seu próprio território e assuntos internos. Não precisa responder a nenhuma autoridade política superior. Os estados soberanos não podem intrometer-se nos assuntos internos de outros estados soberanos. Além disso, os estados soberanos, independentemente de seu tamanho e poder, são considerados iguais pelo direito internacional.

Embora os povos tenham lutado para estabelecer e preservar a soberania ao longo da história, o conceito de soberania é moderno, geralmente considerado estabelecido em 1648 pelo Tratado de Westphalia, que encerrou a Guerra dos Trinta Anos entre Católicos e Protestantes que devastou a Europa Central.

O Tratado de Westphalia estabeleceu o princípio de que cada estado adotaria a igreja (católica ou protestante) do príncipe no poder, e os outros estados teriam que aceitar isso. Essa foi uma medida pragmática para acabar com décadas de conflito religioso causado pela diversidade de confissões religiosas no mesmo estado e pelas reivindicações da igreja à autoridade supranacional, que licenciou intervenções nos assuntos religiosos dos estados.

Em suma, o conceito de soberania surgiu da necessidade de garantir o direito à diferença. Ao tornar a paz social, mais importante que as questões da verdade religiosa, o surgimento do conceito moderno de soberania marcou a queda da cristandade e a ascensão de um novo sistema de valores hegemônicos, o liberalismo.

A princípio, as fronteiras dos estados soberanos eram em grande parte determinadas pela política dinástica das casas dirigentes da Europa. Mas no final do século XVIII, com o renascimento do republicanismo clássico, surgiu a ideia de estado-nação, que sustentava que a entidade soberana adequada é um povo unido pela língua, cultura e descendência comum.

Estritamente entendido, um estado-nação é a mesma coisa que um etno-estado, pois a palavra inglesa nação deriva do latim *natio*, que se refere a um grupo relacionado por descendência comum. Mas, na linguagem comum, países como o Reino Unido, Espanha, França, Bélgica, Canadá e Suíça, são referidos como estados-nação, mesmo sendo sociedades multi-étnicas e quase-imperiais.

A confusão é agravada pela prática de se usar nação para se referir a todas as entidades soberanas, inclusive multi-étnicas, como por exemplo, quando falamos sobre as Nações Unidas, o direito internacional ou o comércio internacional, todos os

quais lidam com estados, a maioria dos quais não são estados-nação.

Assim, precisamos das ideias do etno-estado e do etno-nacionalismo, para enfatizar a etnia como o princípio da unidade de um estado soberano, embora o *ethnos* seja apenas o equivalente grego de *natio*, o que torna o etno-nacionalismo um termo bastante redundante.

O etno-nacionalismo é contrastado com o nacionalismo cívico, no qual o princípio da unidade está sujeito a um sistema comum de leis ou à profissão de um credo cívico compartilhado. O nacionalismo cívico não precisa existir em uma sociedade multirracial ou multicultural, mas a principal razão pela qual os credos nacionalistas cívicos são promulgados é lidar com a ausência de unidade orgânica e étnica em uma sociedade.

Em seu livro *The Ethnostate*, Wilmot Robertson oferece um argumento convincente para o etno-nacionalismo.¹ O etno-nacionalismo preserva raças, sub-raças e culturas distintas e permite que elas evoluam sem o atrito, distorções e conflitos que inevitavelmente surgem quando raças e culturas diferentes são forçadas a compartilhar o mesmo território e sistema político.

O etno-nacionalismo pressupõe que a diversidade racial e cultural seja um bem que vale a pena preservar. Também pressupõe que esse seja um princípio universal. Dizer que a diversidade racial e cultural é universalmente valiosa significa: primeiro, que se um princípio é objetivamente verdadeiro, é verdadeiro para todos os povos. Segundo, implica que todas as nações devem-se perpetuar com o tempo e, se necessário, forçar outras nações a respeitar os seus interesses vitais. Para além disso, implica também que cada nação deve respeitar os interesses vitais das outras nações não apenas porque estão dispostas a lutar para se afirmar, mas porque valorizamos as diferenças dos outros e respeitamos o seu direito de diferir por uma questão de princípio.

O etno-nacionalismo deve ser visto como um direito, não uma obrigação. Não é um dever moral que precise ser adoptado por todos os grupos étnicos, independentemente das circunstâncias. É simplesmente uma ferramenta altamente pragmática para diminuir conflitos e promover a diversidade genética e cultural. Mas o etno-nacionalismo não é a única solução para os problemas enfrentados pelas sociedades multi-étnicas. Por exemplo, a Suíça é uma sociedade multi-étnica harmoniosa devido ao seu sistema político federal descentralizado, no qual seus 26 cantões desfrutam de grande autonomia.

Em sociedades como os Estados Unidos e o Canadá, com pequenas populações de aborígenes, a melhor solução é a reserva étnica na qual eles podem governar seus assuntos internos. Nem todas as tribos da Amazônia ou da Sibéria precisa de soberania total e de um assento nas Nações Unidas. Outra solução é o supremacismo incontestado de um grupo dominante, no qual as minorias simplesmente concordam em ser cidadãos de segunda classe ou estrangeiros residentes. Tais populações gozariam dos mesmos direitos humanos que os viajantes estrangeiros, mas nenhum

direito civil, o que significa que todo o poder político estaria nas mãos do povo dominante. O povo dominante não seria apenas politicamente, mas também culturalmente supremo, para que tal sociedade não fosse inteiramente e etnicamente francesa ou inglesa ou americana (ou seja, branca americana), mas poderia ser normativamente francesa ou inglesa ou americana, e todos dentro de suas fronteiras seriam aceitar a supremacia normativa da cultura dominante, ou sair.

Mas sempre que um povo aspira a uma pátria soberana para que possa perpetuar seu património genético e cultural sem interferência, os etno-nacionalistas acreditam que tem o direito de fazê-lo, e mais ninguém tem o direito de ficar no seu caminho.

Por que a soberania deveria residir nos etno-estados, e não em ordens mais inclusivas, como a União Europeia ou o "Imperium" previsto por Francis Parker Yockey? Ou, mais grandiosamente, a "Eurosiberia" de Jean Thiriart e Guillaume Faye?² Ou, ainda maior, a união de todo o Hemisfério Norte, a "Aliança Boreana" ou "Septentrião" de Jean Mabire e outros?³

Os principais benefícios atribuídos à unificação política são: (1) impedir que os brancos lutem entre si e (2) proteger os brancos de outros blocos de poder raciais e civilizacionais, como China, Índia e mundo muçulmano. Esses objetivos são importantes, mas acho que a unificação política não é necessária para alcançá-los. Além disso, implica riscos sérios.

A característica essencial de qualquer esquema de unificação política é a transferência de soberania das partes constituintes para o novo todo. Se a soberania permanece com estados individuais, então não se tem unificação política. Em vez disso, temos uma aliança entre estados, uma organização de tratados como a NATO, ou uma organização intergovernamental como as Nações Unidas, ou uma união aduaneira económica como o Mercado Comum Europeu, ou uma união aduaneira híbrida e uma organização intergovernamental como a União Europeia.

Mas a unificação política não é necessária para impedir que os brancos lutem entre si ou para proteger os brancos de ameaças externas. Esses objetivos podem ser alcançados por meio de alianças e tratados entre estados soberanos. Um equivalente europeu da NATO, que providência-se à Europa uma política comum de defesa e imigração/emigração e medeia conflitos entre Estados membros soberanos, seria suficiente e teria o valor agregado de preservar a distinção cultural e sub-racial dos diferentes grupos europeus.

A ameaça de blocos não-brancos não deve ser exagerada. Somente a França, o Reino Unido ou a Rússia são militarmente fortes o suficiente para prevalecer contra qualquer coisa que a África, a Índia ou o mundo muçulmano possa atirar contra nós, desde que, é claro, os brancos sejam moralmente fortes o suficiente para se posicionarem em uma luta. Uma simples aliança de estados europeus seria capaz de impedir qualquer agressão chinesa. Assim, uma aliança defensiva entre os estados europeus seria suficiente para preservar a Europa de todas as forças externas, sejam elas forças armadas ou massas apátridas de refugiados e imigrantes.

Quanto ao fratricídio branco: a melhor maneira de neutralizar conflitos étnicos brancos não é combater o nacionalismo "mesquinho", mas levá-lo à sua conclusão lógica. Se diferentes grupos étnicos ligados ao mesmo sistema estão ficando inquietos, eles devem seguir os seus próprios caminhos. Através das fronteiras em movimento e dos povos em movimento, podem ser criados etno-estados homogêneos, nos quais cada pessoa consciente pode falar a sua própria língua e praticar seus próprios costumes, livres de interferências externas. Esse processo pode ser mediado por uma organização de tratados europeus, que pode garantir que o processo seja pacífico, ordenado, humano e o mais justo possível para todas as partes.

As crises internacionais são, por sua própria natureza, interrupções na ordem normal das coisas, o que também significa que a sua duração é limitada e, por fim, tudo volta ao normal. As alianças militares também estão mudando e são temporárias, mas a unificação política visa à permanência e é muito difícil de desfazer.

Faz realmente sentido fazer mudanças permanentes na ordem política para lidar com problemas incomuns e temporários?

Os romanos antigos nomeavam ditadores em tempos de emergência, mas apenas por um tempo limitado, porque as emergências são temporárias e uma ditadura permanente é desnecessária e arriscada. O mesmo aplica-se à unificação política europeia.

Mas o que aconteceria se um estado europeu soberano assinasse um tratado para sediar uma gigantesca base militar chinesa? Ou se caísse nas mãos de plutocratas que começaram a importar mão de obra barata não-branca? Claramente, que essas políticas colocariam em risco toda a Europa, portanto, não são apenas negócios de qualquer estado nocivo que adote essas políticas. O que o resto da Europa poderia fazer para impedir isso? Não é por isso que precisamos de uma Europa politicamente unificada?

A resposta, é claro, é o que todos os estados soberanos fazem quando enfrentam conflitos de interesses existenciais: pressão diplomática, sanções económicas e, se falharem, guerra. Outros estados seriam perfeitamente justificados em declarar guerra contra o estado desonesto, depor o regime ofensivo e remover os não-europeus do seu território. Então eles estabeleceriam um novo regime soberano e voltariam para casa.

A ideia de que precisamos da unificação europeia para impedir essas guerras é absurda. Novamente, não faz sentido fazer mudanças permanentes para resolver problemas temporários e não faz sentido, de facto, declarar guerra a todos os estados soberanos hoje porque talvez tenhamos que declarar guerra a um deles amanhã.

A unificação política não é apenas desnecessária, é perigosa, simplesmente porque, se falhar, falhará catastroficamente. Não é prudente colocar todos os ovos em uma cesta, ou cultivar apenas uma colheita, ou criar um "homem europeu homogêneo", pois quando a cesta quebra, ou a praga atinge a colheita da batata, ou uma nova

pandemia como a gripe espanhola, quando irrompe, é possível perder tudo.

Uma Europa politicamente unificada seria necessariamente governada por uma pequena elite poliglota que é remota e não responde às províncias e às suas "preocupações mesquinhas", das quais se orgulhariam em denegrir em nome do maior bem que fosse. Se essa elite infectada por um vírus da mimética anti-europeu (ou corrompido por elites estrangeiras) que teria o poder de destruir a Europa, e uma vez que não haveria estados soberanos para dizer não, então nada menos do que uma revolução poderia detê-los.

Na verdade, a liderança actual, da União Europeia está infectada por um vírus tão mimético e está a fazer todo possível para inundar a Europa com não-brancos. A única coisa que os impede é o facto da União Europeia não ter um poder soberano e a soberania teimosa de estados como a Polónia, a Hungria, a República Checa e a Eslováquia estão a dizer não.

Mesmo que a União Europeia fosse a única maneira de parar outra guerra em toda a Europa, a terrível verdade é que, apesar de todas as perdas, a Europa conseguiu recuperar-se de duas guerras mundiais. Mas não se recuperaria da imigração em um nível de substituição promovida por uma União Europeia soberana.

Além disso, em um determinado momento, a União Europeia enfrentará uma escolha. Se a Polónia ou a Hungria vetarem a imigração não-branca de uma vez por todas, a União Europeia terá que aceitar a sua dissolução ou usar a coerção para se manter unida. Em suma, a União Europeia pode muito bem causar, invés de impedir a próxima "guerra europeia de irmãos".

Uma Europa politicamente unificada eliminaria o princípio da igualdade das nações soberanas sob o direito internacional. Mas isso não eliminaria a existência de nações. E em um mercado comum e sistema político, certos grupos nacionais, principalmente os alemães teriam vantagens sistemáticas e terminariam no topo. Isso significa que uma Europa unificada acabaria por ser de facto um império alemão, já que a Alemanha possui a maior população e a economia mais forte. Alguém realmente acha que os franceses ou os polacos gostariam de viver sob a hegemonia de tecnocratas alemães idiotas e auto-aversivos como Angela Merkel? Essa também é uma receita para o ódio e a violência, não para o amor e a harmonia.

Por fim, se os defensores da direita da unificação europeia sustentam que não é realmente um problema para gregos e suecos, polacos e portugueses, viverem sob um único estado soberano, com que fundamento exactamente eles estão reclamando do multiculturalismo e da diversidade? Se a União Europeia pode abranger as diferenças entre irlandeses e gregos, por que não pode abranger as diferenças entre gregos e turcos, ou gregos e sírios, etc.?

A visão etno-nacionalista é de uma Europa (e uma diáspora europeia em todo o mundo) de cem bandeiras, nas quais toda nação auto-consciente tem pelo menos uma pátria soberana, cada uma das quais lutará pelo mais alto grau de homogeneidade,

permitindo a maior diversidade de culturas, idiomas, dialetos e instituições a florescer. Onde quer que um cidadão se volte, ele encontrará sua própria carne e sangue, pessoas que falam a sua língua, pessoas cujas mentes ele pode entender. A vida social será calorosa e acolhedora, não alienante e perturbadora, como nas sociedades multiculturais. Como os cidadãos terão um forte senso de identidade, eles conhecerão a diferença entre seu próprio povo e os estrangeiros. Como eles controlam suas próprias fronteiras e destinos, podem dar-se ao luxo de serem hospitaleiros com diplomatas, empresários, turistas, estudantes e até alguns expatriados, que se comportarão como convidados agradecidos. Esses etno-estados serão bons vizinhos uns dos outros, porque eles têm boas cercas entre eles e casas para onde retornar quando o comércio com forasteiros se tornar cansativo.

Os cidadãos desses estados estarão profundamente imersos em suas línguas maternas e culturas locais, mas também serão educados na tradição mais ampla da alta cultura europeia. Todos eles buscarão fluência em pelo menos um outro idioma europeu. Eles apreciarão que todos os europeus têm raízes comuns, inimigos comuns e um destino comum. Mas esses pontos em comum são, e permanecerão, secundários e remotos em comparação com as diferenças linguísticas e culturais. A casta de liderança de cada etno-estado será selecionada para estar profundamente enraizada em sua própria pátria, mas também para ter o maior senso possível de solidariedade europeia. Esse espírito permitirá a cooperação política entre todos os povos europeus por meio de organizações intergovernamentais e de tratados, bem como alianças *ad hoc*. E, como a verdade científica e as conquistas tecnológicas são universalmente válidas, deve haver cooperação pan-europeia na promoção da ciência, tecnologia, defesa nacional, iniciativas ecológicas e exploração espacial.

O etno-nacionalismo é para todos? Sim e não.

Por um lado, acreditamos que todos os povos têm direito às suas próprias pátrias soberanas e homogêneas, sempre que possível. Queremos etno-estados para nós mesmos, e com base no princípio Lockeano de que tomaremos o que precisamos para nós mesmos, mas deixaremos a outras pessoas a opção de fazer o mesmo, desejamos bem a todos os povos e honraremos o princípio etno-nacionalista onde quer que seja afirmado, mesmo quando pode ser apenas mais conveniente “mandar” as pessoas e tomar os seus recursos.

Por outro lado, reconhecemos que nem todos os povos têm uma capacidade igual de auto-governo. Etno-estados de sucesso certamente são possíveis no leste da Ásia, onde hoje o Japão e a Coreia do Sul estão entre as sociedades mais homogêneas e avançadas do planeta. Mas o etno-nacionalismo não é realmente possível nas sociedades raciais da América Latina, onde a melhor opção é provavelmente uma versão mais benevolente do actual sistema de governo das elites descendentes de europeus. O etno-nacionalismo também não é possível entre os povos tribais mais primitivos do mundo como na África, Amazônia, Micronésia ou Papua Nova Guiné. Para tais povos exigem paternalismo benevolente e reservas étnicas.

Mas essa conversa sobre preservar a existência e a distinção dos povos primitivos em todo o mundo é um tanto grandiosa e prematura, já que é a nossa existência, não a deles, que está ameaçada pela actual dispensação global. Quando uma cabine de avião perde pressão, você deve proteger sua própria máscara de oxigênio antes de ajudar os outros. Pois se você morrer colocando as necessidades dos outros em primeiro lugar, as pessoas que dependem de você também morrerão. Uma vez que os nacionalistas brancos assegurem reservas para a nossa própria raça, poderemos, de maneira benevolente, fazer arranjos semelhantes para os outros povos.

BRANCURA

Uma linha óbvia de ataque contra o nacionalismo branco é a afirmação de que o próprio conceito de brancura é problemático. Lidaremos com quatro dessas objeções. Primeiro, o conceito de brancura deve ser politicamente desnecessário. Segundo, a brancura é supostamente subversiva da identidade étnica. Terceiro, diz-se que a brancura é uma construção social, não uma espécie natural real. Quarto, diz-se que a viabilidade do nacionalismo branco depende de uma definição hermética de brancura, que é ilusória.

A BRANCURA É NECESSÁRIA?

Um mal entendido ou deturpação comum do nacionalismo branco é afirmar que o próprio conceito não tem sentido, porque os brancos não estão interessados no nacionalismo "branco". Estamos interessados no americano, francês, alemão ou italiano. Por conta disso, o nacionalismo alemão é para alemães e nacionalismo Branco é para pessoas brancas genéricas. Mas não existem pessoas brancas genéricas, de modo que o nacionalismo branco é um programa político sem um círculo eleitoral, um conceito, sem um referente.

Mas o nacionalismo branco não é o nacionalismo para os povos brancos genéricos. *O nacionalismo branco significa apenas etno-nacionalismo para todos os povos especificamente brancos.* Os nacionalistas brancos desejam preservar, restaurar ou criar soberana racial e etnicamente pátrias homogêneas para todos os povos brancos que aspiram à auto-determinação.

Na verdade, não há realmente nenhuma coisa como uma pessoa branca genérica. Todas as pessoas brancas pertencem a grupos étnicos específicos. Mesmo em casos limítrofes, onde os filhos de casais de diferentes grupos étnicos são criados com duas culturas, e até duas línguas maternas, e mesmo assim ainda estamos falando de misturas de grupos étnicos específicos.

O que diferencia os grupos étnicos brancos? Existem diferenças sub-raciais entre os europeus, e algumas nações têm tipos sub-raciais "típicos" bem definidos, por exemplo, noruegueses e finlandeses típicos. Mas outras nações abrangem uma variedade de tipos sub-raciais, por exemplo, Inglaterra e Itália. Resumindo, alguns grupos étnicos brancos são mais homogêneos biologicamente do que outros. Assim, o que é essencial para diferenciar nações brancas são suas línguas, culturas e histórias distintas.

Como as pessoas geralmente se casam dentro de sua fé, limites religiosos podem gerar limites étnicos. Mesmo os povos geneticamente muito parecidos e que falam a mesma língua (inglês e irlandês, ou sérvio, bósnio e croata) podem ser profundamente divididos pela religião.

Costuma-se dizer que o nacionalismo branco só faz sentido em caldeirões coloniais como os Estados Unidos e o Canadá, nos quais diferentes grupos étnicos europeus se misturam. Isso é falso. A mistura de nações do Velho Mundo não produziu brancos genéricos. Produziu novos grupos étnicos: americanos, canadenses, quebequenses, australianos, africânderes, etc.

Se americanos e canadenses fossem apenas brancos genéricos, não haveria diferenças entre eles. Mas existem diferenças, e essas diferenças são linguísticas e culturais. Assim, do ponto de vista nacionalista branco, não há realmente nenhuma diferença entre as nações europeias e coloniais. Defendemos a auto-determinação de todas as nações brancas, em todo o mundo, não apenas na Europa.

Como não existem pessoas brancas genéricas (pelo menos fora do mundo das formas de Platão ou onde quer que se encontrem universais) porquê falar de nacionalismo "branco"? Porque não apenas falar de grupos nacionais específicos e acabar com isso?

Existem cinco razões convincentes pelas quais não podemos evitar falar acerca da raça branca.

Primeira, digamos que decidimos evitar falar em brancura e, em vez disso, falar apenas em promover os interesses nacionais de franceses, alemães, americanos, polacos, etc., enquanto evitamos cuidadosamente qualquer discussão sobre nações como Turquia, Índia ou China. É preciso perguntar: o que a primeira lista tem em comum e porquê os outros países são deixados de fora?

A resposta para ambas as perguntas é que estamos preocupados com as nações brancas, em oposição às não-brancas. Pode-se tentar evitar essa acusação de "racismo" falando de "civilização ocidental" ou "cristandade", mas nem todos os povos europeus são "ocidentais" e um grande número de cristãos não são brancos.

Basicamente, todas as tentativas de evitar a palavra "branco" são apenas eufemismos maneiras de falar sobre tópicos sensíveis, como sexo ou excremento, nascidos do medo de violar tabus culturais sobre o discurso educado. Mas as pessoas que só podem falar de raça em eufemismos ainda não estão prontas para a luta. É nobre desejar salvar as pessoas brancas, mas como é que alguém pode ter a coragem de salvar a raça branca se não consegue sequer pronunciar a palavra "branco"? Para combater as forças que promovem o genocídio branco, teremos de ser mais do que um pouco indelicados.

Segunda, se o único motivo de nervosismo branco sobre o falar em termos de raça é um tabu cultural contra o "racismo" branco, precisamos entender as origens e funções desse tabu.

Todas as outras raças podem, é claro, falar em termos de identidade e interesses raciais. E que eu saiba, os nacionalistas negros que falam de interesses e poder negros nunca são confrontados com o argumento: "Mas o nacionalismo negro não tem sentido, porque não existem negros genéricos, apenas várias tribos e nações negras".

Além disso, quando não-brancos (ou brancos que se odeiam) nos falam sobre "privilégios de brancos" e recitam infinitas ladainhas de crimes de brancos, ninguém nunca diz: "As suas acusações não fazem sentido. Não existe essa coisa de pessoas brancas genéricas". Parece que a brancura é uma categoria completamente sem problemas quando as pessoas desejam imputar culpa. Só é problemática quando os brancos se querem defender: Quando nós queremos afirmar a nossa identidade, ter orgulho nos nossos feitos, tomar medidas em nosso favor e tomar o nosso próprio lado em conflitos étnicos.

Este tabu contra qualquer recurso auto-assertivo para a brancura é flagrantemente injusto, e os brancos só podem perder se continuarmos a honrá-lo. Obviamente, este tabu foi concebido para os brancos ficarem em desvantagem sistematicamente. Assim, seríamos tolos em continuar a honra-lo.

Terceira, mesmo que não haja mais a ser americano ou Inglês ou sueco do que simplesmente ser branco, ainda temos que falar sobre brancura, porque o actual sistema político insiste que é possível que as pessoas de todas as raças sejam americanas, inglesas ou suecas. Durante muito tempo, não foi preciso dizer que apenas os brancos podiam fazer parte de qualquer nação europeia. Mas o multi-culturalismo e o nacionalismo cívico procuram separar as identidades nacionais europeias da brancura.

Assim, para salvar nossas nações e, através delas, a nossa raça como um todo, precisamos conversar *explicitamente* sobre a brancura.

Temos que afirmar que ser branco é uma condição necessária para pertencer a qualquer grupo nacional europeu, embora, é claro, reconheçamos que uma língua, cultura e história compartilhadas também são necessárias. Devemos afirmar que os não-brancos podem ser membros de nações brancas apenas em virtude de ficções legais. Nem todo homem branco é um sueco, mas todo sueco é um homem branco.

Quarta, o nacionalismo étnico simples nem sempre é suficiente para garantir interesses raciais nacionais ou mais amplos. É perfeitamente natural, normal e correto que indivíduos e nações cuidem de seu próprio povo primeiro. E quando impérios multi-étnicos ou organismos multinacionais como a União Europeia trabalham contra os interesses étnicos de povos específicos, o nacionalismo "mesquinho" da Escócia, Hungria ou Polónia, é inteiramente legítimo.¹ Mas quando o nacionalismo étnico mesquinho ou o imperialismo levam a guerras entre nações europeias ou impedem respostas europeias coordenadas a ameaças comuns, torna-se necessário um senso mais amplo de solidariedade racial pan-europeia para garantir a sobrevivência e o florescimento racial.

Criar essa solidariedade é imperativo. Assim, devemos enfatizar todas as coisas que os europeus têm em comum e, além de todas as diferenças de idioma, cultura e religião, a raiz mais profunda da identidade e da solidariedade europeias é racial. Todos os europeus compartilham ancestrais comuns. Somos uma família extensa. Para garantir o nosso destino comum, precisamos superar tabus tolos sobre reconhecer e extrair a força das nossas origens raciais comuns.

Quinta, as sociedades coloniais desde o início envolviam distinções raciais entre colonos europeus e não-brancos indígenas. Em alguns casos, escravos africanos e trabalhadores hindus ou chineses (coolies) do sul e do leste da Ásia foram adicionados à mistura. Nesse ambiente, é natural para os brancos não verem diferentes nações e tribos (astecas, maias), mas simplesmente diferentes grupos raciais (índios, negros, etc.), e é igualmente natural para os não-brancos verem europeus de origens nacionais diferentes simplesmente como brancos. De facto, no contexto colonial de polarização e luta racial, quando os brancos devem apresentar uma frente unificada, os remanescentes das diferenças étnicas do Velho Mundo são realmente prejudiciais aos interesses dos brancos.

Mas agora que a própria Europa está sendo colonizada por não-brancos, o mesmo processo de polarização racial está ocorrendo lá também. Negros, árabes e sul-asiáticos, na Europa não veem franceses, ingleses e alemães. Eles simplesmente vêem homens brancos. E nós simplesmente vemos não-brancos. As nossas diferenças não importam para eles, e suas diferenças não importam para nós. À medida que as tensões raciais aumentam na Europa, o nosso povo perceberá que não está sendo atacado como franceses ou alemães, mas simplesmente como homens brancos. E quando os europeus resistem ao deslocamento étnico, cada vez mais consideram a sua raça como nação e a pele como uniforme. Quanto antes nos vemos como brancos, unidos por inimigos e desafios comuns, compartilhando uma origem e um destino comuns, mais cedo seremos iguais perante as tarefas que enfrentamos.

A BRANCURA É SUBVERSIVA?

A melhor crítica à brancura como categoria política vem de Martin Heidegger. Heidegger era um defensor do nacionalismo étnico alemão e pensava que a ênfase nacional-socialista na brancura racial subverteu os interesses étnicos alemães. Heidegger entendeu que a brancura é uma condição necessária para ser alemão, mas há mais para ser alemão do que apenas ser branco.³

Heidegger acreditava que transformar a brancura em um conceito político, e incluir alemães e outros povos europeus sob ele, lançou as bases para a destruição das diferenças étnicas. Pois, se somos todos brancos, o que importaria se os alemães decidissem assimilar membros de outros grupos étnicos europeus? Colocar diferentes grupos étnicos sob o amplo género biológico “branco” leva a pensar que os brancos são equivalentes e intercambiáveis. Em termos biológicos, essa fungibilidade significa que brancos de outras nações são “criadouros” adequados. E

em termos culturais, fungível significa assimilável: capaz de perder uma identidade cultural e adotar outra. Há também uma dimensão da política de puro poder. Porquê os alemães assimilariam biologicamente e culturalmente os polacos em vez de vice-versa? Obviamente, simplesmente porque os alemães eram politicamente dominantes.

Além disso, os nazistas não estavam apenas interessados em assimilar outros brancos, mas especificamente os nórdicos, independentemente de sua cultura. Um corolário disso é que os nazis não estariam particularmente interessados em perpetuar a linhagem de genuínos alemães que não eram nórdicos. Esta consideração certamente apoia a crítica de Heidegger, embora exista, não há evidência de que isso tenha lhe ocorrido. Mas dado que o próprio Heidegger não era nenhum *Übermensch* nórdico, provavelmente isso passou pela sua cabeça.

O argumento de Heidegger faz muito sentido. Um nem sequer fazer perguntas como "Serão os finlandeses brancos? Ou, serão os italianos brancos? A menos que alguém esteja a pensar em termos de procriar com eles ou impor-lhes a cultura. Tais perguntas quase sempre surgem em um contexto colonial ou imperial. Em uma Europa dos etno-estados autónomos, eles dificilmente surgiriam, e apenas entre os segmentos mais radicais e cosmopolitas da sociedade: académicos, artistas, empresários e afins que viajam para o exterior e podem se apaixonar por uma jovem estrangeira e perguntar-se se ela é "branca o suficiente" para levar para casa (Seria de esperar que alguém, nos etno-estados europeus, o enraizamento fosse enfatizado para aqueles que aspiram ao poder político).

Felizmente, existem medidas que podemos tomar para reduzir a ameaça de homogeneização racial e cultural europeia. Geralmente, não precisamos nos preocupar se os outros povos são "brancos o suficiente" pois se todas as pessoas tiverem uma pátria, se a imigração e o casamento entre sociedades brancas forem reduzidos ao mínimo, e todas as pessoas tiverem um forte sentido da sua própria identidade étnica para se casar com sua própria raça. Todas essas são políticas sensatas para preservar a diversidade étnica e sub-racial dos povos brancos.

Assim como sou etno-nacionalista com a condição de ser qualificado por uma solidariedade racial branca mais ampla, também sou nacionalista branco com a condição de preservar e não comprometer grupos étnicos brancos distintos.

A BRANCURA É UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL?

Os nacionalistas brancos são frequentemente confrontados com a objeção de que a raça é apenas uma construção social, não uma categoria biológica real. No meu ensaio, "Por que a raça não é uma construção social", argumento que essa afirmação é falsa.³ Basicamente, todos os argumentos construtivistas sociais ignoram a distinção entre raças, que são fatos biológicos objetivos e pensamentos sobre raça (por exemplo, taxonomias raciais e teorias científicas) que são construídas socialmente.

Aqui gostaria de argumentar que, seja a construção social da raça verdadeira ou falsa, ela não representa um impedimento ao nacionalismo branco. É simplesmente irrelevante. Ainda podemos ser nacionalistas brancos, mesmo que a raça seja uma construção social. De fato, de certa forma, é mais fácil.

Primeiro, é preciso observar que algumas das mesmas pessoas que tratam a construção social da raça como uma objeção ao nacionalismo branco não têm absolutamente nenhum problema em defender políticas de identidade não-brancas. Portanto, se o construtivismo social mina a política de identidade, talvez os nossos oponentes devam começar abandonando a sua. E se o construtivismo social não é impedimento para políticas de identidade não-brancas, também não é impedimento para políticas de identidade branca.

Segundo, os nacionalistas brancos pensam que a identidade é mais do que apenas uma questão de raça. Todo italiano é um homem branco, mas nem todo homem branco é italiano. A identidade italiana não é apenas uma descendência biológica comum, mas também uma linguagem, cultura e história compartilhadas, que são construções humanas. Essas construções são limitadas e moldadas pela nossa herança genética e eventos históricos objetivos, mas no centro de toda a cultura há convenções que são criações livres da imaginação humana.

Os construtivistas sociais sustentam que, se um grupo de pessoas se considera uma nação, é uma nação. Para os nacionalistas brancos, a nacionalidade é em grande parte uma construção social, mas não exclusivamente, uma vez que uma nação também envolve descendência comum. As nações, é claro, estabelecem convenções para que os estrangeiros se "naturalizem" (um termo muito revelador), mas sempre houve uma forte presunção em favor de tornar a naturalização condicionada à assimilabilidade biológica e cultural.

Mas, por uma questão de argumento, vamos apenas conceder à tese social construtivista que a identidade é inteiramente convencional. Isso não faz nada para impedir uma sociedade de adotar a convenção social de que apenas pessoas brancas podem ser membros. Se os limites sociais são constructos essencialmente arbitrários, por que não ser etno-nacionalistas? Para um construtivista social, nada impede uma sociedade de estipular a homogeneidade racial. E como a diversidade racial (independentemente de ser real ou socialmente construída) é uma fonte comprovada de desunião e conflito, existem boas razões práticas para preferir a homogeneidade.

Os nacionalistas brancos acreditam que nossa raça é real. Mas o mero realismo racial dificilmente importa se as pessoas não pensam em termos raciais. O nacionalismo branco não é apenas uma tese científica. É uma ideologia política. Como tal, depende da consciência branca, ou seja, da auto-consciência branca. De facto, a auto-consciência branca é a maior parte do nacionalismo branco, pois sem ela os brancos são politicamente inertes, tal como cães ou cavalos. Assim, uma das principais actividades dos nacionalistas brancos é aumentar a auto-consciência branca. O nosso povo precisa pensar que somos uma raça distinta, com uma

identidade e interesses distintos, que frequentemente entram em conflito com a identidade e os interesses de outras raças. E quando esses conflitos existem, os brancos devem pensar que é natural, normal e correto nos organizarmos para proteger nossos interesses no campo político.

Os construtivistas sociais desejam derrubar o suporte biológico do nacionalismo branco. Mas remover o realismo racial ainda deixa a maior parte do nacionalismo branco, chamado, a consciência racial branca. E, novamente, se o construtivismo social é verdadeiro, não há nada para impedir que os nacionalistas brancos simplesmente estipulem que queremos homogeneidade racial e étnica.

A única coisa que nos impediria de impor tais preferências é a falta de poder político. Assim, se o construtivismo social é verdadeiro, os nacionalistas brancos não precisam perder o fôlego convencendo cada pessoa que nossas sociedades devem ser homogêneas. Enquanto pudermos elevar suficientemente a auto-consciência, o orgulho e a auto-afirmação brancas, podemos atingir o poder político e cultural necessário para impor as nossas preferências ao resto da sociedade. Não há razão moral para não fazer isso. Os nossos inimigos declaram abertamente sua intenção de fazer a mesma coisa conosco.

PRECISAMOS DE UMA DEFINIÇÃO DE BRANCURA?

O nacionalismo branco exige uma resposta para a pergunta: Quem são os brancos? Mas não requer uma definição hermética de brancura. Há uma distinção importante entre um fenómeno e sua definição. A raça branca é um fenómeno que existe no mundo real. O nosso conhecimento primário com pessoas brancas é através da percepção sensorial. Conhecemos os brancos quando os vemos.

Definições são tentativas de articular verbalmente os traços essenciais do que vemos na percepção sensorial, e como sempre podemos perceber mais do que podemos dizer, todas as definições são inadequadas. Mas a falta de uma boa definição não implica que não saibamos quem são os brancos, muito menos que os brancos não existem. Simplesmente prova que, quando confrontados com a riqueza das palavras naturais, falha-nos repetidamente.

Muitos de nós ficaríamos pressionados para dar uma definição verbal de repolho que nos permitisse distingui-lo da alface. Mas podemos diferencia-los instantaneamente simplesmente olhando para eles. Sempre sabemos mais do que podemos dizer. Portanto, é puro sofisma argumentar que, se não podemos oferecer uma definição hermética de repolho, não sabemos o que são repolhos, e muito menos que eles nem existem.

Para os propósitos do nacionalismo branco, os brancos são os povos indígenas da Europa e seus descendentes não misturados em todo o mundo. Mas, inevitavelmente, os nacionalistas brancos são desafiados a defender qualquer explicação de brancura contra certos casos fronteiriços.

- Quanto sangue não-branco é consistente com ser uma pessoa branca?
- Judeus, persas, georgianos e armênios brancos ou não-brancos? Alguns parecem claramente brancos, outros não.
- Os muçulmanos dos Balcãs são brancos ou não-brancos?⁴

Novamente, essas perguntas realmente não importam num mundo onde todos os povos tenham suas próprias pátrias. Os judeus podem não ser "brancos o suficiente" para o seu gosto, mas todos são judeus são o suficiente para viver em Israel.

É claro que os nacionalistas não-brancos nunca enfrentam o mesmo desafio e não seriam impedidos se fossem.

A suposição subjacente a essas objeções é que, se não se pode fornecer regras não arbitrárias para lidar com casos limítrofes, a brancura é uma construção social, não um tipo natural. Mas isso é tão absurdo quanto argumentar que, uma vez que existem sombras no espectro de cores que se estendem pelo azul e pelo verde, não existem exemplos puros de azul e verde. Houve muitas taxonomias raciais diferentes, que dividem as raças do mundo de maneiras diferentes.⁵

Mas nenhuma dessas taxonomias deixa de incluir uma categoria para brancos, porque obviamente existem brancos. Mas, novamente, vamos apenas conceder aos construtivistas sociais o seu ponto de vista. Se abraçarmos o co-construtivismo social, ficaremos completamente livres para responder a essas perguntas com regras arbitrárias. Os construtivistas sociais devem ser as últimas pessoas a se oporem à ideia das nações brancas serem empoderadas para definir as suas identidades e determinar quem está dentro e quem está fora.

Finalmente, a maioria das demandas para "definir branco" é oferecida de má fé. As mesmas pessoas que afirmam que o nacionalismo branco fracassa sem uma definição hermética de brancura, não têm problema em nos destacar quando desejam culpar-nos pelos problemas do mundo, discriminar-nos na educação e no emprego ou alvejar-nos por genocídio. Portanto, quando uma dessas pessoas pedir para você definir a brancura, sorria e diga-lhe que são os brancos a quem suposto que devem sentir culpa branca. Mas se os brancos são reais o suficiente para suportar a culpa branca, então somos reais o suficiente para construir nações brancas.

1 Greg Johnson, "Let's Call the Whole Thing Off: In Defense of 'Petty' Nationalism", in *Truth, Justice, & a Nice White Country* (San Francisco: Counter-Currents, 2005).

2 See Greg Johnson, "Heidegger and Ethnic Nationalism", *Counter-Currents*, 27 de Junho e 5 de Julho de 2017.

3 Greg Johnson, "Why Race is Not a Social Contract", in *Toward a New Nationalism*.

4 A resposta é que eles são pessoas brancas de quem a religião é um vector da invasão não-branca da Europa. Lamentavelmente, nós podemos agora dizer o mesmo a respeito de muito cristãos europeus também.

5 Ver Andrew Hamilton, "Taxonomic Approaches to Race", *The Occidental Quarterly*, vol. 8, n.º.3 (Fall 2008).

SUPREMACISMO

A acusação de que os nacionalistas brancos são "supremacistas brancos" tem dois aspectos. Primeiro, há a alegação de que os brancos se consideram superiores a outros grupos. Segundo, há a ideia de que os brancos querem governar outros grupos.

Eu acho que os brancos são superiores a alguns grupos em alguns aspectos. Tenho muito orgulho do nosso povo e temos muito o que nos orgulhar. Nas áreas em que nos destacamos, fizemos muito pelo mundo. As nossas realizações superiores em comparação com outras raças são o motivo pelo qual tantos não-brancos estão inundando as sociedades brancas. Não há necessidade de medir palavras sobre isso ou pedir desculpas de qualquer maneira.

É fácil encontrar coisas pelas quais somos superiores a outros grupos. Mas também podemos encontrar coisas pelas quais somos inferiores a outros grupos. Só acho que esse problema não importa, porque, como Kevin MacDonald e Jared Taylor apontaram, mesmo que fossemos a maioria das pessoas mais tristes do planeta e tivéssemos conseguido quase nada, ainda seria natural, normal e certo amarmos os nossos e nos preocuparmos com o futuro de nosso povo. E ainda seria politicamente conveniente exigir nossas próprias pátrias soberanas.

Quanto à ideia de brancos reinando sobre outras pessoas, acredito na auto-determinação para todos os povos. As pessoas que estão realmente comprometidas com os brancos que governam sobre outras pessoas, são nacionalistas cívicos que afirmam ser chauvinistas da civilização ocidental, mas não nacionalistas étnicos ou raciais.

Os nacionalistas cívicos cederam basicamente ao multi-racialismo à esquerda. É uma vitória que eles nem sequer vão questionar, muito menos tentar reverter.

O chauvinismo é uma atitude de superioridade. Um chauvinista ocidental acredita que a civilização ocidental é superior. O que é a civilização ocidental? Basicamente, é a civilização branca. Assim, os nacionalistas cívicos estão comprometidos com a ideia de superioridade civilizacional branca, que é a primeira forma de supremacia. Eles tentam fugir dessa implicação com um "truque de cartola", é claro, declarando que a civilização ocidental é uma civilização universal, mas isso é simplesmente falso.

A civilização ocidental é um produto das pessoas brancas, e as pessoas que mais se sentem confortáveis nos países ocidentais são pessoas brancas. Quando os negros,

asiáticos e outros grupos chegam aos países brancos, eles querem mudar as coisas para se adequarem melhor a eles. O chauvinista ocidental deve dizer "não". Os não-brancos precisam seguir os padrões dos brancos, incluindo as leis dos brancos, que são naturalmente aplicadas pelo Estado. Com efeito, isso significa que os brancos devem dominar os não-brancos. Isso é supremacismo branco no segundo sentido.

Agora, certamente, acredito que se os não-brancos vivem em sociedades brancas, devemos absolutamente impor os nossos valores a eles, ou eles criarão uma sociedade em que nós não quereremos viver.

Nós precisamos realmente refletir por um momento sobre o absurdo da situação em que agora é "problemático" que os valores brancos sejam "supremos" nas sociedades brancas, criadas e sustentadas por pessoas brancas e valores brancos. Alguém denuncia o Japão por ser supremacista asiático ou a Nigéria por ser supremacista negra?

Mas temos que ser honestos que é realmente uma forma de opressão impor padrões de brancos a populações não-brancas e exigir que eles "assimilem", que entreguem suas identidades, e que de facto andem por aí vestindo roupas em que não se encaixam. Porque a civilização de uma pessoa deve ser tão confortável e se tornar um traje bem adaptado.

Os negros, por exemplo, não acham a civilização branca confortável. É como exigir que eles usem sapatos que são dois tamanhos mais pequenos quando impomos os nossos padrões de pontualidade e preferências de tempo, exigem que eles sigam nossas leis de idade de consentimento ou imponham-lhes a família nuclear. Essas coisas não acontecem naturalmente para os africanos. A imposição de tais padrões é o odiado "sistema de supremacia branco". Mas se não impusermos padrões brancos aos negros, teremos o caos. Temos grandes cidades como Detroit transformadas em terrenos baldios.

William Blake disse uma vez: "Uma lei para o leão e o boi diferente é a opressão". Porque leões e bois são animais diferentes, e colocá-los sob as forças de uma lei, é coloca-los a viver contrários às suas naturezas.

Supremacia branca seria como o leão exigindo que o boi viva pelo código do leão. Mas o boi não come carne. Ele come erva. Comer carne não vem naturalmente para ele. Os verdadeiros supremacistas brancos são os nacionalistas civis, que pensariam que estão fazendo um favor ao boi, declarando a carne a dieta e força "universais".

Os nacionalistas brancos não são supremacistas brancos, porque não é a nossa preferência governar outros grupos, embora, se forçados a viver sob sistemas multiculturais, vamos tomar o nosso próprio lado e tentar garantir que os nossos valores reinem supremos, a nossa preferência é seguir caminhos separados. Isso é motivo suficiente para um divórcio racial amigável e sem culpa, para que possamos viver da maneira que mais nos beneficia em nossas próprias pátrias.¹

I Ver Greg Johnson, "Irreconcilable Differences: The Case for Racial Divorce", in Truth , Justice & a Nice White Country.

HOMOGENEIDADE

Os nacionalistas brancos acreditam que a melhor forma de sociedade é o etno-estado soberano que é racial e etnicamente homogêneo. Mas a homogeneidade é realmente possível? A resposta simples é: sim. Lidaremos primeiro com a homogeneidade racial, e depois com a homogeneidade étnica.

Sabemos que a homogeneidade racial é possível, pois apenas algumas décadas atrás, quase toda a Europa era homogeneamente branca. E de facto, até hoje mesmo, partes significativas, porém reduzidas, da Europa e sociedades da diáspora branca (cidades inteiras e regiões inteiras) não têm nenhum não-branco.

Portanto, é perfeitamente concebível que, dentro de algumas décadas, movendo fronteiras e populações, possamos criar pátrias racialmente homogêneas para todos os povos europeus.

Mas pode-se considerar algumas exceções para completar a homogeneidade racial.

Primeiro, nas sociedades coloniais brancas, pode haver populações de aborígenes não-brancos que são muito pequenas e isoladas para constituir etno-estados independentes e soberanos. Portanto, pode-se desejar criar reservas étnicas não soberanas com a máxima autonomia local, para que possam levar suas vidas como acharem melhor. Mas deve-se ressaltar que não há populações aborígenes não-brancas na Europa, portanto não é necessário fazer essas acomodações lá.

Segundo, os etno-estados brancos certamente manterão relações comerciais e diplomáticas com pelo menos algumas sociedades não-brancas, o que levará a visitantes não-brancos tais como, turista, homens de negócios e residentes não-brancos, como por exemplo diplomatas. Como as repúblicas da ciência, tecnologia, artes e letras lidam com valores universais, elas são inerentemente cosmopolitas. Assim, um etno-estado branco também pode hospedar estudantes, cientistas, acadêmicos e artistas de países não-brancos, por períodos de tempo variados.

Em ambos os casos, no entanto, um etno-estado branco manteria essas populações pequenas o suficiente para serem reverenciáveis e segregadas do resto da sociedade, de modo a que qualquer cidadão que assim desejasse pudesse evitar completamente lidar com alógenos raciais. Isso significaria que esse etno-estado poderia garantir uma homogeneidade racial de facto a todos os cidadãos que o desejassem. Além disso, todos os não-brancos que vivem em tal sociedade aceitariam e viveriam de acordo com as normas brancas de comportamento. Esse é exactamente o oposto do multi-culturalismo actual, no qual os brancos devem abandonar as nossas suas

normas e práticas sempre que os estrangeiros o exigirem.

Isso nos leva a uma distinção tríplice:

- ***Estrita homogeneidade*** – o que significa a completa falta de pessoas de fora da raça ou étnica.
- ***Homogeneidade de Facto*** - o que significa que, mesmo que pessoas de fora estejam presentes, elas são segregadas para que a grande maioria das pessoas (todas elas que desejam) vivam em uma sociedade de facto homogénea.
- ***Homogeneidade Normativa*** – o que significa que, mesmo que pessoas de fora estejam presentes, elas aceitam as normas da sociedade e agem de acordo com as mesmas.

Qualquer etno-estado poderia estabelecer a completa homogeneidade racial, se quisesse pagar o preço. Mas se uma sociedade não quer ir tão longe, ainda pode garantir espaços de facto homogéneos para todos os cidadãos que os desejam e, em seguida, pode defender e reforçar a homogeneidade normativa, ou seja, a hegemonia dos valores brancos, para brancos e não-brancos também.

A homogeneidade étnica completa, como a homogeneidade racial completa, é possível em princípio, se alguém quiser pagar o preço. Mas alcançar a homogeneidade étnica é muito mais complicado que a homogeneidade racial. Na Europa, pode-se simplesmente repatriar todos os não-brancos para as suas pátrias ancestrais. Mas isso deixaria uma Europa em que os políticos dificilmente mapeariam ordenadamente as fronteiras étnicas. Pode-se corrigir essa situação dividindo estados multinacionais e movimentando povos e fronteiras. Todas essas soluções são muito mais caras que a remoção de intrusos não-brancos, simplesmente porque os custos primários devem ser suportados pelos nossos colegas brancos.

Acreditamos que a divisão de estados multinacionais em linhas étnicas, por exemplo, na Jugoslávia, Checoslováquia, Bélgica, Espanha, França ou Reino Unido, é a melhor maneira de resolver conflitos étnicos e preservar a diversidade étnica. Existem duas maneiras de atingir esse objetivo: o caminho fácil e o difícil, o divórcio aveludado dos checos com os eslovacos, ou as guerras e a limpeza étnica dos Balcãs.

Mas, como revelaram os referendos escocês e catalão, muitos impulsos nacionalistas são investidos na preservação de estados multinacionais, mesmo da secessão de povos que desprezam como atrasados, inferiores, esquerdistas e decadentes. Só podemos esperar que esses sentimentos diminuam à medida que a maré do pensamento etno-nacionalista continua a subir.

Imagine, então, uma Europa na qual as mais graves tensões étnicas foram resolvidas por secessões, partições e, quando necessário, trocas populacionais. Mesmo nessa

Europa, ainda haverá minorias étnicas: suecos na Finlândia, húngaros na Roménia, polacos na Lituânia, etc. Também haverá europeus que desejam trabalhar e estudar em outros países europeus, e europeus que se casam com pessoas de outras nações. e europeus que desejam se aposentar em climas mais quentes. Além disso, como o infortúnio pode acontecer em toda sociedade, o direito internacional deve exigir que todo o Estado soberano faça provisões para refugiados de desastres naturais, guerras e opressões.

Condições semelhantes pertencerão às etnias coloniais europeias, com a diferença adicional de que elas também podem relicar populações indígenas não-brancas. Qual deve ser nossa actitude em relação às pessoas de outras nações brancas?

Os etno-nacionalistas desejam preservar culturas europeias e tipos sub-raciais distintos, que é o objetivo de ter pátrias distintas em primeiro lugar. Não queremos ver o surgimento de um homem europeu homogéneo ou de uma monocultura branca. Portanto, as políticas em relação a outras nações brancas devem ter esse objetivo em mente. O objetivo de preservar nações distintas determina o seguinte: nenhuma sociedade branca deve permitir que grandes populações de trabalhadores convidados de outras sociedades brancas ou, criar condições que levem a um grande número de pessoas a procurar trabalho no exterior.

A imigração entre sociedades brancas deve ser limitada. Praticamente todos os casos seriam devidos a casamento. O processo de naturalização deve promover firmemente a homogeneidade normativa, ou seja, a assimilação da língua e cultura dominantes pelos imigrantes e, principalmente, pelos filhos destes. É possível que os europeus se juntem a outras nações europeias e, mesmo que não consigam assimilar completamente, os seus filhos certamente conseguem.

Os grupos minoritários étnicos devem poder manter os seus próprios idiomas e culturas. Não deveria haver assimilação forçada, como havia nos regimes nacionalistas civis, pois isso simplesmente cria conflito. Mas, da mesma forma, as minorias criam muito ressentimento ao se recusar a aprender a língua dominante e exigir que o Estado lhes atenda instituindo o bilinguismo. Novamente, o princípio deve ser a homogeneidade cultural normativa, o que significa que pessoas de fora precisam respeitar a língua e os costumes locais. Se acham isso opressivo, têm as suas pátrias para as quais se podem mudar.

Expatriados de outras nações brancas devem ser permitidos, em número limitado, desde que respeitem a cultura dominante e os nativos não precisem interagir com eles.

Nenhuma nação pode simplesmente rejeitar os refugiados, porque um dia o seu povo precisará procurar refúgio em outras terras. Mas as nações brancas não têm obrigação de acolher refugiados não-brancos, que podem ir para outros países não-brancos. Os refugiados brancos, no entanto, devem ser bem-vindos e ajudados até ao momento em que possam retornar à sua terra natal. No caso de refugiados que não têm pátrias às quais possam voltar, como os rodesianos brancos e os sul-africanos,

eles devem ter a chance de imigrar. Dependendo do seu destino, eles poderiam ter a opção de assimilar a cultura dominante ou se tornar uma minoria étnica distinta.

Quanto a turistas, homens de negócios, diplomatas, estudantes, acadêmicos, artistas e cientistas: as mesmas políticas devem pertencer às dos países brancos e às dos não-brancos. Os seus números devem ser limitados, eles devem respeitar a cultura dominante e os nativos devem ser completamente livres para evitá-los, se assim o desejarem.

Para manter a distinção racial, os etno-estados devem ter leis contra a miscigenação. Elas são obviamente mais importantes em sociedades coloniais com populações de brancos não-brancos, mas devem existir em todas as sociedades brancas para impedir que as pessoas tentem levar para casa cônjuges não-brancos.

A principal objeção a comprometer-se com a absoluta homogeneidade racial e étnica é que parece uma inclinação escorregadia em direção ao nacionalismo cívico. Mas isso é um erro. Os nacionalistas cívicos sustentam que pessoas de raças e culturas radicalmente diferentes podem se tornar parte da mesma sociedade simplesmente professando um cívico e prestando juramento. Essa é uma concepção muito fina de identidade.

Os etno-nacionalistas têm um senso de identidade muito mais espesso, com base no parentesco genético e na enculturação. O principal marcador cultural que diferencia os grupos étnicos são as diferentes línguas nativas. Mas é difícil tornar-se fluente em outro idioma e mesmo assim, nunca substituirá a língua materna de ninguém. Os nacionalistas cívicos acreditam que é muito fácil tornar-se membro de outra sociedade. Os etno-nacionalistas acreditam que é difícil, se não mesmo impossível. É impossível que não-brancos se tornem membros das sociedades brancas. É difícil para os brancos se tornarem membros de outras sociedades brancas. É mais fácil, claro, se um imigrante na sua nova terra natal compartilhar a mesma língua nativa e cultura básica, como por exemplo, nos países da Anglosfera. Porém, quanto maiores as diferenças linguísticas e culturais, maior é a dificuldade de assimilação, a ponto de que a assimilação total geralmente é possível apenas para os filhos dos imigrantes, que devem ser educados para falar a língua dominante como língua materna.

Os etno-nacionalistas não apenas pensam que a assimilação cultural é difícil, mas apenas insistem nisso para os imigrantes. Para visitantes e residentes temporários, brancos e não-brancos, bem como para grupos minoritários brancos que vivem dentro das suas fronteiras, os etno-nacionalistas não querem ou não incentivam a assimilação. Em vez disso, eles desejam que grupos diferentes mantenham as suas identidades culturais e simplesmente acomodem a cultura dominante, respeitando as suas normas e falando a língua dominante em situações públicas. É claro que os viajantes e residentes temporários terão alguma margem para esses assuntos, mas os residentes permanentes devem ser mantidos em padrões mais altos. Nem todos num determinado país, e num dado momento, podem ser cidadãos (o que é homogeneidade no sentido estrito), mas todos devem respeitar as suas leis e cultura,

que é o significado da homogeneidade normativa.

Alguém poderia objetar: Não é a homogeneidade normativa apenas chauvinismo cultural ou supremacismo? Não é necessariamente chauvinismo, porque o chauvinismo é uma convicção de superioridade. Nós não insistimos que os estrangeiros falem a nossa língua e sigam os nossos costumes porque pensamos que são superiores. Insistimos simplesmente porque são nossos, e estabelecemos as regras em nossa terra natal, assim como estabelecemos as regras em nossas casas individuais. E quanto ao supremacismo: alguém pode me explicar porquê a nossa língua, cultura e normas não devem ser supremas nas nossas terras?

Alguém poderia também objetar: a ideia de homogeneidade de facto não é apenas outra versão do condomínio fechado, onde as pessoas fogem da diversidade para aproveitar a vida entre sua própria espécie? Um etno-estado pode realmente ser comparado a um condomínio fechado, mas não há nada de errado nisso. Primeiro de tudo, precisamos ter um entendimento adequado do que é um condomínio fechado. Mesmo em condomínios fechados, as pessoas de fora entram e saem: visitantes, entregadores, comerciantes, etc. Mas eles precisam seguir as regras locais e não podem entrar em casas particulares sem permissão. Portanto, os residentes não precisam lidar com eles, se não quiserem. Um etno-estado normativamente homogêneo funciona exactamente da mesma maneira: pessoas de fora entram e saem, mas apenas com permissão; eles precisam seguir as regras locais; e os moradores não precisam lidar com eles se não quiserem. Portanto, dentro de um etno-estado, mesmo que haja pessoas de fora, os cidadãos vêm em primeiro lugar, e existe o compromisso de permitir que eles vivam sem nenhum contacto com as pessoas de fora, se essa for a sua escolha. É isto o que significa ter de facto uma homogeneidade racial e étnica dentro de uma sociedade definida etnicamente.

Para muitos, a ideia de completa de homogeneidade racial e étnica parecerá utópica. Como veremos no próximo capítulo, isso é falso. Para outros, parecerá extremista, medrosa e sem generosidade. Isso é realmente verdade. Mas o medo que nos motiva é a perspectiva de extinção de terras raciais e culturais, um medo que, como vimos acima, é completamente razoável. Uma raça que enfrenta o genocídio não se pode dar ao luxo de sentimentalismo, moderação e meias medidas.

No mínimo, a sobrevivência da nossa raça exige o fim da competição económica não-branca, do poder político e da promoção de inter-casamentos nos países brancos, e a melhor maneira de conseguir isso é a separação completa. Aperfeiçoar a homogeneidade étnica das nações brancas é uma questão muito menos premente. O preço de não perseguir pátrias brancas é extinção e, comparado a essa perspectiva, o que perderemos indo aos extremos é insignificante. O que os críticos chamam de ir ao extremo é simplesmente o que os nacionalistas brancos chamam de errar por precaução.

No entanto, quando os brancos sentirem que temos um futuro novamente, poderemos correr o risco de aceitar sociedades menos que totalmente homogêneas, embora elas

devam estar sempre em nossos próprios termos, o que significa que devemos sempre insistir na *homogeneidade normativa e de facto*, que ainda criará níveis de inteligibilidade, comunidade e pertença muito além do que a maioria das pessoas brancas pode desfrutar hoje.

BRANCTUPIA

"... A Constituição dos EUA não representa uma ameaça séria à nossa forma de governo."

- Joseph Sobran

O utopianismo é uma das objeções mais comuns levantadas contra o nacionalismo branco, mesmo de pessoas que concordam amplamente conosco.

A palavra utopia literalmente não significa lugar nenhum e refere-se a uma forma ideal de governo que não é realmente encontrada em nenhum lugar do mundo e pode ser impossível de se realizar. Para a grande maioria dos brancos persuadíveis, o utopismo desqualifica categoricamente qualquer ideologia política, e a minoria que considera atraentes mas impossíveis visões utópicas são esmagadoramente esquerdistas, sendo a grande maioria deles inimigos implacáveis da auto-determinação. Portanto, possuir o rótulo utópico é derrotista ao extremo.

Felizmente, não há necessidade de nos pintarmos no canto utópico, porque o etno-estado não é uma abstração. Os etno-estados *de facto* existem hoje no planeta: a Polónia e o Japão, por exemplo, são esmagadoramente racial e etnicamente homogêneos, embora não façam da etnia o fundamento legal explícito da cidadania, eles sempre rejeitam as propostas para abrir as suas fronteiras à imigração em massa.

A pequena Estónia, embora afligida por uma grande população estrangeira descendente de colonos russos, é um etno-estado *de jure*, pois sua constituição afirma explicitamente que o objetivo principal do estado estónio é a preservação do povo estónico para sempre.

Dentro dos Estados Unidos, sabemos exatamente como seria e pareceria uma sociedade homogeneamente branca, porque existem inúmeros lugares em que não há de todo não-brancos, ou então em números tão pequenos que eles não alteram as normas e o funcionamento da sociedade branca. Essas comunidades incluem muitos subúrbios e resorts favorecidos pelas nossas elites anti-brancas. Essas "Brancutopias" são bastante reais e são rotineiramente classificadas entre os melhores lugares da América para se viver. O objetivo do nacionalismo branco é Aspen, ou Chappaqua, ou Martha's Vineyard para todos.

Além disso, durante a vida de muitos americanos de hoje, os tipos de leis e políticas

favorecidas pelos nacionalistas brancos realmente existiram, desde as leis de imigração projetadas para preservar a maioria branca, leis anti-miscigenação para manter a pureza racial, leis de eugenia para melhorar as gerações futuras e até deportações em massa de invasores mexicanos vindos dos estados fronteiriços. Estes não são sonhos utópicos. Eles já aconteceram. De facto, algumas dessas leis parecem radicais demais para os nacionalistas brancos actuais.

Assim, o primeiro passo para criar uma América nacionalista branca é espanar essas leis e políticas e implementa-las mais uma vez. Os Estados Unidos da América poderiam tornar-se amanhã uma sociedade normativamente branca novamente. Isto é simplesmente uma questão de vontade. E uma vez tomada essa decisão, podemos adoptar e aprimorar políticas testadas e verdadeiras para passar do multi-culturalismo ao etno-estado branco. Esse processo pode levar cinquenta anos. Mas poderíamos levar o nosso tempo para acertar, porque os brancos começariam a colher enormes benefícios psicológicos hoje, simplesmente sabendo que nosso povo tem um futuro novamente.

O etno-estado não é utopia. Sabemos que os etno-estados são possíveis, porque são reais. A verdadeira utopia é o paraíso multi-cultural e multi-racial, onde a diversidade é uma fonte de força, não alienação, ineficiência, ódio e violência. Perseguir a utopia multi-cultural está transformando vastas partes do mundo branco em distopias. Comparado ao multi-culturalismo, o nacionalismo branco é sóbrio, arrastando o realismo político.

Portanto, se o etno-estado é uma possibilidade real, os nacionalistas brancos não são obrigados a dizer exatamente que tipo de sociedade será? Será capitalista ou socialista? Será democrática ou autoritária? Os legislador terá uma “casa” ou duas? Como será a bandeira?

Muitos nacionalistas brancos rejeitam essas questões e por boas razões.

Primeiro, essas questões são prematuras. Pode levar gerações até que tenhamos etno-estados brancos na América do Norte, e a tarefa de projetar instituições cairá para as gerações futuras. Parece arrogante tentar tomar decisões por eles.

Segundo, é ingénuo pensar que há uma resposta certa para essas perguntas. Se dermos uma vista de olhos na história ela revela uma variedade surpreendente de diferentes regimes políticos nas sociedades brancas. Diferentes povos brancos acham atraentes diferentes formas de governo. Um etno-estado escandinavo pode ser muito mais socialista do que um americano, mas eles podem estar igualmente comprometidos com a sobrevivência e o florescimento de seus cidadãos.

Terceiro, é imperativo que o movimento nacionalista branco unifique o maior número possível de brancos em torno da ideia do etno-estado. No entanto, exigir um acordo sobre os detalhes do etno-estado é a maneira mais rápida de fazer com que os nacionalistas brancos lutem entre si. Assim, quanto mais específicas forem as nossas propostas para o etno-estado, menor é a probabilidade de obtermos qualquer tipo de

etno-estado.

Quarto, essas questões depositam muita fé em instituições e leis, e pouca fé em nosso povo. Os brancos têm uma maneira de criar sociedades decentes, independentemente dos sistemas políticos e económicos que adoptarmos. Por outro lado, como a história da África pós-colonial nos mostra tão abundantemente, que mesmo as constituições mais sábias não podem produzir um bom governo se o povo não for capaz disso. Assim, o mais importante é que as nações brancas recuperem o controle de sua demografia e do seu destino. Quando isso acontece, podemos simplesmente confiar no génio branco do auto-governo para apresentar toda uma gama de modelos políticos que funcionem. Por mais convincentes que esses argumentos sejam, no entanto, os nacionalistas brancos ainda precisam oferecer pelo menos alguns detalhes. O nacionalismo branco nunca acontecerá a menos que possamos reunir o maior número possível de brancos em favor da nossa causa. Mas, se não oferecemos propostas concretas, na verdade estamos solicitando que o nosso pessoal nos dê um cheque em branco, e a maioria deles ficará bastante incompreensível com isso.

Focando, por exemplo, os Estados Unidos, os nacionalistas brancos precisam adoptar as seguintes políticas para transformar os Estados Unidos em um etno-estado.

Primeiro, precisamos fechar as nossas fronteiras para imigrantes não-brancos.

Segundo, devemos repatriar todos os imigrantes pós 1965 e seus descendentes para as suas pátrias ancestrais.

Terceiro, devemos lidar com populações não-brancas pré 1965, oferecendo-lhes, por exemplo, reservas autónomas, etno-estados independentes ou reassentamento em suas terras ancestrais.

Quarto, devemos criar barreiras à mistura racial. A melhor política anti-miscigenação, é claro, é simplesmente criar uma pátria branca. Mas como é impossível impedir todo o contacto inter-racial devido ao turismo e ao comércio, por exemplo, também precisamos de normas sociais fortes e até leis para desencorajar a miscigenação.

Quinto, um etno-estado deve instituir políticas pró-família. Devemos restaurar os papéis sexuais com base biológica e consagrados na tradição: homens como protetores e provedores, e mulheres como mães e construtores de comunidades. Também devemos torná-lo acessível a homens de todas as classes sociais e níveis de rendimento para possuir casas e apoiar donas de casa e crianças.

Sexto, teremos que adoptar políticas de proteccionismo e pro-laborais para promover o retorno de empregos na indústria de alta remuneração aos Estados Unidos.

Sétimo, teremos que reformar nosso sistema de educação, cultura e mídia para eliminar a propaganda anti-branca e comunicar os conhecimentos, habilidades e virtudes necessárias para florescermos como indivíduos e perpetuar a nossa civilização.

Além dessas políticas específicas, também podemos prever certas características das futuras sociedades nacionalistas brancas porque elas já fazem parte do movimento nacionalista branco hoje. Por exemplo, o movimento nacionalista branco é religiosamente pluralista, então qualquer sociedade nacionalista branca que criamos será religiosamente pluralista e tolerante.

O movimento nacionalista branco permite a participação cívica das mulheres, de modo que também fará parte da sociedade que criaremos no futuro.

Finalmente, o movimento nacionalista branco rejeita a ideia burguesa de que os valores mais altos são o conforto material, segurança e uma vida longa, porque esses valores tornam as pessoas escravas do sistema anti-branco que nos governa. Assim, quando criamos uma sociedade nacionalista branca, ela nunca permitirá que os valores burgueses superem o idealismo racial.

Todas as políticas nacionalistas brancas exigem acção do governo. Eles não vão acontecer simplesmente deixando as pessoas sozinhas. As tendências que estamos tentando reverter foram criadas por más políticas governamentais e só podem ser revertidas por políticas governamentais melhores. O nacionalismo branco, por sua própria natureza, é mais estadista do que libertário, coletivista do que individualista, menos liberal do que liberal. Acreditamos que existe um bem comum para a sobrevivência e o florescimento de nosso povo, que só pode ser promovido pela política do governo, e acreditamos que sempre que os interesses privados entrem em conflito com o bem comum, o bem comum deve vencer.

Isto é claramente óbvio. O que as pessoas querem saber é até onde vai esse coletivismo e anti-liberalismo. O mainstream político, particularmente nos Estados Unidos, está dividido entre a esquerda, que não tem problemas em usar o governo para promover políticas anti-brancas, e a direita, que tende a uma desconfiança ingénua do governo como tal e, uma fé ingénua em que ordem social pode surgir espontaneamente de baixo para cima.

Os nossos inimigos da esquerda não atacam nosso estadismo, eles atacam os nossos objectivos. Os nossos inimigos da direita até podem mesmo compartilhar alguns dos nossos objectivos, mas eles vão atacar o nosso estadismo, e eles vão fazer isso comparando o nacionalismo Branco às piores formas de totalitarismo: Stalin, Hitler, o "*Nineteen Eighty-Four*" de Orwell, etc.

A melhor resposta a esse tipo de argumento é apontar que todas as políticas que defendemos realmente existiam, de uma forma ou de outra, nos Estados Unidos no século passado, quando o país estava muito mais livre e feliz do que no presente, sistema multi-cultural e politicamente correto.

E de facto, embora a actual religião civil igualitária da América tenha raízes profundas, a ideia de que a nação americana foi fundada para promover a igualdade para toda a humanidade é uma falsa construção revisionista de esquerda, como argumento nos meus ensaios: "*Is White Nationalism Un-American?*" e "*What Is*

American Nationalism?"¹

De facto, os americanos tiveram o bom senso de resistir ao igualitarismo racial durante a maior parte de sua história. A Declaração de Independência pode afirmar que "todos os que são criados iguais", que é simplesmente uma negação da monarquia hereditária, não uma declaração de igualdade moral ou de facto humana, mas Thomas Jefferson, autor dessas palavras, acreditava que, embora os negros possam realmente ter os mesmos direitos inalienáveis que os brancos, as duas raças não poderiam existir livres e iguais na mesma sociedade. Assim, ele apoiou o repatriamento de escravos libertos para África.

A declaração, além disso, não é um documento legal. A lei fundamental da terra é a Constituição, que não diz nada sobre a igualdade humana universal e não trata os não-brancos como parte do povo americano.

Segundo a Constituição, o objetivo do governo norte americano não é para promover os direitos humanos para toda a humanidade, mas para prestar um bom governo "para nós mesmos e para a nossa posteridade". Quando o primeiro congresso aprovou a Lei de Naturalização em 1790, especificou que somente pessoas brancas e livres poderiam tornar-se parte do povo americano.

Os Estados Unidos não permitiram que os negros se tornassem cidadãos até 1868. Os negros nascidos no exterior só podiam se tornar cidadãos depois de 1870. Os índios americanos que não viviam em reservas podiam tornar-se cidadãos em 1868. A cidadania foi concedida a todos os índios americanos apenas pela Lei da Cidadania índia em 1924. A imigração chinesa começou na década de 1840, mas foi banida de 1882 a 1943, e os chineses nascidos na América não eram considerados cidadãos até 1898. Somente em 1940 foi aberta a naturalização para pessoas de descendência chinesa, filipina e indiana, bem como índios e mestiços de outras partes das Américas. Mas cada extensão da cidadania a não-brancos foi ferozmente resistida. Provavelmente, nenhuma delas teria passado se as pessoas tivessem permissão para votar nelas diretamente. Além disso, até 1965, as leis americanas de imigração foram projetadas para manter uma super maioria branca com um equilíbrio étnico baseado no censo de 1890.

Uma pátria livre e branca é o direito de nascença de todo americano. E apesar de todos os erros ideológicos da América e nenhum compromisso político, a maioria dos americanos desfrutou de uma pátria branca de facto até a década de 1960. Mas essa primogenitura foi roubada por capitalistas que queriam mão-de-obra barata, liberais universalistas que queriam salvar o mundo e activistas étnicos judeus que queriam diluir a maioria branca. Os nacionalistas brancos americanos não são utópicos. Nós simplesmente desejamos restaurar o direito de nascença de todos os americanos brancos.

O nacionalismo branco não é uma mera possibilidade abstrata. Tudo o que defendemos já foi tentado. Sabemos que o nacionalismo branco é possível, porque já foi real. Assim, o ónus da prova recai sobre os defensores do multi-culturalismo que

nunca melhoraram nenhuma sociedade em nenhum lugar para provar que sua visão levará a qualquer coisa, excepto o inferno na terra, para os brancos.

O desejo dos nacionalistas brancos em produzir constituições escritas também atribui muita importância aos documentos escritos. A Constituição dos Estados Unidos da América é uma obra-prima do pensamento político, mas é realmente a base do sistema político americano? Não, nem por isso. A melhor maneira de apreciar isso é comparar a América e a Inglaterra, que são bastante semelhantes nas suas culturas, leis e instituições políticas. No entanto, a Inglaterra não possui uma constituição escrita. Por outro lado, a Constituição da Libéria, que estava em vigor de 1847 a 1980, baseava-se estreitamente na Constituição dos Estados Unidos, mas a Libéria dificilmente se assemelha aos Estados Unidos na sua cultura e governo.

A fundação do sistema de governo inglês não é um pedaço de papel, mas um povo e as suas tradições. O sistema americano é semelhante ao inglês, porque é uma ramificação das mesmas pessoas e tradições. A Constituição dos Estados Unidos é menos a base do sistema americano do que uma tentativa de articular e resumir características importantes da tradição política inglesa e representa quase dois séculos de evolução divergente nas colónias americanas. Essa tradição, e as pessoas que a criaram e a sustentaram, são os verdadeiros fundamentos do sistema de governo americano.

Essa verdade foi obscurecida pela ideia de que a Constituição é a base de nosso sistema político, embora até os constitucionalistas mais estritos admitam que a Constituição não pode ser interpretada sem referência à intenção dos autores e à cultura da época. Além disso, o exemplo da Libéria mostra que não há magia civilizatória apenas na Constituição. A Constituição dos Estados Unidos nunca poderia ser enxertada com sucesso em um povo radicalmente diferente, com tradições radicalmente diferentes de governo. A relativa impotência das constituições (escritas e não escritas) é sublinhada pelo facto de que praticamente todo o governo europeu hoje adoptou políticas de imigração de substituição de raça, num curso de acção tão perverso que o mais sábio dos legisladores não poderia ter previsto e proibido. De facto, eles teriam sido ridicularizados como loucos se tivessem sugerido a possibilidade. Além disso, o **genocídio branco** tornou-se política sem alterar fundamentalmente as constituições escritas ou não escritas das sociedades europeias. Pergaminhos e instituições consagradas pelo tempo não pararam a ascensão de regimes anti-brancos. Mas, da mesma forma, eles também não podem impedir o retorno de regimes pró-brancos.

Para que os regimes pró-brancos retornem, no entanto, precisamos entender a verdadeira base do poder político. As constituições políticas não são melhores do que as pessoas que as interpretam e as aplicam. As instituições políticas não são melhores do que as pessoas que as empregam. Assim, a política depende de algo que está fora da política, a saber, a metapolítica, que é o tópico do próximo capítulo.

1 Ambos reimpressos em "Toward a New Nationalism".

POLÍTICAS, METAPOLÍTAS E HEGEMONIA

"O sentimento público é tudo. Com ele, nada pode falhar; contra, nada pode ter sucesso. Quem molda o sentimento público é mais profundo do que quem aprova estatutos ou pronuncia decisões judiciais."

- Abraham Lincoln

Epicteto inicia o seu Manual de Estoicismo com uma distinção essencial: "De todas as coisas existentes algumas estão em nosso poder e outras não". Sabedoria é saber a diferença. Isto é verdade na vida individual e na política. O objetivo do movimento nacionalista branco é o poder de remodelar a sociedade. Mas isso não está em nosso poder hoje. Para ganhar o poder que queremos, devemos usar o poder que já temos.

Vamos chamar as coisas que não podemos controlar de "condições sociais". As coisas que podemos controlar são as nossas próprias ações. As condições sociais na Anglosfera e na Europa Ocidental são muito menos favoráveis à política nacionalista branca do que na Europa Central e Oriental. Mas essas condições podem mudar de forma dramática e imprevisível. Portanto, devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para construir o nosso movimento, de modo a estarmos prontos se as circunstâncias em mudança nos derem a oportunidade de avançar.

Os nossos inimigos comandam mais riqueza e poder coercitivo do que qualquer regime da história, embora governem principalmente através de propaganda e outras formas de poder brando. As suas maiores fraquezas são ideias falsas e valores decadentes que nos estão levando a terríveis consequências. Essas catástrofes e as tentativas subsequentes de encobri-las, explicá-las e evitar a culpa estão a destruir a sua credibilidade. Os nossos inimigos também são enormemente cínicos, corruptos, degenerados e francamente risíveis.

Os nossos pontos fortes e fracos são quase a imagem espelhada dos dos nossos inimigos. Falta-nos a sua riqueza e poder coercitivo. A nossa maior vantagem é que defendemos uma verdadeira visão de mundo e valores saudáveis que oferecem soluções reais para os problemas da diversidade e do declínio demográfico branco; também desfrutamos da credibilidade que advém de falar a verdade. Também somos

muito mais idealistas que os nossos oponentes (embora o nosso movimento actualmente tenha sua parcela de cinismo, corrupção, degeneração e bufaria). Em resumo, nunca podemos superar os nossos inimigos. Nós nunca podemos derrotá-los em combate armado. Mas podemos vencê-los na batalha de ideias.

A nossa maior oportunidade é a confiança do sistema na propaganda, porque a internet e os avanços em software e computação agora possibilitam aos nacionalistas brancos produzir e distribuir contra-propaganda de alta qualidade a preços cada vez menores. Estamos a mudar a mente das pessoas, e o sistema não tem poder para mudá-las de volta.

Nos Estados Unidos, todos os sucessos do movimento nacionalista branco foram no plano metapolítico e não no plano político. A “metapolítica” refere-se às pré-condições não políticas da mudança política. Para garantir essas condições, devemos envolver-nos em: (1) educação e (2) organização comunitária. Educação refere-se a defender o argumento intelectual de uma nova ordem política, bem como a criação de mídia para propagar essa mensagem. A organização comunitária refere-se à criação de uma comunidade real do mundo real que vive de acordo com os nossos princípios.

As ideias metapolíticas básicas incluem questões de identidade (Quem somos e quem não somos?), questões de moralidade (Quais são os nossos deveres para com nós mesmos, para as nossas nações, para a nossa raça e para outras nações e raças?) e questões de prática (Como podemos realmente criar pátrias brancas?). Este livro inteiro é um ensaio em metapolítica.

Instituições e comunidades que exercem influência sobre o âmbito político também são metapolíticas. Isso inclui instituições educativas e religiosas, a mídia de notícias e entretenimento, lobbies étnicos e económicos, organizações e cabalas secretas e inexplicáveis, agora vagamente chamadas de “*deep states*”.

Para entender como a metapolítica molda a política, devemos fazer uma distinção entre “poder forte” e “poder brando”. O poder forte é o poder político, que é em última análise apoiado pela força. O poder brando é um poder metapolítico, que influencia a política de duas maneiras. As ideias metapolíticas moldam as crenças das pessoas sobre o que é politicamente possível e desejável. As organizações metapolíticas moldam as políticas, permanecendo fora do reino político.

Se, em última análise, o poder político provém do cano de uma arma, a metapolítica determina quem aponta a arma, para quem ela é apontada e porquê.

Se o poder político é um poder “rígido”, porque, em última análise, reduz à força, a hegemonia metapolítica é o poder “moderado”, que se reduz à persuasão. A persuasão, é claro, não é apenas argumentação racional, mas também manipulação emocional e económica, incluindo suborno e chantagem simples.

Uma das distinções cruciais entre o poder rígido e o poder brando centra-se na ideia de responsabilidade. O poder político rígido é, pelo menos em teoria, responsável

perante o povo. A responsabilidade política significa, em última análise, que as pessoas que tomam as decisões políticas são conhecidas do público e podem ser punidas por trair a confiança pública.

O exercício do poder brando não tem essa transparência ou responsabilidade. O poder brando permite que os destinos das nações sejam moldados por indivíduos cujas identidades e agendas são obscuras e que são essencialmente responsáveis pelas consequências das suas acções. De facto, muitas vezes são estrangeiros, sem vínculos e lealdades para com as nações que manipulam.

Outro termo para poder brando metapolítico é "hegemonia". A palavra grega hegemonia significa liderança, dominação ou regra exercida à distância. Hegemonia é controle remoto. Especificamente, para os antigos gregos, a hegemonia referia-se à liderança imperial ou federal, na qual a hegemonia governa outros estados no que diz respeito a assuntos estrangeiros e militares, mas deixa os assuntos domésticos em suas mãos. Para o homem na rua, portanto, a hegemonia aparece como uma forma de poder distante, indireta, mediada e "suave".

A hegemonia também pode assumir uma forma intelectual e cultural, gerindo o domínio político, moldando os valores e ideias que estabelecem os limites e as metas do debate e da actividade política. Por exemplo, a hegemonia das ideias pró-multi-culturais e anti-brancas na política americana de hoje significa que realmente não importa qual partido que detém o poder, uma vez que o seu poder será usado contra os interesses dos brancos. Mas o inverso também é possível: se as ideias nacionalistas brancas alcançam hegemonia cultural, não importa qual partido que detenha o poder político, pois todos eles tratarão os interesses brancos como sacrossantos. Os conceitos de metapolítica e hegemonia são as chaves para entender as diferenças entre a Velha Esquerda e a Nova Esquerda e, a Velha Direita e a Nova Direita. Por Velha Esquerda, quero dizer bolchevismo. Por Velha Direita, quero dizer nacional socialismo, fascismo e regimes semelhantes. A Velha Direita emergiu em reação à Velha Esquerda. A Velha Esquerda procurou impor o comunismo através da política de partido único e do estado totalitário, usando o terrorismo e o genocídio como ferramentas de política. Assim como se leva uma faca para uma luta de facas e uma arma para um tiroteio, a Velha Direita usou as armas escolhidas da Velha Esquerda para lhe resistir. A Velha Direita lutava contra a violência com violência, e poder político forte com poder político forte.

A Nova Esquerda (sendo o melhor exemplo, a Escola de Frankfurt) substituiu a política por metapolítica, o duro totalitarismo da Velha Esquerda pelo suave totalitarismo da hegemonia cultural de esquerda. A Nova Esquerda percebeu que os valores esquerdistas poderiam ser impostos sem uma revolução violenta e um Estado totalitário e de partido único, simplesmente assumindo o controle da educação e da cultura. Pode-se ter uma total hegemonia social, mantendo a ilusão de liberdade e pluralismo, assegurando que todas as correntes culturais e partidos políticos concorrentes adoptem os mesmos valores esquerdistas que diferem apenas em questões não essenciais.

A Nova Esquerda teve um enorme sucesso. Hoje vivemos numa sociedade totalitária de esquerda e suave, que Jonathan Bowden caracterizou como uma "oligarquia de esquerda", um sistema de vastas desigualdades económicas e políticas em que todos piedosamente pronunciam slogans de esquerda.

Assim como a Velha Direita levou armas para um tiroteio, a Nova Direita deve levar ideias para uma batalha de ideias. Devemos desconstruir a hegemonia das ideias anti-brancas e substituí-las por uma contra hegemonia das ideias pró-brancas. Devemos criar as nossas próprias organizações metapolíticas (novas mídias, novas instituições educativas e novas formas de comunidade que possam combater e substituir aquelas que estão em mãos anti-brancas. Devemos combater as más ideias com melhores ideias, e a subversão institucional com a renovação institucional.

Uma abordagem metapolítica também contribui para nossos pontos fortes. O argumento moral, científico e histórico do nacionalismo branco nunca foi tão forte, embora nos falte dinheiro, organização e poder político. O inimigo, por outro lado, nunca foi tão rico, melhor organizado ou mais politicamente poderoso. Mas eles nunca foram tão fracos em termos morais, científicos e históricos. Dois modelos políticos que têm amplo apelo na comunidade nacionalista branca mais ampla são inúteis nessa luta metapolítica: libertarianismo e organizações nacionalistas brancas da Velha Direita, que agora são chamadas de nacionalismo branco 1.0. Ambas as abordagens tendem a ver a política apenas como uma questão de força. Eles também tendem a ignorar ou subestimar o papel do poder brando. Os libertários opõem-se ao exercício do poder forte pelo estatuto, que é, em princípio, responsável pelo bem comum, mas não têm absolutamente nenhum problema com o poder brando inexplicável, desde que exercido por actores privados. Os libertários opõem-se à censura do governo, mas não têm problemas com a censura corporativa promovida por organizações privadas como a Liga Anti-difamação e o Centro de Direito da Pobreza do Sul, que elaboram termos de serviço e emprego politicamente corretos a serem adoptados pelas instituições e compilam listas de dissidentes a serem silenciados pelas mídias sociais, plataformas de captação de recursos, provedores de hospedagem na web e empresas de serviços financeiros. A única objeção que um libertário poderia contra o domínio total da mediação judaica é se os cheques dançarem. Caso contrário, é tudo "voluntário". Os libertarianos podem, no entanto, contar com a oposição a qualquer regulamentação governamental para impedir a censura e a deformação das empresas. Assim, o libertarianismo não apenas cega as pessoas para o funcionamento do poder branco, como também se opõe a qualquer uso da força do governo para controlá-lo.

Quanto aos imitadores contemporâneos da Velha Direita, eles passam o tempo imaginando cenários de guerra racial nos quais partidos revolucionários armados derrotam o governo dos Estados Unidos, conforme descrito nos romances de William Pierce e Harold Covington (e os tipos mais impacientes e anti-sociais ocasionalmente vão disparar em tumultos). Quando comunistas e anarquistas da LARP¹ como bolcheviques, a Velha Direita aparece com capacetes e escudos nazis para os da

LARP.

Embora o argumento intelectual e moral do nacionalismo branco nunca tenha sido mais forte, e o argumento intelectual e moral do multi-culturalismo nunca tenha sido mais fraco, nas sociedades modernas os nacionalistas brancos não podem derrotar os exércitos, a polícia ou até os seguranças de shopping centers, na luta armada.

É o ponto da loucura estratégica abandonar as nossas maiores forças e recusar-se a atacar o inimigo onde ele é mais fraco, e atacá-lo no plano do poder forte, onde ele é mais forte e nós somos mais fracos.

Isso não quer dizer que hoje não haja espaço para activismo de rua, mas deve ser entendido como uma actividade metapolítica, uma forma de propaganda, não uma batalha para controlar as ruas. Os melhores exemplos dessa abordagem do activismo são o movimento identitário na Europa e o movimento de identidade americano nos Estados Unidos. A política real vem mais tarde, uma vez que lançamos a base para a metapolítica.

Para conceber Nacionalismo Branco como política sem metapolítica como uma simples luta pelo poder político, independentemente das pessoas simpatizarem com a gente ou não, basicamente coloca-nos na posição de um exército invasor ou um partido revolucionário impopular, que procura conquistar o Estado e impor a sua vontade ao povo. Esta é a armadilha do modelo da Velha Direita.

O extremo oposto é a metapolítica sem política; os nacionalistas brancos alcançam uma hegemonia completa no campo metapolítico, o que significa que os interesses dos brancos serão sacrossantos e as ideias anti-brancas serão um anátema. Em tal situação, os nacionalistas brancos não precisam de se organizar como um partido político para capturar o Estado, porque teremos capturado a mente do público, e todos os partidos políticos existentes serão de facto partidos nacionalistas brancos, mas porque essa abordagem é realmente uma hipótese a trabalhar. Eles servirão os interesses dos brancos.

Numa sociedade assim, ainda estaríamos discutindo sobre o aborto e os impostos, mas seria uma discussão apenas entre os brancos. Não haveria possibilidade de se aliar a não-brancos para obter vantagem política de curto prazo sobre a nossa própria carne e sangue, e a degradação e destruição de nossa raça simplesmente estariam fora do campo da possibilidade política. Francamente, isso seria "Branctupia" o suficiente para a maioria de nós.

Na prática, é claro, os aspectos políticos e metapolíticos do poder funcionam em conjunto. Mesmo uma aquisição armada por um partido revolucionário pressupunha a metapolítica para criar um consenso ideológico dentro do próprio partido. E mesmo que o nacionalismo branco se tornasse o senso comum de toda a sociedade, procuraríamos tornar essa vitória permanente, organizando-se para assumir o controle de governos e outras instituições e expulsar os anti-brancos de todas as posições de poder e influência.

Como pode a política de identidade branca passar das margens para o mainstream? Os nacionalistas brancos frequentemente debatem abordagens "vanguardistas" versus "mainstreaming" da política. Os vanguardistas acreditam que devemos levar o público aos nossos pontos de vista. Os mainstreamers querem tornar os nossos pontos de vista mais próximos do público.

Há duas coisas que podemos fazer para tornar nossas ideias mais mainstream. Nós podemos mudar a sua substância, ou podemos mudar o seu estilo, ou seja, a forma como os comunicamos. Obviamente, é auto-destrutivo mudar a substância das nossas crenças para se ajustarem ao mainstream, na verdade, todo o ponto do nosso movimento é mudar o mainstream de acordo com nossas crenças. Os vanguardistas estão simplesmente corretos quanto a isso.

Mas, embora os nossos princípios básicos devam ser fixos e inegociáveis, devemos estar dispostos a ser bastante suaves, flexíveis e pragmáticos nos meios pelos quais nós os comunicamos se esperamos convencer o maior número possível de pessoas, e temos muito a aprender com os mainstreamers.

Na minha opinião, existem quatro absolutos políticos que os nacionalistas brancos não podem comprometer:

1. Os Europeus constituem uma raça distinta, a raça branca. Assim, ser francês ou alemão ou sueco ou grego ou italiano ou irlandês também é ser branco. A brancura é uma condição necessária para fazer parte de qualquer nação europeia. Portanto, nenhuma forma não-racial de nacionalismo cívico, linguístico, cultural ou religioso é suficiente para defender os povos europeus.
2. A raça branca está ameaçada com uma simples extinção biológica, comparada à qual todas as outras questões políticas são distrações triviais. Além disso, a extinção de brancos é o resultado previsível das políticas seguidas. Portanto, estamos enfrentando não apenas extinção, mas um genocídio. Somente reconhecendo a natureza absoluta e política da ameaça podemos finalmente definir uma solução real e criar a seriedade moral e a urgência necessárias para implementá-la.
3. A única solução viável para a ameaça de extinção de brancos é o Nacionalismo Branco: a criação de pátrias homogeneamente brancas para todos os povos brancos, o que exigirá a mudança de fronteiras e pessoas.
4. Os judeus são um povo distinto e pertencem à sua própria terra. Este último ponto é realmente uma implicação evidente do princípio do etno-nacionalismo, mas precisa ser explicitado porque os judeus desejam existir tanto no etno-estado quanto na

diáspora. A comunidade judaica organizada também é um dos principais arquitectos das políticas que desejamos mudar e um dos principais impedimentos para corrigi-las.

Como os nacionalistas brancos podem mudar toda a sociedade branca? Precisamos convencer o maior número de pessoas possível dos pontos acima. Então, precisamos mobilizá-los para mudar a ordem política.

Para persuadir o maior número possível de brancos, precisamos alcançar o maior número possível de brancos. Precisamos convencer os brancos de todas as esferas da vida: todas as faixas etárias, todas as classes sociais, todas as religiões, todas as etnias, todos os grupos de interesse, e todas as subculturas, ou seja, todos. Precisamos fazer um balanço de toda a diversidade da comunidade branca. Depois precisamos elaborar uma versão do nacionalismo branco que apele a todos os constituintes brancos. A sociedade branca é como um grande recife de coral, e os nacionalistas brancos precisam colonizar todos os nichos com uma versão personalizada de nossa mensagem.

Obviamente, as melhores pessoas para vender o nacionalismo branco a todos os subgrupos brancos são os membros desse grupo. Assim, o nosso movimento deve abranger toda a diversidade do nosso povo, interagir e persuadir toda a diversidade do nosso povo e, em seguida, atrair toda a sociedade branca na nossa direção.

Parece impossível. Mas sabemos que é possível, porque foi real. Não precisamos recuar muito na história de nenhum país europeu antes de descobrirmos que as próprias ideias que defendemos hoje eram hegemónicas.

Além disso, o momento histórico nunca foi tão receptivo à política de identidade branca. Mais pessoas do que nunca estão a procurar-nos para respostas. Portanto, devemos desenvolver novas plataformas, porta-vozes e mensagens para tentar alcançá-los e convertê-los. E devemos fazê-lo agora, antes que o momento se perca.

Então, o que podemos fazer para fazer isso? Como podemos abranger um empreendimento tão imenso e variado num único movimento?

Para responder a isso, precisamos fazer uma distinção entre organizações hierárquicas e redes sociais não hierárquicas. O movimento nacionalista branco existente possui muitas organizações, e organizações em potencial, com hierarquias internas: líderes e seguidores, empregadores e funcionários. Mas essas organizações não são o movimento. Eles são meros nós, em uma vasta rede não hierárquica de organizações e indivíduos, que é o verdadeiro movimento.

Este movimento não foi criado e guiado por algum mentor. Em vez disso, ele se uniu a muitas vozes independentes que criaram plataformas para si ou colonizaram as existentes. Além disso, o crescimento do nosso movimento tem muito mais a ver com as falhas do multi-culturalismo do que com nossos próprios esforços em propaganda e organização. Os eventos estão discutindo a nosso favor melhor do que

nós.

Novamente, devemos sempre lembrar que algumas coisas estão ao nosso alcance e outras não. Nenhum de nós tem o poder de organizar o movimento de cima para baixo. Mas todos nós temos o poder de ajudar o movimento a florescer de baixo para cima, se pudermos descobrir e seguir regras de comportamento que permitirão que o nosso movimento cresça em poder e influência, até que ele possa mudar o mundo. Este é o tópico do próximo capítulo.

UM ETHOS VENCEDOR

O movimento nacionalista branco é mais uma subcultura do que um partido político. É uma rede de indivíduos, plataformas web e organizações. Existe mais on-line do que no mundo real. Esperamos que essa subcultura dê origem a mudanças políticas. Mas antes que possamos mudar o mundo, precisamos ser o tipo de movimento que realmente pode fazer isso. Portanto, vale a pena perguntar que tipo de ética nos tornaria mais propensos a vencer. Aqui estão algumas regras simples que nos darão uma vantagem. Se as seguirmos consistentemente, elas tornarão o nosso movimento cada vez mais formidável.

POPULISMO E ELITISMO

O nacionalismo branco é *populista* no sentido de que acreditamos que um regime só pode ser legítimo se representar o bem comum de um povo, significando os interesses de todo o corpo político, não apenas de uma parte. Populismo não significa envolver-se com pessoas folclóricas, incultas e direcionadas para pessoas abaixo da média. Isso é apenas uma paródia elitista. O populismo representa todo o corpo político.

O nacionalismo branco também é *elitista*, porque acontece que a melhor maneira de representar os interesses de todo o corpo político é através de um movimento elitista. Precisamos atrair o melhor do nosso povo para lutar por *todos* eles.

Todas as sociedades são governadas por elites. A única questão é se eles governam no interesse de todos ou em seus próprios interesses. Actualmente, as nações brancas são governadas pela elite mais rica, mais poderosa e mais diabolicamente má da história da humanidade. Quando Platão e Aristóteles compilaram seus catálogos de más formas de governo, nenhum deles imaginou um regime tão mau que fosse capaz de se dedicar à substituição da sua própria população por estrangeiros. Os nossos governantes também são surpreendentemente degenerados, ilusórios e corruptos. Mas ainda não somos par para eles numa luta puramente política.

Para vencer nossa elite actual, os nacionalistas brancos terão que se tornar uma elite ainda mais formidável. Portanto, toda a nossa gente estará melhor se pudermos atrair o melhor da nossa gente para o nosso movimento. Queremos recrutar pessoas acima da média em inteligência, educação, idealismo, altruísmo, rendimento, gosto e capital social. Nós não somos snobes. Recrutaremos as melhores pessoas, independentemente da origem de sua classe. Mas não venceremos se imitarmos

gangues de rua, skinheads e outros grupos que recrutam do lado esquerdo da curva de sino branca.

Como organizamos um movimento que atrai constantemente pessoas cada vez melhores (um movimento que atinge continuamente níveis mais altos) e então se supera?

O primeiro passo é estabelecer altos padrões e mantê-los. Os nacionalistas brancos são frequentemente bastante paradoxais. Em teoria, somos altamente elitistas. Mas, na prática, temos tolerância quase infinita para com pessoas profundamente defeituosas. A motivação é compreensível: pessoas com consciência racial são raras, por isso valorizamos qualquer pessoa que aparecer no nosso caminho.

Mas precisamos ter mais fé na nossa mensagem: virtualmente todos os brancos têm capacidade de consciência e orgulho raciais. Estamos logo à frente da curva. Mas pessoas de qualidade não serão receptivas à nossa mensagem, e muito menos contribuirão para o nosso movimento, se angariarmos pessoas defeituosas e repulsivas. Toda a pessoa inferior impede que cem pessoas melhores se juntem à nossa causa. E, novamente, seremos mais propensos a construir um movimento que possa representar os interesses de toda a nossa gente se formos altamente selectivos em relação aos nossos membros.

Depois de definir altos limiares de entrada e pisos abaixo dos quais as pessoas não podem descer, ainda precisamos pensar em tectos. Nós não os queremos. Não queremos limites superiores à evolução do nosso movimento. É por isso que precisamos ser bastante cautelosos com os possíveis líderes, porque alguém que aprecia demais o papel de líder desejará cercar-se de inferiores e fracassados, e tentar fugir de pessoas genuinamente superiores que possam desafiar os seus status de líderes. O melhor material de liderança é alguém que nunca busca seguidores, mas procura pessoas que gostaria de seguir.

Felizmente, o movimento nacionalista branco não é um movimento hierárquico unificado que precisa de um único líder. Em vez disso, é uma rede de indivíduos e de organizações. Todas as organizações precisam de hierarquia e liderança. Mas o movimento como um todo não. Pelo menos ainda não. Dado o perigo de um único líder encerrar a evolução ascendente do movimento, prefiro que a qualidade média das pessoas do movimento seja muito maior antes de arriscarmos isso.

Enquanto isso, em vez de esperar por líderes, devemos trabalhar para criar um movimento que possa atrair um líder realmente grande. Encontrar uma pessoa assim é em grande parte uma questão de sorte. Não é algo que possamos controlar. Mas podemos controlar se somos ou não um movimento digno de um líder. Então, até que um líder apareça, descubra como você pode contribuir o máximo que puder. Porque se você está na retranca, observando e esperando um líder antes de começar a contribuir para a causa, isso pode ser derrotista. Sem os seus esforços, o movimento pode nunca irá atrair o tipo de líder que você está à espera.

CORTESIAS BÁSICAS

Uma das maiores prioridades do movimento nacionalista branco é destruir o tabu contra a política de identidade branca. A única maneira de derrubar um tabu é desafiá-lo abertamente. Um tabu retém o seu poder se as pessoas o rejeitarem em privado, mas não em público. Assim, para que o movimento triunfe, precisamos de nacionalistas brancos explícitos. No entanto, existem sérias consequências sociais por serem nacionalistas brancos explícitos. As pessoas podem perder os seus empregos, famílias e capital social. Portanto, é inevitável que as primeiras ondas de nacionalistas brancos explícitos tendam a ser pessoas psicologicamente excêntricas e com pouco a perder.

Entretanto, o movimento nunca vencerá, a menos que possamos obter o apoio de pessoas com mais perfil psicológico e acima da média em educação, rendimentos, capital social, etc. Infelizmente, essas pessoas têm ainda mais a perder ao associarem-se abertamente com nacionalismo branco.

Portanto, se o nosso movimento se tornar poderoso o suficiente para vencer, também precisamos criar um lugar para agentes secretos, que podem contribuir clandestinamente para o movimento sem destruir suas vidas normais. O movimento seria mais fraco, não mais forte, se todos em uma posição vulnerável se expusessem e permitissem que o sistema os destruísse. Para trazer essas pessoas para o movimento, precisamos respeitar o desejo de privacidade seguindo duas regras simples:

1. Cada indivíduo determina seu próprio nível de explicitação e envolvimento.
2. Todos os demais devem respeitar essas decisões.

O primeiro princípio reconhece que cada pessoa é responsável por sua própria segurança e privacidade. Tanto on-line como na vida real, inevitavelmente encontraremos tanto os infiltrados inimigos, como os malucos sinceros. Ambos os grupos são bastante perigosos. Portanto, cada indivíduo precisa determinar seu próprio equilíbrio de cautela e risco.

O segundo princípio equivale a um pedido de caridade na interpretação dos motivos das pessoas por serem discretas. Pessoas de bom caráter têm boas razões para serem discretas. Pessoas de qualidade não vão juntar-se a um movimento repleto de paranoicos que os acusam dos motivos mais obscuros (covardia e traição) para proteger suas identidades. Pessoas sensatas temem a exposição e voltam lentamente para fora da sala.

No entanto, mesmo que sempre respeitemos as decisões das pessoas de permanecerem anónimas, devemos sempre tentar levar as pessoas a expandir suas zonas de conforto: fazer mais pela causa e fazê-lo de forma mais explícita. Quando

vencermos, será seguro que todos sejam nacionalistas brancos explícitos. Antes de vencermos, será arriscado. Mas nunca venceremos sem pessoas dispostas a correr riscos. Incentivaremos as pessoas a assumir mais riscos. Mas nunca atrairemos pessoas de qualidade, a menos que elas tenham certeza de que não iremos colocar riscos para elas.

Como uma cortesia recíproca, os agentes secretos nacionalistas brancos também precisam observar duas regras:

1. Há uma razão pela qual a primeira onda de nacionalistas brancos explícitos tende a ser excêntrica e com muito pouco a perder. Não se preocupe.
2. Não se preocupe com questões de segurança excessivamente, especialmente em público, para que você não seja visto pelos outros com um paranoico, o que prejudica nossos esforços para incentivar uma maior abertura e comprometimento.

PROMOVENDO A COOPERAÇÃO E EVITANDO O SECTARISMO

No momento, o nacionalismo branco é um movimento da direita. Mas venceremos quando a política de identidade branca se tornar o senso comum de toda a cultura e todo o espectro político, esquerda, direita e centro. Esse dia chegará mais cedo se pudermos cooperar com círculos cada vez mais amplos de brancos com consciência racial. Alguns dos benefícios da cooperação incluem:

- Aprender com as experiências (e com os erros) de outros.
- Não desperdiçar recursos escassos duplicando os esforços e competindo com os eventos e produtos de outros nacionalistas. Precisamos de cartelização, e não competição destrutiva.
- Adjudicar disputas de maneira equitativa (e silenciosa) ou evitar ambas.
- Colaborar entre si para realizar tarefas grandes demais para serem realizadas por conta própria.

Para tornar essa cooperação possível, precisamos simplesmente aprender a trabalhar com pessoas que compartilham as nossas opiniões sobre política de identidade branca, mas não compartilhe nossas opiniões sobre toda uma série de outras questões. E, à medida que nosso movimento cresce com mais sucesso ao penetrar e mudar toda a cultura, a política de identidade branca poderá ser a única coisa que nos una.

É claro que continuaremos a ter opiniões apaixonadas e discordâncias sobre outros tópicos. Mas precisamos estar dispostos a deixar isso de lado para trabalhar com outras pessoas para o bem maior de nossa raça. Esse simples truque é a chave para garantir a maior cooperação e coordenação possível entre os defensores brancos, criando um movimento maior, mais poderoso e com maior probabilidade de salvar a nossa raça.

O principal inimigo dessa cooperação é o que chamo de sectarismo. Há pessoas que insistem em combinar o nacionalismo branco com uma lista de complementos de direita Cristianismo, paganismo, tradicionalismo radical, revisionismo do holocausto, etc. Além disso, eles insistem que essas questões periféricas são essenciais ao preservacionismo branco, transformando-as em testes decisivos de polarização e “shibboleths” (uma espécie de palavras senha). É garantido que essa abordagem cria um movimento menor, mais fraco, mais burro, mais pobre e menos eficaz (mas mais “puro”) quando precisamos seguir exatamente na direção oposta.

Esse comportamento é frequentemente descartado como “a espiral da pureza”. Mas a pureza não é um problema. O problema está falhando em distinguir entre o que é essencial e o que é periférico à política de identidade branca. Nós devemos manter os nossos princípios básicos puros. O erro é também exigir pureza em assuntos marginais.

Há uma diferença entre uma ideologia política e um movimento político. Uma ideologia política é definida pelos primeiros princípios filosóficos. Um movimento político é definido por seus objetivos e avaliação das realidades políticas. É possível que as pessoas participem do mesmo movimento político por uma grande variedade de razões ideológicas. Insistir que todos temos as mesmas razões é a fonte do sectarismo.

Se o nosso movimento crescer, precisamos desencorajar essas tendências sectárias. Actualmente, elas são da direita, porque é aí que nosso movimento começou. Mas sectarismo de esquerda vai inevitavelmente surgir à medida em que o nosso movimento cresce para abranger todo o espectro político.

Acabar com sectarismo também acabará com os intermináveis debates sem sentido sobre “expurgos” e “entradas”. Um partido político precisa de se preocupar com as entradas e pode realizar expurgos. Mas o nacionalismo branco é principalmente um movimento virtual sem fronteiras claras entre “dentro” e “fora”. Portanto, ele não pode proteger-se contra os que aderentes nem eliminar os dissidentes. Tudo isso é conversa fiada quando alguém se pode tornar um “membro” do nosso movimento simplesmente configurando uma conta no fórum e quando alguém pode se tornar um “líder” simplesmente iniciando um site, podcast ou canal do YouTube.

DESACORDO E COLEGIALIDADE

O movimento pró-branco deve ser tão pluralista quanto a sociedade que estamos a

tentar mudar. Nós estaremos unidos por nosso objetivo comum de salvação racial. Mas teremos todo o tipo de diferenças em questões menos essenciais, como estilo e tática, bem como os inevitáveis choques de personalidade.

Então, como lidamos com essas divergências?

Uma sugestão, nos nossos círculos é que nunca devemos lutar entre nós. Nunca devemos "dar um soco", porque desaprovar-nos uns aos outros, mas invés disso apresentar-nos unidos para o mundo. Isso parece razoável. Quando estiver em ataque, você deve esforçar-se para unir o seu acampamento e semear discórdia entre os seus inimigos.

Mas existem ressalvas importantes.

Primeiro, há uma diferença entre a luta física e a batalha de ideias. Se o nosso povo está sendo agredido, domado ou perseguido pelo Estado, devemos sempre ajudar em seu auxílio, independentemente das diferenças de personalidade ou princípio. (Claro que só deve vir em auxílio das vítimas inocentes. Se for em auxílio de pessoas imprudentes com um registo de se meterem em encrencas, e que criam um acaso moral, ora não podemos permitir a essas pessoas monopolizar recursos escassos).

Em segundo lugar, na batalha de ideias, não faz sentido exigir que apresentemos uma frente unida, principalmente em questões em que existem verdadeiras discordâncias de princípios. Não é "divisivo" discordar sinceramente de alguém. Novamente, o nosso objetivo é a hegemonia das ideias pró-brancas. Desejamos mudar todo o espectro cultural e político. O que exige que envolvamos todo o espectro cultural e político. Mas isso significa que não podemos concordar um com o outro em todas as questões, nem esconder as nossas divergências. De facto, declarar as nossas divergências é como diferenciamos as nossas abordagens perante o público.

O nosso movimento precisa cultivar muitas vozes diferentes, abordando muitos públicos diferentes e empregando muitas estratégias diferentes. Então, obviamente, nem todos podem dizer a mesma coisa. Temos que discordar um do outro abertamente. Temos que estabelecer limites abertamente. Temos que nos criticar um ao outro abertamente. Ser aberto e franco sobre as nossas diferenças é, portanto, essencial para o crescimento de nossa causa.

Para além de que, o nosso movimento hoje é principalmente intelectual e cultural. O debate espirituoso é o sangue vital de tais movimentos. É o que nos torna mais interessantes e atraentes do que o mainstream cultural, onde a vida da mente é sufocada pelo politicamente correto.

Mas existem boas e más maneiras de declarar desacordos. A boa maneira é adoptar um tom civilizado e caridoso, fornecer a leitura mais generosa possível de uma posição oposta e oferecer razões sólidas (factos e argumentos válidos) para a superioridade da própria visão. A maneira má, é adoptar um tom paranoico e agressivo, fornecer leituras invejosas de posições opostas e jogar rápido e à solta com factos e lógica. Não deve haver tabus em criticar outras pessoas e posições no

movimento. Os únicos tabus devem ser contra as más ideias, os maus argumentos, as más maneiras e a má fé.

Discordância intelectual baseada em princípios, defesa de ataques e convocação de pessoas para prejudicar o movimento são motivos legítimos para debates públicos. Vinganças inúteis e meramente pessoais não são. Mas não se recusar a evitar as divergências em nossas fileiras contraria o princípio de evitar o sectarismo? Não propriamente. Novamente, há uma diferença entre um movimento político e uma seita ideológica. Um movimento político é definido por seus objetivos e análise das realidades políticas. Uma seita ideológica é definida pelos seus primeiros princípios. É possível que as pessoas apoiem o mesmo movimento político por muitas razões diferentes. Um debate espirituoso, mas civil, sobre essas razões realmente torna o nosso movimento mais atraente para as pessoas que estamos a tentar converter.

Isto só se torna um problema se as pessoas não conseguem deixar de lado essas divergências quando é hora de trabalhar em tarefas comuns. A virtude da colegialidade é o que permite que pessoas com opiniões diferentes trabalhem juntas para o bem comum. A colegialidade é particularmente importante no nosso movimento, uma vez que é o tipo de cooperação que existe entre actores independentes, em oposição às pessoas em organizações hierárquicas, que podem simplesmente ser ordenadas. A colegialidade é o que permite que professores, prelados e políticos parem de debater e comecem a trabalhar juntos quando necessário.

A falta do conceito de colegialidade é uma das razões pelas quais as pessoas em nosso movimento desejam impor tabus contra debates e desacordos, uma vez que não conseguem entender que o debate intelectual pode ser combinado com colaboração prática.

Uma das razões pelas quais nosso movimento é tão frágil e não colegial é que nos faltam projetos comuns e um senso de impulso para a frente. A campanha de Trump de 2016 foi o ponto alto da colegialidade do movimento. Depois que recuperarmos esse senso de propósito comum, impulso e optimismo, as pessoas estarão mais dispostas a trabalhar juntas.

IDEALISMO, DEDICAÇÃO E AUTO-SACRIFÍCIO

Uma questão perene debatida pelos direitistas americanos é: "Porquê a política desloca-se continuamente para a esquerda?"¹ Isso indica que os esquerdistas têm uma vantagem sistemática sobre a direita. Eu acredito que a vantagem é essencialmente moral. Mas a esquerda é maligna e a direita é benigna, então como é que a esquerda pode ter uma vantagem moral sobre a direita? Porque os esquerdistas são capazes de mobilizar virtudes morais para fins maus. Os esquerdistas são, em média, mais idealistas, dedicados e abnegados do que os direitistas. Eles estão dispostos a trabalhar mais e sacrificar mais para realizar os seus ideais. E, sendo as outras coisas

iguais, a equipe que conseguir reunir essas informações em maior grau vencerá.

O principal obstáculo da direita é a moralidade burguesa. O espírito burguês sustenta que o bem maior é uma vida longa, confortável e segura. Por outro lado, o ethos aristocrático tem a honra como o valor mais alto, pelo qual o aristocrata está disposta a sacrificar sua vida e a sua riqueza. (O homem burguês, por seu lado, está muito disposto a sacrificar sua honra para buscar a riqueza e prolongar sua vida). O ethos burguês também se opõe à disposição dos idealistas de morrer por princípios, sejam religiosos, políticos ou filosóficos. A esquerda, embora o seu sistema de valores seja inteiramente materialista e não heroico, ainda consegue mobilizar o idealismo e o heroísmo porque nega com desprezo o homem burguês. Como movimento, precisamos cultivar os idealistas que levam a sério os princípios e os guerreiros que estão dispostos a lutar e, se necessário, morrer pelo nosso povo. Somente essas pessoas têm força moral para começar a puxar o espectro político de volta à direita (ou, melhor) em uma direção pró-branca. Na sua dedicação e liderança, o ex-comunista Douglas Hyde, oferece algumas sugestões valiosas para recrutar e cultivar idealistas políticos.²

Primeiro, os jovens tendem a ser idealistas; portanto, esforços especiais devem ser focados no recrutamento de jovens.

Segundo, se você deseja obter muito das pessoas, exija muito delas. O Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos não tem escassez de recrutas porque a sua propaganda de recrutamento enfatiza o sacrifício e a disciplina, não as vantagens de ser membro.

Terceiro, aspire elevado. Se alguém pede às pessoas que se comprometam com tudo, é preciso apresentar boas razões. Objetivos grandiosos são apenas um problema se não houver nada concreto que se possa fazer aqui e agora para realizá-los. Mas se alguém pode forjar esse elo, mesmo a mais humilde labuta repentinamente assume um significado mais profundo e elevado.

Uma vez perguntei a um grupo de nacionalistas brancos porque eles haviam se reunido. Havia muitas respostas: conhecer novas pessoas, fazer contactos, ver velhos amigos, etc. Esses motivos eram suficiente bons para levá-los até lá. Mas então eu ofereci uma razão melhor: salvar o Mundo. Os nacionalistas brancos não estão apenas a lutar para salvar a raça branca, pois o bem-estar de todo o Mundo depende do nosso triunfo. Se nós percermos, também pereceram as baleias, os condores, os tigres e as florestas tropicais. Portanto, da próxima vez que você comparecer a uma reunião nacionalista branca, lembre-se de que está salvando o mundo. Isso tornará o trajeto um pouco mais fácil e o estacionamento será menos complicado.

Exigir dedicação heroica a uma causa superior não drena as pessoas, mas as energiza. Não esvazia as suas personalidades, mas aprofunda-as. Aqueles que vivem sozinhos têm uma vida menos significativa do que aqueles que se dedicam a uma causa superior.

Quarto, seja a melhor versão possível de si mesmo. Não há contradição entre ser um bom nacionalista branco e ser bom em todas as outras áreas da vida. Se você quer ser um bom nacionalista branco, também precisa ser um bom aluno, um bom trabalhador, um bom empregador, um bom artista, uma boa esposa, um bom pai e um bom vizinho.

Um é um defensor mais credível e eficaz do nacionalismo branco, e se for bem visto em outras áreas da vida. As relações pessoais com indivíduos exemplares são geralmente mais importantes que a ideologia no recrutamento de novas pessoas para uma causa política.

Além disso, se alguém achar que os seus compromissos políticos estão interferindo na excelência em outras áreas da sua vida, será necessário reduzir e recuperar o equilíbrio. Isso evita que os activistas se esgotem e os mantém na luta.

Somente o idealismo pode impulsionar um movimento. Somente o idealismo pode sustentá-lo em tempos difíceis. Mas um movimento que depende inteiramente do idealismo queimará as pessoas e fracassará. Assim, também temos que incorporar recompensas pessoais ao activismo. Precisamos oferecer amizade e comunidade; precisamos pagar às pessoas pelo seu trabalho, não apenas confiar no voluntariado; precisamos criar instituições economicamente auto-sustentáveis, não apenas instituições de caridade; precisamos combater os exércitos profissionais de negros, mestiços e judeus, com alguns advogados brancos profissionais, em tempo integral.

A LACUNA DA INTENSIDADE

Em "The Second Coming", W. B. Yeats, descreve brilhantemente uma cultura decadente à beira do colapso. Duas linhas são especialmente relevantes para a nossa causa:

*Os melhores não têm convicção, enquanto os piores
Estão cheios de intensidade apaixonada.*

Para Yeats, a civilização está sempre ameaçada pelas forças do caos. Os melhores são os defensores da civilização, são as rolhas na boca do inferno. O pior é a multidão que derrubaria a civilização se lhe dessem a chance. O que acontece quando os melhores não sentem mais um apego apaixonado à civilização? O que acontece quando esses homens têm que lutar contra uma multidão animada por uma apaixonada intensidade? Obviamente, outras coisas são iguais, o submundo será desencadeado, a multidão triunfará e a civilização cairá.

A mesma disparidade existe no nosso movimento hoje. Durante as minhas quase duas décadas na cena nacionalista branca, eu vi desastres após desastres causados por manivelas e dobras energéticas. Elas poderiam ter sido paradas. Mas os melhores homens do movimento careciam da convicção e intensidade emocional necessária

para se oporem a eles.

O nosso movimento nunca chegará a nada, a menos que os melhores de nós aprendam a casar com um bom caráter e julgamento com intensidade emocional apaixonada.

Hoje, é o sistema multicultural moderno que é decadente e oscila à beira da destruição. Hoje são os piores (as nossas elites dominantes) que carecem cada vez mais de toda convicção. Esta é uma oportunidade enorme. Se o melhor de nós puder colocar o movimento no rumo certo e reunir a intensidade emocional suficiente, outras coisas serão iguais e podemos vencer.

1 Ver Greg Johnson, "Metapolitics and Occult Warfare", in New Right vs. Old Right (San Francisco: Counter-Currents, 2014).

2 Douglas Hyde, Dedication and Leadership (South Bend, Ind.: University of Notre Dame Press, 1966).

A RELEVÂNCIA DA VELHA DIREITA

Qual é a relevância do que hoje chamo de Velha Direita (Nacional Socialismo alemão, Fascismo italiano e movimentos Nacional Populistas, entre guerras) para o nacionalismo branco de hoje? A questão nem sequer surgiria, é claro, se não houvesse conexão alguma. Muitas ideias nacionalistas brancas são descendentes diretos das ideologias da Velha Direita ou são primos, o que significa que compartilham ancestrais comuns, que são ramos da mesma árvore ideológica.

É isso que eu retiro da Velha Direita:

1. **Nacionalismo sobre globalização:** A Antiga Direita coloca a preservação e o florescimento de povos historicamente existentes à frente dos imperativos de ideologias universais como o liberalismo e o comunismo e as tendências homogeneizadoras de instituições globalizadas como o mercado.
2. **O bem comum** sobre a liberdade individual: A Velha Direita coloca a saúde do corpo político à frente da liberdade individual e da auto-expressão. Ainda se pode valorizar a liberdade, a vida privada, a individualidade e o empreendimento privado, mas apenas na medida em que promovam uma sociedade saudável.
3. **A biologia é central para a política.** O individualismo liberal simplesmente não se importa com as tendências demográficas ou disgênicas que estabelece, porque caso se importe com essas coisas é "coletivismo". A Velha Direita viu que a saúde do corpo político tem tudo a ver com as tendências demográficas de longo prazo e assumiu a responsabilidade de promover as positivas, e não as negativas. Assim, a Velha Direita promoveu fortes laços familiares, crescimento populacional saudável e incentivou os mais saudáveis e inteligentes a terem famílias numerosas.
4. **A brancura** é uma condição necessária da identidade europeia. Há mais em ser francês ou alemão do que apenas ser branco, mas nenhum não-branco pode ser francês, alemão ou membro de qualquer outro povo europeu. Assim, não podemos preservar as nações europeias sem preservar sua base racial.

5. *Os judeus são um povo distinto* que, portanto, pertence à sua própria terra natal, em vez de espalhado entre os povos europeus. E se isso não fosse motivo suficiente para nos separarmos, os judeus têm uma longa história de promoção de valores e políticas que são objetivamente prejudiciais para os brancos.

Obviamente, uma vez que todas essas ideias são baseadas na realidade, elas não são exclusivas da Velha Direita. Os três primeiros princípios, por exemplo, eram simplesmente senso comum político antes do Iluminismo. Pode-se chegar a todos esses cinco princípios com base na própria experiência e raciocínio, ou através de outras tradições intelectuais e políticas. Assim, não há conexão necessária entre o nacionalismo branco moderno e a Velha Direita. E essa é a resposta adequada para aqueles que desejam descartar o nacionalismo branco, vinculando-o aos nazistas ou fascistas: não necessariamente.

Por exemplo, na minha própria biografia intelectual, cheguei aos três primeiros princípios através do estudo da filosofia política clássica. Cheguei ao realismo racial e à consciência da questão judaica por meio de observação, conversas com amigos como Richard J. Herrnstein e livros de leitura como *The Bell Curve*, de Charles Murray, e *The Culture of Critique*, de Kevin MacDonald. E foi apenas com base nesse pano de fundo que eu pude ver a verdade e o valor na Velha Direita.

É claro que isso não implica que eu não tenha aprendido nada com a Velha Direita. Primeiro, a Velha Direita fazia sentido dentro da minha visão de mundo. Em seguida, acrescentou à minha visão de mundo. Mas nunca se tornou a minha visão de mundo. E essa mesma visão de mundo também me deu uma distância crítica a partir disso.

O nacionalismo branco difere da Velha Direita em três formas principais.

Primeiro, somos nacionalistas universais, o que significa que acreditamos que o etno-nacionalismo é bom para todos os povos. Assim, opomo-nos ao imperialismo, enquanto os regimes da Velha Direita praticavam o imperialismo contra os seus colegas europeus, e também para com os não-brancos. Defender o imperialismo é basicamente dizer aos seus vizinhos que você não está acima de um pequeno assassinato e roubo quando lhe convém. Mas isso não é maneira de construir solidariedade entre as nações brancas ou um planeta pacífico em geral, na medida em que isso seja possível.

Segundo, dado que os nacionalistas brancos hoje estão preocupados com o bem estar da nossa raça, como um todo e em todas as suas partes étnicas constituintes, não faz sentido identificar o nacionalismo branco com qualquer regime específico da Velha Direita, uma vez que esses regimes perseguiram os seus interesses nacionais particulares em detrimento de outros povos europeus. Por exemplo, identificar o nacionalismo branco com o nacional socialismo alemão é uma tática auto-destrutiva ao lidar com os polacos ou com os ucranianos, independentemente do facto de uma

minoria dessas nações ter uma mente ampla o suficiente para compartilhar essas atitudes, ou pelo menos tolerá-las.

Terceiro, a Velha Direita nasceu na luta contra o bolchevismo e adotou o modelo de organização e as táticas dos bolcheviques para vencê-los, por exemplo, o partido paramilitar e o estado totalitário, incluindo o terrorismo e o assassinato em massa como ferramentas de política. Imitar tais políticas hoje, no entanto, é ineficaz (para não falar das considerações morais). A hegemonia da esquerda no pós-guerra não foi estabelecida pelos meios bolcheviques, mas através da subversão institucional e cultural. Assim, a Nova Direita deve combatê-los através da renovação institucional e cultural. Essa é a base da estratégia metapolítica da Nova Direita.

Os novos direitistas não se opõem a levar uma arma para um tiroteio, mas nós opomo-nos a levar uma arma para o que agora é essencialmente uma batalha de ideias.

Em suma, a Velha Direita é altamente relevante para o nacionalismo branco em termos de sua estrutura analítica e objetivos políticos, mas rejeitamos o imperialismo em favor do nacionalismo universal e do modelo de organização bolchevique e métodos para a metapolítica.

Então, como é que os nacionalistas brancos hoje devem abordar a Velha Direita? Da mesma maneira que devemos abordar qualquer tradição ou corpo de pensamento: com uma mente aberta, mas crítica. Primeiro, obtenha educação (entenda-se conhecimento) e experiência suficientes para formar a sua própria visão de mundo, e entender quem você é e exercitar um julgamento adulto. Depois, apoiando-se nesse fundamento, examine a Velha Direita, incorpore o que é verdadeiro e útil, e rejeite o que não é e siga em frente. Essa abordagem requer auto-consciência, autenticidade e fundamentação na sua própria identidade e visão de mundo.

O engajamento menos produtivo com a Velha Direita é quando as pessoas que não têm uma visão de mundo própria, vão à procura de um sistema completo e pronto de ideias que possam adotar como um pacote. Exemplos comuns nos nossos círculos incluem catolicismo, ortodoxia, tradicionalismo e nacional socialismo. As ideias da Velha Direita são adoptadas essencialmente como dogmas religiosos, nos quais se alia aos pensamentos e julgamentos dos outros, em vez de desenvolver os seus próprios.

O perigo é que essas pessoas se apeguem e repitam ideias e estratégias que já não são mais justificadas (se é que alguma vez foram), e não terão a experiência e as habilidades de pensamento crítico necessárias para superá-las. Eles também não têm a base (na realidade actual) necessária para aplicar essas ideias de forma produtiva. O resultado usual são as pessoas estridentes, inseguras e briguentas que povoam os fóruns da Internet e os tópicos de comentários. Contudo, experimentar tamanhas ideias é parte do crescimento intelectual e da exploração, e a exposição à experiência de contra argumentos geralmente tende a amadurecer essas pessoas.

Outro engajamento improdutivo com a Velha Direita não é apenas adotar um sistema de ideias prontas, mas identificar-se imaginariamente com o Terceiro Reich ou outro regime fascista passado. Isso vai muito além de aprender as lições da História para aplicá-las ao presente e, em vez disso, torna-se escapismo, uma maneira de fugir do presente ao invés de transformá-lo, uma maneira de combater as batalhas do passado, que não podem ser mudadas, e evitar as batalhas do presente, em que o futuro da nossa raça está em jogo. Acusar essas pessoas de “LARP'ing” é geralmente um elogio imerecido, porque essa representação raramente leva à "ação ao vivo" de qualquer espécie.

Também há algo profundamente inautêntico na identificação com um regime passado, especialmente se for estrangeiro. O nacionalismo branco é uma forma de política de identidade. Para ser uma política de identidade real, no entanto, ela deve basear-se numa identidade real. Não somos apenas criaturas do nosso próprio tempo e lugar, pois rejeitamos as identidades falsas e sem sentido que o sistema actual nos oferece: indivíduos degradados, cidadãos do universo, filhos do nada, definindo-nos pelos produtos que consumimos e descartamos. Em vez disso, nossa identidade é definida por toda a nossa linhagem biológica e cultural, que nos conduz aos dias actuais e não pode ser redireccionada para outro momento e local.

Rejeitamos a "identidade" moderna porque é falsa, porque não se encaixa em nós, porque nos torna infelizes e baixos. Mas o individualismo moderno só pode ser falso se já tivermos uma identidade real, embora possamos estar em grande parte inconscientes de quem realmente somos. Portanto, a resposta para o mal estar moderno é descobrir quem somos e viver de acordo, para ser autêntico e não falso. Não é uma resposta simplesmente substituir a identidade falsa predominante por algo igualmente falso, mas apenas mais excêntrico ou marginal. Adotar sistemas de ideias fora da caixa ou viver no passado, são sintomas de falta de raízes e não soluções para isso.

Felizmente, os nacionalistas brancos de todas as nações não precisam olhar muito para trás na história das suas próprias pátrias para encontrar sábios e estadistas importantes que acreditavam no que acreditamos hoje. Muitas das leis que propomos já estavam registadas na maioria dos países brancos. Um autêntico movimento etno-nacionalista precisa se enxertar nas tradições vivas da sua própria pátria, não em importações exóticas ou ideologias tóxicas e altamente estigmatizadas.

Contra aqueles que fazem de conta que a Velha Direita nunca existiu, ela tem muito a ensinar-nos. Mas isso faz parte do passado. Está morto e precisa continuar assim. Quem quer que o reviva é culpado de vários erros graves: anacronismo, porque estamos agora numa batalha de ideias; advogando políticas patentemente imorais, como o imperialismo; falta de raízes e falta de autenticidade, por se identificar com ideologias e nações estrangeiras, em vez de buscar uma base para as políticas nacionalistas nas suas próprias tradições políticas¹ e, finalmente, comportamento auto-marginalizador e auto-destrutivo no exacto momento em que o grande público nunca foi tão receptivo às nossas ideias. Precisamos levar a sério, antes de perder o

momento histórico e nossa corrida escorregar além do ponto de não retorno. Muitos revivalistas da Velha Direita sentem essa urgência ardente, mas se não tivermos tempo para fazer a coisa certa, fazer a coisa errada não nos salvará.

1 No caso dos alemães, contudo, eles têm de ser altamente selectivos a respeito das suas próprias tradições de direita.

O NACIONALISMO BRANCO É INEVITÁVEL

O nacionalismo branco é a reação inevitável dos brancos que estão sendo etnicamente limpos das nossas pátrias. É claro que a maioria das pessoas não é tão vulgar ao ponto de exigir explicitamente a limpeza étnica dos brancos. Em vez disso, eles usam eufemismos como "diversidade" e "multi-culturalismo". Sempre que um negócio, uma igreja, uma escola ou um bairro se torna mais "diverso" ou "multi-cultural", isso significa simplesmente menos brancos e mais não-brancos.

Substituir não-brancos por brancos nunca é elogiado como diversidade ou multi-culturalismo. Quando acontece em um bairro não-branco, é denunciado como "gentrificação". Quando acontece em um país não-branco, é condenado como "imperialismo" e "colonialismo" ou mesmo "limpeza étnica" e "genocídio". Os não-brancos conseguem manter os seus espaços, mas os brancos não. O que é deles, eles mantêm. O que é nosso, é negociável.

Como diversidade significa nada mais do que a substituição de brancos por não-brancos, o que é limpeza étnica, e todas as principais instituições da nossa sociedade estão a promover activamente a diversidade, obviamente que uma reação foi inevitável.

Para apreciar esse facto, nós não precisamos entrar nos argumentos a favor ou contra a diversidade. Nós não precisamos falar de biologia, história, sociologia ou economia. Nós não precisamos saber qual dos lados está certo. Tudo isso pode vir depois. No momento, tudo o que precisamos reconhecer é que os brancos, como qualquer outro animal saudável, reagirão quando sentirmos que estamos sendo atacados.

Quando os brancos percebem que estamos sendo atacados como um grupo, outras questões políticas, incluindo as mais controversas que nos dividem, parecerão menos importantes. Por outro lado, o que temos em comum (a nossa identidade racial e étnica), é o alvo nas nossas costas, o qual não podemos retirar porque é parte de nós mesmos, que se torna mais importante.

Numa sociedade homogénea, a política trata de diferentes concepções do bem comum, porque numa sociedade homogénea, os cidadãos têm muito em comum. Muitas vezes tomamos isso como garantido. De facto, raramente notamos isso até que a diversidade e o multi-culturalismo sejam lançados sobre nós.

Numa sociedade multi-cultural, as únicas coisas que as pessoas têm em comum são um território e um sistema político e económico, no qual grupos organizados que

compartilham uma identidade comum lutam entre si por poder e recursos.

O nacionalismo branco é uma política de identidade para os brancos, e inevitavelmente surgirá quando as sociedades anteriormente brancas se tornarem sociedades multi-raciais. Só cessará quando o multi-racialismo for substituído por sociedades brancas racial e etnicamente homogêneas novamente.

O nacionalismo branco, no mínimo, é a política de identidade branca no contexto de uma sociedade multi-racial. Os brancos inevitavelmente organizar-se-ão para preservar nossa riqueza, poder e comunidades, de depredações não-brancas. Essa política nacionalista branca nem precisa ser explicitamente racial. De facto, quando o Nacionalismo Branco surge pela primeira vez, ele raramente está disposto a confrontar diretamente o tabu contra a identidade racial, de modo que abraça o nacionalismo cívico e não racial e persegue os interesses brancos sob o disfarce de princípios universais como direitos e legalidade.

No entanto, mesmo os sentimentos mais nacionalistas e tímidos, até aos mais nacionalistas brancos auto-contraditórios e derrotistas, foram poderosos o suficiente para levar o Brexit a referendo e impulsionar Donald Trump à presidência dos EUA. E de facto, esse nacionalismo branco implícito é o princípio animador dos crescentes movimentos nacionais populistas por todo o mundo branco.

À medida que os populistas nacionais acumulam vitórias, passaremos inevitavelmente da advocacia racial implícita para a explícita, e passaremos da defesa para o ataque. Não vamos apenas parar a desapropriação branca, vamos revertê-la. Exigiremos bons bairros brancos, escolas, empresas, comunidades e países, e obtê-los requer a substituição de não-brancos por brancos.

Neste ponto, o nacionalismo branco chegará a uma bifurcação na estrada. O garfo esquerdo preservará as sociedades multi-culturais, mas colocará os brancos firmemente no comando e restaurará as super maiorias brancas. Essa é a opção da supremacia branca, com a qual os nacionalistas cívicos estão logicamente comprometidos, porque para eles a bifurcação certa é moral e politicamente assustadora.

A rota da direita abraça o significado e o ímpeto mais profundo do nacionalismo branco. Rejeita a diversidade inteiramente a favor da ideia do etno-estado. Está disposto a mover povos e fronteiras para criar pátrias raciais e étnicas homogêneas para todos os povos europeus que aspiram à auto-determinação. Este é o objetivo final do nacionalismo branco como eu o concebo.

A Europa é a pátria de nossa raça. Nenhuma outra raça tem qualquer reivindicação legítima. Portanto, não há absolutamente nenhuma razão para que as nações da Europa não removam todos os não-brancos. No caso dos Estados Unidos e de outras sociedades europeias de colonos, a justiça exige alguma acomodação para os remanescentes de povos indígenas e descendentes de escravos negros, preferencialmente dando-lhes pátrias autónomas.

No caso dos EUA, estou disposto a considerar aproximações nacionalistas cívicas do etno-estado como compromissos temporários e convenientes com a realidade política. Por exemplo, acredito que os nacionalistas brancos devam promover seriamente uma nova política de imigração / emigração, que visa retornar ao status étnico de 1965, que foi, em muitos aspectos, o auge da civilização americana. O objetivo seria simplesmente apagar o erro catastrófico de terem aberto as nossas fronteiras para o Terceiro Mundo. Essa transformação pode ocorrer gradualmente, com o ano de 2065 como a data prevista para a conclusão. Este tipo de proposta pode até receber a aprovação de muitos não-brancos, porque dá lugar ao seu tipo no futuro da América. Enquanto os brancos tivessem total liberdade para se desassociar de outras raças, o resultado seria uma sociedade nacionalista branca de facto para a grande maioria dos brancos.

Mas não há garantia de que uma sociedade tão segregada racialmente não se torne complacente, depois ilusória e devassa, repetindo todos os erros que nos estão a destruir hoje. Assim, os nacionalistas brancos terão que continuar movendo as traves para a realização completa do etno-estado. Não há motivo para deixarmos de exaltar a ideia de uma sociedade completamente homogênea, porque mesmo os nacionalistas cívicos mais tímidos sabem, no fundo do coração, que os Estados Unidos da América seriam um lugar melhor sem negros, mexicanos ou muçulmanos.

Se o nacionalismo branco leva a sociedades supremacistas brancas segregadas ou a etno-estados homogêneos depende de contingências históricas que não podem ser previstas ou controladas. Também é possível que o nacionalismo branco falhe inteiramente em alguns países.

Mas podemos dizer que o nacionalismo branco é inevitável, porque já existe, mesmo que a sua vitória final seja incerta. Não apelamos a noções pseudo-científicas de progresso histórico inevitável, como os marxistas. E embora muitos de nós se inspirem nas visões cíclicas tradicionais e eslovenas da história, também acreditamos que é nosso dever lutar por uma Idade de Ouro, em vez de ceder ao declínio ou contar com forças históricas para fazer o nosso trabalho por nós.

No começo, o nacionalismo branco é tão inevitável quanto um cão abusado que morde o seu carrasco. Além disso, a vitória somente é inevitável se a fizermos.

Há boas razões para optimismo, no entanto, simplesmente porque a diversidade racial e étnica dentro da mesma sociedade são fontes de desunião, conflito e o apagamento de identidades distintas. A limpeza étnica anti-branca só pode ser mantida por mentiras e chantagens morais e, quando estas falham, por intimidação e violência direta. Pode-se desprezar a realidade por um longo período de tempo, contanto que por esse período você possa fazer outras pessoas pagarem o preço. Mas, eventualmente, os regimes multiculturais perdem a sua força através da divisão e do caos e a sua legitimidade através de mentiras e promessas quebradas.

Por contraste, desde que o Nacionalismo Branco está em harmonia com a realidade, a nossa força só aumentará, porque entendemos que ela decorre da unidade racial e

étnica e de falar a verdade. De facto, como as melhores evidências da nossa superioridade serão fornecidas pelo próprio sistema, o Nacionalismo Branco alimentar-se-á essencialmente do declínio do sistema.

O establishment actual já está a trabalhar febrilmente, e quase a 100% da capacidade, para suprimir a política de identidade branca e a consciência racial branca, que estão apenas a começar a se agitar. Porém isso significa que nosso etno-centrismo tem muito mais espaço para crescer do que a sua capacidade de contê-lo. Assim, mesmo um pequeno pico na consciência racial branca pode sobrecarregar a capacidade do sistema de suprimi-lo, é momento em que todas as apostas estão fora.

Eventualmente, as trajetórias do seu declínio e nossa ascensão cruzar-se-ão, e quando a nossa consciência crescente exceder a sua capacidade decadente de nos controlar, então venceremos.

F I M

LEITURAS RECOMENDADAS

Patrick J. Buchanan, *The Death of the West: How Dying Populations & Immigrant Invasions Imperil Our Culture & Civilization* (New York: St. Martin's Press, 2001).

_____, *Suicide of a Superpower: Will America Survive 2025?* (New York: Thomas Dunne Books, 2011).

Ricardo Duchesne, *The Uniqueness of Western Civilization* (Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 2011).

Roger Eatwell & Matthew Goodwin, *National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy* (Pelican, 2018).

Guillaume Faye, *Why We Fight: Manifesto of the European Resistance*, trans. Michael O'Meara (London: Arktos, 2011).

Samuel Francis, *Essential Writings on Race*, ed. Jared Taylor (Oakton, Va.: New Century Foundation, 2007).

Gregory Hood, *Waking Up from the American Dream* (San Francisco: Counter-Currents, 2016).

Greg Johnson, *Confessions of a Reluctant Hater*, second, expanded ed. (San Francisco: Counter-Currents, 2016).

_____, *In Defense of Prejudice* (San Francisco: Counter-Currents, 2016).

_____, *New Right vs. Old Right* (San Francisco: Counter-Currents, 2013).

_____, *Toward a New Nationalism* (San Francisco: Counter-Currents, 2019).

_____, *Truth, Justice, & a Nice White Country* (San Francisco: Counter-Currents, 2015).

_____, *You Asked for It: Selected Interviews*, vol. 1 (San Francisco: Counter-Currents, 2017).

Greg Johnson, ed., *North American New Right*, vol. 1 (San Francisco: Counter-Currents, 2012).

_____, *North American New Right*, vol. 2 (San Francisco: Counter-Currents, 2017).

_____, *The Alternative Right* (San Francisco: Counter-Currents, 2018).

Michael Levin, *Why Race Matters* (Oakton, Va.: New Century Books, 2016).

Richard Lynn, *The Global Bell Curve: Race, IQ, & Inequality Worldwide* (Augusta, Ga.: Washington Summit Publishers, 2008).

Kevin MacDonald, *Cultural Insurrections: Essays on Jewish influence Anti-Semitism, & Western Civilization* (Atlanta: The Occidental Press, 2007).

_____, *The Culture of Critique: An Evolutionary Analysis of Jewish Involvement in Twentieth-Century Intellectual & Political Movements*, revised edition (Bloomington, Ind, 1st Books, 2002).

Steven Pinker, *The Blank Slate: The Modern Denial of Human Nature* (New York: Penguin, 2003).

Robert Putnam, *Bowling Alone: The Collapse & Revival of American Community* (New York: Simon & Schuster 2001).

Wilmot Robertson, *The Dispossessed Majority*, fourth edition (Cape Canaveral, Fl: Howard Allen, 1981).

_____, *The Ethnostate: An Unblinkered Prospectus for an Advanced Statecraft* (Cape Canaveral, Fl: Howard Allen, 1002).

J. Philippe Rushton, *Race, Evolution, & Behavior: A Life History Perspective*, third unabridged edition (Port Huron, Michigan: Charles Darwin Research Institute, 2000).

Frank Salter, *On Genetic Interests: Family, Ethnicity, & Humanity in an Age of Mass Migration* (New Brunswick, N.J.: Transaction Publishers, 2006).

Jared Taylor, *If We Do Nothing: Essays & Reviews from 25 Years of White Advocacy* (Oakton, Va.: New Century Books, 2016).

_____, *White Identity: Racial Consciousness in the 21st. Century* (Oakton, Va.: New Century Books, 2011).

William G. Finlay, *Races In Chaos*. (M. A., D. Sc., F. R. C. O. G.)